

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO
VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS
FACULDADES PAULISTAS

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO - PT

25/02/2015

CPI

**VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES
PAULISTAS**

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

25/02/2015

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A diretora não veio, veio só a senhora que é coordenadora, não é?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Eu sou diretora.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A senhora é diretora? Ai que bom, vamos lá? É que havia uma professora que não poderia vir. Mas têm duas pessoas, duas professoras da Enfermagem, né? Ótimo. Aquela mãe está aqui? A mãe da menina da Enfermagem? Ah, tá aí, então vem pra Mesa.

Você fica ao lado delas hoje?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Fico. Quer água, café?

A SRA. - Água eu aceito.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem advogado acompanhando?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor quer subir? Caso o senhor se sintá...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Caso o senhor se sintá...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pode ficar à vontade pra...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Levantar. Tudo em riba? Todo mundo bem? Vamos lá?

Comissão Parlamentar de Inquérito Violação dos Direitos Humanos das Faculdades Paulistas. Havendo número regimental declaro aberta a vigésima sétima reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída pelo ato número 56 de 2014 com a finalidade de investigar as graves violações dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades do estado de São Paulo, nos chamados “trotés”, festas e no seu cotidiano acadêmico.

Hoje, para iniciar os trabalhos Faculdade de Enfermagem da USP. O nome das professoras, por favor. Secretaria da Comissão, as duas professoras aqui presente. A gente vai ainda montar, mas eu já pra como está muita gente pra depor hoje, muita gente importante. Professora, professoras, eu vou começar a minha fala e depois eu vou passar...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pedir pra elas se apresentarem, porque aí a gente fica com os nomes completos. Empresta a caneta um pouquinho, Marco.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por favor.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por favor, se apresenta.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Pois não. Meu nome é Diná de Almeida Lopes Monteiro da Cruz, sou, estou diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Eu sou a professora Dra. Vilanice Alves de Araújo Pünschel, atual presidente da Comissão de Graduação da escola de Enfermagem da USP.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Muito bem. Pessoal, enquanto a gente começa, não percam a noção da necessidade de quorum pra reconvoçar a sessão do pessoal da Medicina e outros ausentes. Ajuda aqui. Vamos lá?

Bom, com a presença das duas professoras Diná de Almeida Lopes da Cruz e a Professora Vilanice de Araújo Pünschel, coordenadora.

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - É Pünschel. (Risos).

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Desculpa, eu anotei errado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É reconhecido o esforço que a sociedade brasileira está fazendo para coibir os trotes, os abusos, todo esse problema da Faculdade de Medicina. E qual não é a nossa surpresa que nós temos uma

notícia que agora em 2015 as alunas da Faculdade de Enfermagem foram submetidas assim que foram recepcionadas, o presidente do Centro Acadêmico dá até uma entrevista que ele as faz desfilar no "Passo do Elefantinho", né?

No "Passo do Elefantinho", todo mundo sabe o porquê o "Passo do Elefantinho" é feito, eu vou falar, eu vou por a foto, e as meninas tiveram que ir até uma estação de Metrô sendo coagidas com o "Passo do Elefantinho" e todo mundo sabe o que significa esse "passo do Elefantinho" porque as meninas têm que ficar, as meninas e os meninos tem que ficar com a mão pra trás, tocando na genitália e nos órgãos sexuais em pleno 2015.

E nós temos um vídeo da Bateria da Enfermagem, da Bateria da Enfermagem, Koba, ajuda. A Bateria da Enfermagem com aquele cancionista maravilhoso, exemplar, né? Aquela coisa assim, como o Show Medicina que lembra Chico Buarque de Holanda.

Não, e depois nós vamos tratar um assunto um pouco mais apimentado que é o caso daquela menina da Faculdade de Enfermagem que foi barbaramente, barbaramente agredida, e as providências pouco, pouquíssimo avançaram. Pouquíssimo avançaram.

Eu fiz contato no início da CPI, não era nem CPI, era Comissão de Direitos Humanos, e um silêncio total. Então, nós tivemos que requerer e recorrer à convocação. Bom, vamos lá, porque aqui tudo tem que fazer documental pra não dizer que nós estamos fazendo calúnia, vamos lá?

Vai começar pela Bateria? Vamos ver a Bateria. Por favor, Koba, vamos ver a Bateria.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá pra notícia, tem a foto? Vamos lá. Por favor, estou te pedindo, procura as letras da Bateria. Deputada poderia fazer pelo menos esse pequeno resumo da notícia do Elefantinho, essa coisa toda?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O motivo pela qual nós trouxemos todas as universidades, principalmente as que estão da USP que normalmente apresenta com trote violento e muitas vezes barbariza aquilo que poderia ser normal.

Nós nunca tivemos em nenhum momento até 2014 nenhum, nenhum documento, nenhuma coisa que falasse da Faculdade de Enfermagem como algo mais evidente. E aí, o Dr. Zago veio aqui e garantiu que havia passado uma documentação proibindo o trote dentro das dependências da universidade. E ele aqui orientado pelos procuradores e orientado por todas as pessoas que ele mesmo procurou e a própria Procuradoria da universidade, onde o aluno estivesse que o foco, o momento da união fosse a integração da universidade haveria corresponsabilidade. E segundo o professor Zago isso foi dado de orientação a todos os coordenadores e diretores das Faculdades.

E aí nós estamos aqui em franca CPI quando fomos tomados por essa situação de que se a calma imperava na Faculdade de Medicina, a foto que tem o jornal desta matéria era o seguinte, todo mundo de camiseta normal, bonitinho, Medicina, Trote. Todo mundo com uma garrafinha de, eu acho que é Fanta ou alguma coisa e lanche. Esse foi o trote que a Medicina passou. Foi impressionante e embaixo vinha a Enfermagem.

Todas as meninas com a cara pintada, algumas tinha roupa rasgada, não sei se de propósito ou não, mas tinha a roupa em má condição. Todas na posição de Elefantinho, desfilando em frente à Estação Clínicas que praticamente o corredor, o quintal da universidade porque ela está incrustada dentro da universidade. E a notícia que corria era exatamente essa, "Se a calma imperava na Faculdade de Medicina, os novos alunos da Enfermagem da USP tiveram - a palavra é essa - que percorrer a Estação Clínicas de Metrô fazendo "O Elefantinho", uma espécie de acrobacia em que os estudantes dão a mão por baixo da perna. Veja a foto acima".

Ela não está aparecendo aí, mas ela existe na reportagem, tá? É do "Diário de São Paulo, do dia 13/02, tá? "Eles ainda pediram dinheiro no semáforo e em meio aos carros observados pela Guarda da USP". Que foi outra situação que nós achamos estranho.

"De acordo com um dos integrantes da diretoria da Atlética do Curso de Enfermagem, Ricardo Toshio Yamasaki, os bichos não foram obrigados a participar. Tivemos dois casos hoje de pessoas que preferiram não fazer o trote, nosso trote é saudável e recebemos os calouros de braços abertos, nos colocando à disposição deles para tirar qualquer dúvida, afirma".

E aí era muito estranho porque acima uma foto da USP fazendo uma festa na Medicina, oferecendo bolo, doce, tarará, tarará, e a Enfermagem ali, numa situação de, não a Enfermagem em si, porque a Enfermagem não estava lá, estavam lá alunos que vinham para um curso de Enfermagem.

Numa situação de subjugação, numa situação aonde a genitália e a região anal era exposta no rosto do outro obrigatoriamente. Eles tinham que andar com as mãos por baixo da perna firmemente. Cada vez que alguém soltava a mão recebia gritos de ordem para que voltasse à posição e fizeram isso inclusive passando em frente à porta da Faculdade de Enfermagem, segundo alguns dos alunos que já nos colocaram a situação.

E aí é uma situação que a gente precisa buscar mais depoimentos, caso que a CPI ainda não, ainda não dispomos desse tempo. Então, nós resolvemos chamar as diretoras pra entender o que aconteceu esse ano em específico. E eu gostaria de saber, professora Diná, o que a senhora tem pra falar sobre isso e como que isso chegou pra senhora e quais foram as providências tomadas pela diretoria da universidade, da Faculdade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sarah, só um minutinho. A senhora pode sentar aqui nesta cadeira, por favor? João me arruma um microfone sem fio, por favor. A senhora senta de costas aqui. Olha, eu queria que protegesse a imagem dela. Ela vai falar...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ela vai falar sob sigilo de imagem.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sigilo de imagem, por favor. Arruma um microfone sem fio, por favor.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ela pode falar?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa o microfone...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A professora.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, a professora?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A professora.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu falar tudo e a gente. Prefere? Ah, tá bom. Uma coisa de cada vez, desculpe deputada. Com a palavra a professora Diná.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Boa tarde deputada Sarah. O que a sua primeira pergunta, né? A respeito de quais foram as providências a respeito...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A minha primeira pergunta não foi essa. A minha primeira pergunta foi assim, realmente o reitor passou a orientação da proibição do trote na universidade, nas dependências e a senhora tinha conhecimento dessa norma?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Tinha. Tinha conhecimento, ele passou isso tem sido muito discutido na universidade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E a senhora discutiu isso dentro da universidade com os alunos?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Nós discutimos isso desde, como todo ano acontece, desde outubro, novembro nós organizamos uma comissão de, pra organizar a recepção aos calouros e essa comissão ela é composta por professores e por estudantes do Centro Acadêmico e participam também servidores técnicos administrativos da unidade pra fazer o apoio necessário pras atividades.

Então, isso tudo tem sido muito discutido, tem sido criadas oportunidades de forma que nós possamos conversar com os alunos no sentido de ter uma recepção aos novos alunos que seja uma situação de comemoração. Que seja feliz, que seja alegre e que não haja constrangimento de forma alguma para ninguém.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não foi o que aconteceu.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Quanto a este episódio, não é? Que a deputada apresenta, eu confesso que eu não tinha conhecimento dele, tomo conhecimento neste exato momento.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Quantos alunos entraram, professora?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Entraram

A SRA. - Setenta e nove e amanhã...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Setenta e nove, segundo o Ricardo, só dois não participaram. Então 77 participaram.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Eu não sei, como eu disse...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu estou dizendo pra senhora, é o que está lá.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A senhora não tinha tido acesso a essa notícia? Nem à foto?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não, não acessei a foto nem a notícia, confesso ao senhor que não acessei, não tinha...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, não estou duvidando, só estou...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - A essa informação.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas a outra coisa que me chama a atenção professora, é que aconteceu na porta da Faculdade. A Estação Clínicas é na porta da Faculdade de Enfermagem. Inclusive...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Uns cem metros.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Está bom, ontem teve uma batida na Avenida Paulista entre 13 carros e dois ônibus que levou três ou quatro quilômetros de referência, então depende do eco que as coisas têm. Então às vezes um metro não é nada e 100 metros podem ser menos ainda.

Então eu gostaria de saber assim, mesmo estando na frente da universidade a senhora não estava lá nesse dia, a senhora não preparou alguma coisa para que não acontecesse nada. Esse menino que aí está, ele é uma pessoa tranqüilinha, boazinha a ponto de conseguir por 78 pessoas numa situação de humilhação porque isso é humilhação.

É uma situação onde as pessoas que estão na universidade, que vieram para essa festa que a senhora coloca foram humilhadas, ultrajadas na frente de outras pessoas. Elas até podem não ter o entendimento disso, mas a partir do momento que o professor Zago veio aqui e colocou este compromisso para conosco, dentro da CPI, ele é válido a todas as faculdades. E todas aquelas que não fizeram que foi o caso da Enfermagem e da Poli, e se não me engano tem mais ainda o Direito, estão sendo chamados porque justamente não foi cumprido o acordo.

E foi um espanto enorme, pelo menos para mim a Enfermagem estar nessa situação dentro da "Folha" e a senhora achando a coisa mais normal do mundo, bonita, linda, maravilhosa. Eu não entendi. É uma situação de subjulgar, eu passo a mão na sua genitália, eu pinto a sua cara, eu te coloco numa situação de execração pública porque está andando na rua e as outras pessoas estão olhando.

Eu não gostaria que a minha filha estivesse lá. E muito provavelmente, como só foram duas, foram duas que muito provavelmente já sabiam da situação e com certeza caíram mais rápido fora de lá. Agora, 78 pessoas, essa pessoa tem algum poder ou a Atlético ou sei lá qualquer outra área estava dando uma ajuda pra isso, porque para por 78 pessoas na posição de "Elefantinho" é muita gente.

Setenta e oito pessoas em posição de "Elefantinho" dá mais do que esse anfiteatro. Um atrás do outro.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - E a sua pergunta?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A minha pergunta é, a senhora não viu nada disso?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Eu não vi, reitero. Não vi, não conheço...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Dia 12 de fevereiro a senhora estava na universidade?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - estava na universidade, né? Os trabalhos estavam sendo acompanhados pela comissão e isso não nos chegou. A presunção de constrangimento que a gente tira daqui destas informações não foi não nos foram informadas, não nos foram trazidas, né?

Inclusive isso conheço das suas palavras nesse momento, nem do que está escrito ali na reportagem eu não identifico isso. Então, é porque a senhora tem outras informações e acho que nós vamos...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Informações e documentos.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Nós vamos verificar sim, o que ocorreu. Eu estava sim, na universidade, não transito, transito muito pouco por aquela rua em função das atividades intensas dentro da unidade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas a senhora concorda que dia 12 de fevereiro é uma atribuição da senhora a recepção desses calouros.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Também.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A senhora os recebeu?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Sim. Eles estavam fazendo matrícula deles. A recepção formal, a semana de recepção dos calouros iniciou esta semana, no dia 23 e nós temos um momento formal com a nossa presença. Estávamos lá a manhã toda com esses alunos.

E com relação à recepção à data, ao dia de matrícula isso também é organizado num grupo na Comissão de Graduação que a professora Vilanice pode trazer mais detalhes conforme a senhora desejar.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então assim, eu gostaria que a senhora saísse daqui ciente de que isso aconteceu, se a senhora fizer o folhamento do jornal a senhora vai ver na íntegra do jornal as fotos e vai reconhecer inclusive os alunos que fizeram questão de por o rosto, né? E rodou alguns vídeos, mas os vídeos nós não pertencemos ao grupo e não temos ninguém do grupo e nós não tivemos...

Eu cheguei a ver porque uma aluna me mostrou, mas eu não posso colocar isso como peça institucional aqui e nem posso alegar a fonte disso uma vez que não nos foi franqueado este material. Ele pertence só ao grupo, então se ele pertence só a um grupo

e este grupo se considerar fechado, nós não podemos fazer nada. Mas assim, o que a gente viu e entendeu é que houve uma quebra de acordo entre o que existia da Universidade e a gente.

Eu infelizmente fiquei muito envergonhada porque eu sou enfermeira, vocês são enfermeiras, nós estamos aqui como na qualidade de enfermeiras e as pessoas ali estão tentando galgar um lugar como o nosso, que foi construído com muita dignidade, com o caminho sério, com o trabalho honesto, com trabalho aonde as senhoras aqui são dignas de todo orgulho da Enfermagem, pertencem à história da Enfermagem desse país.

Então, esse pertencimento traz constrangimento porque tudo em que a gente pertence a gente tem corresponsabilidade e isso traz constrangimento e isso nos deixou assim, muito assustados. O Zago ligou pra gente no mesmo dia, ele ligou pra mim, principalmente e falou "a senhora viu, professora? A Medicina eu controlei, agora e a Enfermagem?"

Eu falei assim "bom, a Enfermagem é uma outra pergunta e eu pergunto a quem de direito" e desliguei porque também não vou discutir com ele a respeito deste assunto e também não acho que é pauta para este tipo de coisa, né? E assim, saindo daqui o que a senhora pretende fazer com esta informação?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Nós vamos averiguar. Posso falar no assunto?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pode falar o que quiser e pergunte o que quiser.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não, de manifestar, que eu acho que assim, é uma oportunidade essa que nós temos bastante importante, não é? Não de nos sentirmos mal ou de não pertencermos, né? Mas nós temos uma responsabilidade de nos sentirmos compromissados, não é?

Com a responsabilidade na reorientação ou na orientação desses momentos de manifestação de diversão, de felicidade e de alegria e que é um desafio de todos nós, não é? Nosso como líderes da Escola de Enfermagem da Universidade, da Enfermagem, vosso, como nossos representantes no sentido de usar os instrumentos necessários pra fazer esse realinhamento.

Gostaria de deixar caro que o nosso compromisso é com encontros de uma convivência universitária sem constrangimentos, não é? E que acompanhe as necessidades e atenda as necessidades dos jovens de hoje que são muito diferentes das necessidades e das formas de atender a essas necessidades da nossa juventude.

Então não se sinta não pertencendo, não é? Somos enfermeiros...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, eu me sinto pertencente sim.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - E essa é, e compartilhamos esse desafio de formar...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu me sinto pertencente indignada e me sinto corresponsável

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Uma Enfermagem forte, responsável e compromissada com a saúde das populações. E esse comportamento faz parte, a Escola de Enfermagem reconhece que ele é fundamental na formação dos estudantes.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Porque é gente cuidando de gente, não resta a menor dúvida. Agora, gente humilhando gente, não faz parte do nosso...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Em instância nenhuma.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em instância nenhuma, inclusive na nossa formação que é gente que cuida de gente.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Exato.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Como a nossa Wanda Horta que tem essa máxima, como uma frase dela e uma verdade nossa, né?

Professora Vilanice, eu gostaria que a senhora ouvisse o depoimento da Sra. Boulos, é isso?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu falar uma coisa antes da gente passar pra mãe, só deixa eu falar uma coisa pra professora.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Pois não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A senhora se compromete a pedir para o Roberto vir pra cá depor e explicar isso aí? Esse moço aí, o...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vocês se comprometem ou vocês querem que a gente faça uma solicitação formal?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como é o nome dele? Ricardo?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É Ricardo. Solicitação formal?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A senhora conhece esse aluno? Conhece?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Sim. Acho que uma solicitação formal é melhor. Eu não sei, eu não entendo esse procedimento, o que é...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós vamos fazer solicitação formal, vou falar pra senhora.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Porque se eu assumo pelo...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu vou...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Aí eu assumi uma coisa que não posso garantir.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu não vou fazer nenhuma casa de banana pra senhora, nenhuma...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Muito obrigada deputado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nenhuma coisa desagradável, nenhuma coisa deselegante com o cargo que a senhora tem, mas vou dizer uma coisa pra senhora.

Essa senhora vai fazer um depoimento forte agora, uma coisa que tem a ver com a Escola de Enfermagem e que vai ser uma coisa muito, o que nós estamos falando aqui é bem superficial. Eu estou providenciando pra por na tela todas as letras que a Bateria da Faculdade de Medicina tem de assuntos relativos às enfermeiras e estudantes de Enfermagem. Eu acredito que a senhora não as conheça e talvez nunca tenha visto eles interpretarem essas letras, o que é melhor para a saúde pública.

Agora, eu queria dizer o seguinte pra senhora, tem uma orientação geral na USP, feral, que o trote e essa barbaridade, porque, a senhora sabe o é "O Passo do Elefantinho"? A senhora tem ideia?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então eu tentar...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Pelo que me contou a deputada Sarah...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Sarah já, é...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Ela me contou como foi.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ela é mais explícita que eu, é.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então é uma coisa que é o seguinte. Os meninos tocam no sexo das meninas e as meninas tocam no sexo dos meninos, porque a mão fica exatamente entre a vagina e o anus, pra isso que tem "O Passo do Elefantinho". É esse o sentido, a pessoa fica quase de joelhos e eles foram caminhando da porta da Faculdade até a estação do Metrô, lá ficaram arrecadando dinheiro para os marmanjos beberem e voltaram para a Faculdade no "Passo do Elefantinho".

Só que tinha uma orientação do reitor pra que todas as diretorias das Faculdades entrassem em contato com os Centros Acadêmicos, com as Baterias dizendo "esse ano não vai ter barbárie", por escrito, por escrito.

Nós queremos saber quais foram as providências que a Faculdade de Enfermagem tomou, porque esse moço gravou um vídeo, ele gravou o vídeo explicando assim de uma forma muito feliz porque ele tinha feito esse processo de humilhação com as meninas. Nós vamos trazê-lo aqui por bem ou por mal, nós vamos, nós queremos trazê-lo de forma amigável, nós vamos citá-lo. E se precisar nós vamos usar uso de força coercitiva pra ele vir depor.

Agora, eu queria entender porque não foram tomadas as medidas cabíveis preventivas pra ele não vir aqui dizer que não sabia o que estava acontecendo.

Porque a Faculdade de Medicina que é o grande foco da tortura estava sobinterdição e ele não sabia. Ele não sabia. Teve álcool na recepção e ninguém sabia. Quais as providências que foram tomadas oficiais? Quais as providências?

Porque não são as senhoras...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Só um esclarecimento...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós não vamos aqui pegar as duas professoras e crucificar, desmoralizar. Mas nós estamos falando, a luz está acesa, a luz está acesa, o Brasil inteiro está falando disso e o herói aí enche a cara das meninas, faz... Olha, da porta da Enfermagem até o Metrô e ficar pedindo esmola lá no Metrô, professora! Ninguém, ninguém, o que acontece? Ninguém vê, é responsável?

Vocês abriram as letras? Gloriosas da Atlética, da Gloriosa Atlética Oswaldo Cruz? Vamos abrir as letras pra professora ler, vamos ler.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Quando o senhor fala de recepção aos calouros o senhor menciona dia 12, isso é a cena...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Dia de matrícula.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - De matrícula.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É, por que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dia de matrícula.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Os trotes foram nos dias da matrícula.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Nesse período, tá.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É que, assim, a maior parte dos problemas que nós tivemos aqui enquanto CPI nesse ano de 2015, porque 2014 a coisa foi braba. No ano de 2015 foi da recepção, digamos assim, da união do grupo pro elemento comum que é a USP, no momento da matrícula. Foi nesse momento em que a coisa pega, porque foi isso que os coloca numa mesma égide.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por isso nós fizemos a CPI no recesso. Nós fizemos a CPI no recesso...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Nós trabalhamos janeiro, fevereiro sem...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pra luz ficar acesa, pra ninguém falar "ah, não sabia, foi sem querer, não fomos avisados", né? Leia lá professora, por favor.

Então vamos ver como que a Gloriosa Bateria, eu abro a palavra pra senhora. Tem aí?

O SR. - Está aqui, mas essas letras na verdade elas são do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Que seja. Show Medicina...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, agora é uma segunda pergunta. Se, porque assim, segundo consta pode participar desta festa Show Medicina qualquer aluno da Escola, né? E eles normalmente cantam para as enfermeiras essa letra baseada naquela música "É dos Carecas Que Elas Gostam Mais", tá? Então é uma paródia.

"Nós as enfermeiras para os internos não damos moral, mas pedido de assistente a gente atende fora do hospital. Larga mão do paciente pra passear na Marginal. Pra que motel? Pra que seu doutor se existe amortecedor. Nós os enfermeiros gostamos muito de quebrar a mão, pois lá no PS da Uro a gente briga pra pegar plantão. Corre atrás do paciente para passar sonda vesical. Não uso luva, pra que seu doutor se eu trabalho com amor? Essa é uma.

Tem uma da negra também, da enfermeira negra. Tem uma que é um a humilhação com o enfermeiro que eu fico assim, até pra que vocês possam tomar ciência do que está acontecendo do outro lado, pra poder fazer uma defesa... Aí já é uma defesa basicamente profissional porque, né?

Olha, "a enfermeira Dalva". é sobre uma enfermeira negra de nome Dalva que está dentro do HC, tá? "A enfermeira Dalva me desaponta, mais parece um tonta, vindo no corredor, cabelo armado", próxima. Não, não é essa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É que corta e pula pra outra diagramação.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Oi? Três, tem que ir para quatro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ajuda ela, por favor.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Olha, "dente mal escovado, o jaleco amassado e o saio um horror. Linda atendente, morena de cor melena, fezes com sangue amarronzado. Tu não tens pena de mim que sofro tanto com o seu odor, mas que arrogância, essa Dalva não cansa. Assim não dá pra aguentar. E as alunas da Enfermagem pro consolo da gente vem arrumadinhas pro doutor ajeitar". Tá?

E ainda tinha mais uma das enfermeiras que era bem ruim também. Desce, dá uma passadinha, são três que eles fazem pra enfermagem assim, acabando com, ah! Não sei com que eles acabam, pra quem não tem moral, eu acho que eles acabam com tudo, eles já são amorais. Então, né? Vai na "91", a última.

Aqui, quer ver? Deixa ver... Não, não é essa. Bom, as que mais assim, chamam a atenção são, essa última aí é pra tudo, porque eles falam de mulheres, falam de homens, falam de gays e essa daí eu não tenho coragem de repetir.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Ah, sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Essa realmente eu não tenho coragem de repetir, não.

A SRA. - Acho que essa aqui tem,

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É só porque você fica mais a vontade, não fica tão dura.

(Risos.)

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - É melhor mesmo. Boa tarde a todos. A gente estar aqui é bom pra até a gente esclarecer algumas coisas e também...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora Vilanice, né? De Araújo...

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Isso, professora Vilanice. E a gente fica consternada e assustada de ver, por exemplo, essa letra aí que é absolutamente lamentável no mínimo, de palavra. Uma coisa que a gente faz na Enfermagem, porque nós somos a profissão do cuidar e a nossa Escola zela muito por esse cuidado.

Em relação à primeira abordagem, à minha parte que é a respeito da festa de recepção aos calouros, como a professora Diná disse, nós constituímos uma comissão em que participa um docente de cada departamento, nós somos quatro departamentos acadêmicos mais representantes da Atlética e do Centro Acadêmico e mais os administrativos.

O cuidado que a gente tem é que este aluno ao chegar desde o primeiro dia de vinda à Escola para fazer a sua matrícula, que seja muito bem recepcionado. Eu desconheço e a professora Diná acabou de manifestar o desconhecimento a respeito dessa atividade chamada "Elefantinho" que aconteceu.

Quando aqui cheguei ao ser abordada pela Sarah, conversar com a Sarah, ela nos disse que estaríamos aqui falando a respeito disso e imediatamente eu liguei para a secretária do serviço de graduação para saber se ela tinha conhecimento dessa ação, porque eu desconhecia.

Bom, eu trouxe para os senhores, só para os senhores terem de ver, eu vejo que um foco sério que está, tudo o que está acontecendo é sério por isso que tem essa CPI, mas eu vejo também que a gente tem de olhar as coisas muito boas que nós fazemos e o

preparo que a gente faz é para passar mesmo, com essa semana de recepção aos calouros.

As aulas começaram no dia 23, esta segunda feira, e antes da chegada desses alunos para essa semana que dá o início das aulas, nós os recebemos junto com, muitos pais vêm até a Escola acompanhar os seus filhos, até por um zelo pessoal ou porque tem medo de que aconteça alguma coisa.

Nós fazemos esse período de matrícula e acolhimento aos pais e esclarecemos todas as dúvidas. E toda a Semana ela é preparada com muito cuidado, com abordagem de temas que foram discutidos e acordados conjuntamente de modo a favorecer e congratular esse momento tão importante na vida de um jovem que é ser aprovado numa universidade pública e estar conosco.

A gente carrega este orgulho de recebê-los bem. Então, o senhor pode ter aí a programação do, eu trouxe dos três últimos anos, mas se o senhor quiser a programação de todos os anos desde que essa Semana foi instituída na Universidade, a gente pode encaminhar.

Essa programação é feita com muito cuidado, com muito monitoramento e com muito acompanhamento direto, tanto dos docentes diretamente envolvidos que são da Comissão de Recepção aos calouros, assim também como nós que estamos nesse momento de gestão da Comissão de Graduação.

Desconhecemos sim, isso é lamentável. De fato as pessoas serão chamadas para se explicar a respeito disso e nós não aceitamos de forma alguma essa atividade. Uma coisa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora, quando a senhora entrou em contato com a Faculdade antes de, quando a Sarah avisou, alguém tinha ciência lá na Faculdade do que tinha ocorrido?

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Oi?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quando a senhora entrou em...

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Não, quando eu liguei agora e falei com a secretária, ela falou assim "é uma brincadeira que os alunos fizeram!". Ela sabia, mas falou que era um brincadeira que os alunos fizeram, inclusive eu falei, como era essa brincadeira que ela me falou. É uma brincadeira, todos são, não são os 79 Sarah, quero corrigir porque eles vêm e são dois dias inteiros e eles vêm em momentos esparsos.

Muitos dos pais acompanham seus filhos. Os alunos são pintados apenas aqueles que querem ser pintados. Essa prática de pedir dinheiro a gente já tinha pedido para não existir isso e não ter qualquer constrangimento, e o que a secretária acabou de me falar a respeito dessa música, era um brincadeira que eles fazem e de gritar "USP é legal, USP é legal". Então...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora, eu queria saber

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Uma outra coisa, só...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas a secretária não, eu vou perguntar. Essa secretária solicitou a abertura de algum, se era uma secretária, eu não sei se é secretária da Faculdade ou uma secretária de atendimento. Foi aberto algum procedimento investigatório, algum procedimento, alguma sindicância a respeito desse trote que a senhoras não conheciam, mas alguém lá na Faculdade conhecia? Tem algum procedimento que foi instaurado?

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Eu acabei de falar pra o senhor que eu, a gente desconhecia, que eu liguei lá e ela me falou disso. Não foi aberto nenhum procedimento porque nós estamos sabendo disso, e quem pode abrir um procedimento neste caso somos nós e nós iremos fazer. Vamos ouvir essas pessoas...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu fazer uma pergunta pra senhora.

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Serão ouvidas...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu fazer uma pergunta pra senhora. Olha, aqui na quinta-feira, 26 de fevereiro de 2015 a senhora depois do almoço, tem uma atividade que é a integração veteranos, bixos de Enfermagem.

Eu queria até conceituar porque tem gente que entende muito mais que nós, que essa denominação veteranos, calouros, bixos, bixetes e outras adjetivações, elas são totalmente desnecessárias. Elas, é com essa brincadeira, essa brincadeira que começa como uma brincadeira em que a pessoa tem que ir até a estação do Metrô no "Passo do Elefantinho", que a senhora com esse título, estou fazendo uma observação para que fique claro.

Esse negócio de bixo, bixete, calouro, veterano, isso aqui é coisa totalmente pejorativa. E para a senhora entender o contexto que nós estamos trabalhando aqui, só pra entender a dimensão do que nós estamos falando, vou falar uma coisa pra senhora.

Hoje passaram-se dois anos do acidente de Santa Maria. Não hoje na presente data. O acidente da Boate Kiss. A Boate Kiss foi uma recepção aos calouros, só morreram gente do primeiro ano. Na Boate cabiam 400 pessoas e quem organizou a brincadeira, pôs 1500 pessoas lá. Por isso teve toda aquela confusão da banda que acendeu um artefato e as únicas pessoas que foram punidas foram as vítimas e as famílias das vítimas, e tudo foi abafado e nada deu.

Então professora, nós estamos tentando dizer que esse aparente mundo das festas, das brincadeiras não é uma coisa tão ingênua como se pensa. É uma coisa muito grade, muito grande. É uma coisa que por exemplo, tem, eu acabei de ler uma notícia de Goiás aqui, no "G1", que as meninas que forem, do jeito que elas forem na festa vestidas, elas têm direito a ter mais bebidas gratuitas. São as festas chamadas Ladies First, é Ladies First.

Então, e é uma forma de aliciamento para a prostituição, por isso que aqui em São Paulo tem uma epidemiologia diferente. A Ladies First é feita dentro da Faculdade e no interior é feita nas danceterias, nas baladas que é um jeito de ir aliciando as meninas para elas entrarem no círculo da prostituição.

Então, nós estamos aqui tentando fazer uma coisa séria, uma coisa séria, né? Agora, qual foi a nossa surpresa, que a vítima de todo esse processo é a Enfermagem, é a Fono, é a TO, não é? E os algozes são os milionários, os impunes, né? Eles podem fazer tudo que nada acontece. E as vítimas são Saúde Pública, é o entorno.

Aí a gente abre o jornal, uma coisa que teve repercussão nacional porque senão não ia estar na "Folha", no "G1" na "Globo", a Enfermagem foi quem deu o trote vexaminoso, né? A Enfermagem foi quem deu o trote vexaminoso.

Então professora, nós estamos tentando abrir um diálogo, lógico que agora nós vamos falar de uma outra coisa mais séria que a Faculdade de Enfermagem também achou que era uma brincadeira. Talvez nem fossem as senhoras que estavam lá à época como diretoras, como responsáveis, mas nós estamos tentando alertá-las para que não é uma coisa pequena, não é uma coisa pequena.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Deputado, eu poderia pedir á professora Diná e à professora Vilanice uma gentileza?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pode falar.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu gostaria de pedir que essa, porque, veja bem. Existem teses de doutorado inclusive de professores de Antropologia e da Sociologia da USP que define "veterano, aquele que tem poder. Bixo, o que é subjugado. Trote, forma anormal de fazer a recepção etc. e tal".

Eu sei que já foi muito material divulgado, etc. e tal, mas ainda é quinta-feira. É possível mudar o título dessa palestra? Pra que a gente já comece a tomar algumas atitudes do tipo assim, "trote não". É tudo o que está vinculado ao trote, sabe assim, vai ser uma coisa bacana e assim, se vocês quiserem eu posso passar...

Karina, você tem aquele livro do trote? Por favor, depois você passa para as professoras? E lá tem toda uma terminologia que vocês vão entender o que eu estou pedindo. Então eu acho assim, seria uma coisa bacana no sentido assim. Já sairmos daqui, porque enfermeira ela é assim, ela é resolutiva. Então nós já estamos saindo daqui resolvendo uma coisa.

Nós não somos a favor do trote e também dos seus, do trote e dos seus agregados e correlatos. Portanto, nós vamos fazer aqui uma atividade de integração de alunos de terceiro, quarto e quinto ano e recém chegados de ingresso ou de estudantes da Enfermagem, pra gente já tirar a terminologia do trote da nossa...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Tranquilo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pode ser?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Claro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Tá, obrigado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos ouvir a mãe agora, né? Pode se identificar e falar, por favor?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Nós temos aqui a mãe de uma aluna que pede sigilo do nome da aluna, sigilo da imagem da aluna e sub judice nós assim aceitamos. Ela vai se posicionar, é para as professoras isso. Ela não se importa em se identificar, mas a filha dela ela quer preservar e ela gostaria de fazer um testemunho aqui e saber o que aconteceu, é isso senhora? Fique a vontade.

A SRA. DEPOENTE - Boa trade a todos. Eu vou reiterar que eu quero sigilo inclusive da minha imagem porque o processo da minha filha corre em segredo de justiça.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, mas isso já foi garantido.

A SRA. DEPOENTE - A minha filha foi aluna da Enfermagem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Já acabou o curso?

A SRA. DEPOENTE - Não, ela está com a matrícula trancada, e ela sofreu uma violência e já foi relatada aqui na CPI, já foi relatada na própria Universidade em sindicância que foi aberta e não levada a cabo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Para justificar para alguns deputados que estão aqui na Mesa a senhora poderia com pouquíssimas palavras colocar a situação? Com poucas.

A SRA. DEPOENTE - Certo. Ela sofreu uma violência, um estupro na Universidade, foi cometido por um aluno da Escola, da Faculdade de Medicina. Ela era aluna da Enfermagem há apenas um ano e quando tudo isso aconteceu ela ficou realmente muito perdida, ela não sabia nem o que fazer. A primeira impressão que ela tinha de toda situação era vou ficar quieta, calada porque ninguém vai acreditar no que eu vou dizer e isso está sendo reiteradamente relatado aqui por quase todas que sofreram este tipo de violência.

Então não é uma coisa só dessa aluna especificamente. Todas elas relatam medo, a insegurança, a vontade de ficar calada porque vai haver descaso. E ela assim mesmo...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Descaso e retaliação.

A SRA. DEPOENTE - Retaliação e descaso também, porque a própria Universidade tratou com total descaso e não é o único caso, todos eles praticamente foram tratados da mesma forma.

Então ela ficou com muito medo e não queria contar. Quando ela contou a providência inicial foi procurar uma delegacia e foi feito um Boletim de Ocorrência, contado os fatos e passados alguns dias ela procurou a ouvidoria da Universidade e foi atendida, na época a ouvidora era professora da Escola de Enfermagem.

A professora Isilia era professora da Escola de Enfermagem e foi a primeira pessoa a ouvir dentro da Universidade o problema que ela relatou, e foram tomadas as medidas dentro da Universidade pedindo que fosse aberto um inquérito, um processo administrativo disciplinar para ser apurada a denúncia e que fossem tomadas as providências.

Só que foi aberta uma sindicância que eu posso dizer com todas as letras que foi uma sindicância fajuta tentando abafar o caso, não foi levada adiante, ninguém tomava providência de nada, foi feita uma sindicância no papel, mas coisas absurdas relatadas, o descaso total com a aluna. E quando ela relatou o caso e já estava correndo boatos dentro da Escola de Enfermagem, ela começou a sofrer retaliações das piores possíveis.

Isso, todas as meninas que aqui vieram contaram, não só na Escola de Enfermagem, como em outras Escolas que era o mesmo tipo de procedimento. Os alunos enxovalhavam a pessoa, denegriam a imagem dela, tratavam ela com a moral pior possível dizendo que tudo o que ela falava era mentira, quando na verdade a pessoa estava dizendo a mais pura verdade.

Nessa época já sofrendo essas represálias todas ela procurou a Escola de Enfermagem na pessoa da diretora e relatou o ocorrido, só que em nenhum momento, no dia da conversa sim, "a gente vai ver o que faz. A gente não sabe ainda o que fazer, mas vamos procurar ajuda seja com psicólogos na Escola de Psicologia, seja com outras pessoas que possam nos dar um reforço do que fazer em relação a um caso grave desse". Só que não foi feito absolutamente nada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em que ano que foi, mãe?

A SRA. DEPOENTE - Oi?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em que ano que foi o fato?

A SRA. DEPOENTE - Foi em 2012.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em 2012.

A SRA. DEPOENTE - Foi. E ela continuou sofrendo todo tipo de represália, descaso. Tratavam ela com as piores palavras possíveis. O caso foi exposto internet. Aí foi pedido pela professora que está aqui presente que fosse retirado da internet, nós nem sabemos quem pôs. E todo tipo de comentário maldoso, discriminatório e nem sei que

palavra utilizar porque era uma coisa absurda o que as alunas da Escola de Enfermagem faziam com essa pessoa que tinha sofrido...

A SRA. - Faculdade?

A SRA. DEPOENTE - Oi?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ela está colocando assim, porque uma coisa é a gente dividir o que está entre os alunos e o que está entre a Faculdade.

A SRA. DEPOENTE - Exato, mas...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Está colocando dos alunos.

A SRA. DEPOENTE - Os alunos discriminavam, enxovalhavam, denegriam a imagem dela, faziam as piores coisas possíveis e ela foi relatar isso à direção da Faculdade pra que a direção da Faculdade tomasse alguma providência porque isso é bullying, é um tipo de bullying gravíssimo, é discriminação.

E aí a Faculdade simplesmente ficou inerte porque nunca tomaram providência nenhuma. Ela relatou o caso "nós vamos ver o que vamos fazer", mas nunca foi procurada a pessoa para "olha, nós chegamos à conclusão que a providência será esta ou aquela".

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A senhora teve acesso ao relatório final da sindicância?

A SRA. DEPOENTE - Não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A providência que foi tomada por essa sindicância?

A SRA. DEPOENTE - Não, essa sindicância é abafada, nós não sabemos de nada, nós nem sabíamos, numa segunda conversa que inclusive as duas professoras da Escola que estão aqui presentes participaram. Nós até perguntamos, vocês sabem em que situação se encontra a sindicância, porque nós desconhecemos. Eles simplesmente não nos deram retorno de nada, absolutamente nada.

E aí, a coisa ficou de tal forma que a minha filha não tinha condições de ficar na Faculdade. E a direção da Faculdade não fazia nada. Porque não foi feita uma sindicância na Faculdade de Enfermagem pra ver a discriminação que estava sendo feita, o bullying que a aluna estava sofrendo? Quer dizer, eles ficaram na inércia.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só quero fazer uma retrospectiva. Esse senhor, esse senhor que é o protagonista nesse caso tem cinco acusações. Ele morava na Casa do estudante lá da Pinheiros. Ele te cinco casos contra ele. Ele colou grau, está colando grau. Quatro? É, quatro ou cinco não sei. Ele tem um antecedente, ele é uma antigo PM, tem um antecedente criminal antes dele entrar na Faculdade. Uma pessoa perigosíssima, perigosíssima.

E eu vou dizer uma coisa pra senhora, essa CPI acaba daqui a 15 dias, mas todos nós desde o Dr. Ulysses que é médico formado na Pinheiros, o Marco Aurélio, a Sarah, eu, esse caso, esse caso nós não vamos, nós não vamos deixar esquecido e nem deixar barato.

Queria só contextualizar direito. A menina está afastada da Escola, a menina está com uma dificuldade muito grande, está com a vida, e também não está estudando em nenhuma outra Escola. Eu converso com ela sempre que eu posso, com a mãe. É um caso, se agente tivesse que dizer, é um caso central dessa CPI. É um caso que nós

vamos tratar com muito carinho, o carinho que ela não foi tratada até hoje. Então, queria que a senhora continuasse.

A SRA. DEPOENTE - Continuando, a negligência, eu posso chamar de negligência da Faculdade de Enfermagem, porque minha filha chegou a ser, sair da Escola de Enfermagem dentro de um carro de Polícia porque ela tinha uma medida, designado uma medida cautelar para que o acusado não se aproximasse dela e ele ficava dentro da Faculdade de Enfermagem constantemente, como se nada fosse proibido.

Ele tinha uma medida cautelar para se manter distante da ofendida e ele ficava dentro da Faculdade de Enfermagem e isso foi relatado pra direção, e nunca foi tomada nenhuma providência.

E o caso foi se agravando porque, como ele ficava constantemente lá, ela não tinha direito nem de ir até o refeitório da Universidade pra almoçar, porque ele se encontrava lá dentro, e ela saiu, por duas vezes ela saiu de lá escoltada por policiais para fazer Boletim de Ocorrência, por duas vezes, pra fazer Boletim de Ocorrência descumprindo, porque ele foi descumprida a medida cautelar.

E mesmo assim a Faculdade continuava omissa, sem tomar nenhuma providência, nenhuma sindicância interna na Faculdade de Enfermagem pra apurar o que estava acontecendo lá dentro, independente do caso principal da agressão inicial.

Mas a reiterada agressão ela sofria constantemente dentro da Faculdade de Enfermagem e não foi feito nada, absolutamente nada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – As professoras com a palavra, por favor.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Em relação a esse assunto nós tivemos alguns encontros com a senhora que está se manifestando aqui e a sua filha. Quando houve a primeira manifestação e o primeiro encaminhamento

da mãe da aluna, isso foi feito via ouvidoria, né? E também depois diretamente das duas à direção. Nós não tínhamos absolutamente nenhuma sequer noção de como proceder naquele momento.

O que fizemos no momento, imediatamente no primeiro dia que nos encontramos foi estarecidamente ouvir o relato do que tinha acontecido e uma preocupação imensa com as condições da aluna, né?

E num primeiro momento o que, a que já tinham recorrido do ponto de vista de alguma proteção que fosse possível à saúde física e emocional da aluna, né? E fomos nos informar a respeito de como deveríamos proceder. Com o apoio da Procuradoria Jurídica da Universidade, como isso havia acontecido no âmbito de, no espaço relacionado à Faculdade de Medicina, este assunto deveria ser encaminhado, quer dizer, o processo deveria ser encaminhado via Faculdade de Medicina e assim foi uma sindicância instaurada e estabelecida pela Faculdade de Medicina.

Da nossa parte na Escola, mantivemos alguns contatos, nos colocamos à disposição para acompanhar a aluna. Chamamos um tempo depois como orientação também da ouvidoria, chamamos a professora Vilanice como presidente da graduação, considerando que era um assunto envolvendo um aluno e que poderia exigir da nossa parte alguma intervenção que não fosse do ponto de vista formal, jurídico formal, mas que fosse do ponto de vista de formação, de educação, quer dizer, criar espaços intencionalmente pensados para se discutir esse tipo de situação, né?

Então, discutimos por muito tempo, trocamos ideia e pensamos também em como prosseguir, né? E um cuidado inclusive acertado com a mãe e a própria aluna era no sentido, perguntamos e assim nos foi colocado, não é? O que desejam? Desejam que prossigamos nessa discussão com o grupo? Não há como fazer isso preservando o assunto, o tema. Não há como fazer isso formalmente. E a colocação, o desejo que nos foi manifesto, manifestado naquele momento era de que não houvesse maior exposição, né?

Hoje eu confesso, faria tudo diferente, né? Mas a nossa opção foi preservar a individualidade e preservar o fato, não é? Com isso só sabíamos do ocorrido, não é? Eu, professora Vilanice como presidente da graduação e algum tempo depois, não é?

Quando eu saí de férias ou de licença, eu não sei, a vice-diretora da Escola de Enfermagem para que tomasse ciência dos assuntos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A questão da internet que ela coloca como exposição, que a professora Vilanice pediu pra tirar?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Tá, eu já vou prosseguir e vou passar isso pra professora Vilanice, o que a professora Vilanice assumiu foi fazer um monitoramento mais de perto identificando o grupo, né? A aluna dentro do grupo em que tinha mais relações, porque como vão para os estágios, vão para as atividades planejadas em grupos pequenos, tentando observar e conduzir aquilo sem violar aquele desejo que nos foi expresso naquele momento de sigilo, digo, não exposição.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora, deixa eu contribuir uma coisa, só um minutinho. Só deixa eu falar, dar uma sugestão.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Deixa eu só terminar essa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, por favor, desculpa. Conclua.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Em relação ao que aconteceu do fato de que o aluno ficava na Escola e isso foi relatado à direção e não fizeram nada. Não houve nenhum relato.

A SRA. DEPOENTE - Houve sim e eu tenho como provar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Espera um pouquinho, espera um pouquinho.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não houve relato de que o aluno estava lá. Quando aconteceu um evento em que a aluna precisou sair porque o aluno estava na Escola de Enfermagem, a nossa administração da Escola também não conhecia o fato, né? Por uma decisão que eu tive talvez equivocada de não compartilhar esse assunto com a administração da Escola.

Eu estava em São Carlos, numa reunião com dirigentes, era horário de almoço e a assistente administrativa estava almoçando quando nós fomos informadas do que ocorria e ninguém, sabia do que acontecia, nem os seguranças da Escola, o serviço de vigilância. A partir daí nós informamos, né? O processo seguiu, né? Foi o único evento.

E porque este aluno está dentro da Escola? Também fomos nos informar se poderíamos impedir que ele circulasse dentro da Escola, é um restaurante da Universidade, ele não é da Escola de Enfermagem, né? E todos os alunos e servidores da Universidade têm acesso a esse restaurante, né?

Então, foi por esta razão, né? Porque eu não divulguei o ocorrido, entendendo que este era um desejo da aluna, né? Eu não divulguei o ocorrido para outras pessoas da administração da Escola.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora, já dou a palavra pra senhora. Olha, se a gente falasse há seis meses atrás que a gente ia analisar as letras de música das baterias das Faculdades de Medicina, a gente fosse rever os vídeos e os fatos ninguém, acreditaria.

Mas as coisas mudam, elas evoluem. Então, esta CPI, ela tem dois aspectos. Ela tem o antes da CPI e o depois da CPI. A indignação, a indignação é uma coisa boa, é

uma coisa boa. Ela pode ser o motor, uma mola propulsora importante de modificação das coisas.

Então, digamos que até aqui pouca coisa foi feita e relação ao caso desse moço que eu chamo ele de serial killer e eu reconheço que a Universidade não está preparada para enfrentar coisas tão graves, mas vamos dizer, e daqui pra frente? Daqui pra frente?

Porque o estupro deveria estar enquadrado no capítulo dos crimes que não prescrevem, devia ser tratado como uma tortura, mas nesse caso esse fato não prescreveu, não prescreveu. A menina está com a vida interrompida. Tomara que esta CPI, estas audiências façam com que mãe e ela retomem o gosto pela vida, porque ela entrou na melhor escola de enfermagem do país e está com a vida congelada.

Ela só chora. Ela só chora. Então, eu acho que a gente poderia aproveitar este depoimento para dizer o seguinte. Bom, muita coisa foi feita, que não se sabia como fazer. Então, qual é a disposição, a pergunta é, qual é a disposição para mudar o procedimento? Qual é, em relação a este caso, né?

Porque eu tenho filha, tenho netos, né? Eu vejo essa menina como minha filha, minha filha. Eu falo todo dia pra ela, volte pra escola, menina! Não deixa que esse cara, esse bandido vença. E a maior vitória que ele tem é ela ter desistido da Faculdade.

Onde ela ia ele estava, embora ele estivesse interditado. Ele é um cara que entrou com muito mais idade na Faculdade. Quando ele entrou na Faculdade ele tinha acabado de matar um homossexual no banheiro, perto da Faculdade, lá no quadrilátero, lá no quadrilátero.

Sabe qual foi a condenação que ele teve? Sabe como ele foi enquadrado? Violento atentado ao pudor. Sabe como ele pagou a morte do rapaz que ele matou? Com cesta básica, cesta básica. E ele morava lá na Casa do estudante, ele era um serial killer conhecido por todo mundo! Não tem uma pessoa que não conheça ele. Se fosse nos Estados Unidos ele estaria na série Stalker ou Law & Order, tal o nível de loucura deste moço.

E ele continua impune, andando lá na Saúde Pública, ele está em todo lugar, na Atlético, campeão de Judô, e vai nada. E vai, a pergunta é, vamos fazer alguma coisa? Vamos unir esforços, vamos fazer alguma coisa? Vamos fazer deste caso um caso

exemplar? Vamos fazer essa menina voltar pra Faculdade? Voltar pra Faculdade? Se matricular, ser gente, ter um desagravo? Não é? Ela está se preparando pra enfrentar, ela está se preparando. cada dia ela está se encorajando mais. A mãe dela quando começou a conversar conosco, imagina, ela está aqui, a mãe dela está falando aqui, protegida da imagem, mas está falando.

Então na sociedade a barbárie não pode prevalecer, o crime não pode ganhar, não pode prevalecer, não pode. Nós não podemos sucumbir, não podemos sucumbir. Nós somos pequenos, frágeis, mas se a gente se unir a gente faz uma força um pouco maior. Não tem quem defenda esse cara, porque ele está impune? Porque a menina está fora da escola? Porque ele vivia lá no corredor da sala de aula dela? Porque nunca ninguém interditou ele? Ela que estava interditada!

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem, senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professora Vilanice, só por uma questão, só um esclarecimento. Foi aberta sindicância nesse caso? Nós estamos conversando.

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Na Escola não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Segundo o professor Zago, ele nos passou um manual de sindicância e dentro desse manual de sindicância é da competência do diretor da Universidade a abertura, acompanhamento, é, abertura e acompanhamento e de alguma forma encerrar. Então, se foi para o Ministério Público, o que virou.

Eu não ei, a senhora conversando com o procurador tal, não seria interessante rever essa situação e dar um novo olhar, porque está muito... A Faculdade de Enfermagem, a Faculdade agora, não são mais as pessoas, além da pessoa a Faculdade está vulnerável.

A SRA. VILANICE ALVES DE ARAÚJO PÜNSCHEL - Qual é sua pergunta?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, a minha pergunta...

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Pra ela...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, para o promotor.

O SR. MARCELO BITTAR - Boa tarde. Na verdade a sindicância primária que foi feita, foi aberta pela Faculdade de Medicina em razão do lugar do fato, né? E essa sindicância foi inconclusiva, tem razão a mãe quando fala isso.

O professor Zago determinou a reabertura e revisão desses processos. Uma nova sindicância, essa presidida pela minha pessoa foi instaurada em local físico viável, foi na Faculdade de Medicina, mas apenas o uso do local físico. E eu tenho presidido esta comissão.

Nós ouvimos várias pessoas com a graça de vocês, Vs. Exas., perdão, que puderam trazer pra nós elementos e nós tivemos elementos de investigação. Ouvimos a garota a que se refere hoje dentre outras também que foram referências aqui e chegamos a esse mesmo denominador, este rapaz "x" que nós conhecemos quatro eventos dele.

Dois nós não pudemos obter informação nenhuma, uma porque a moça já concluiu o curso, a segunda porque efetivamente não quis depor em razão cultural, ela

não quis depor, e dois depoimentos nós obtivemos o que foi suficiente pra nós para a meu pedido, abertura de um processo administrativo disciplinar para a exclusão deste rapaz.

Esta comissão tem corrido muito, ele deve ser ouvido, ele se esquivou da primeira oitiva e a segunda oitiva será agora acho que na terça-feira, esse processo eu não comando, eu não coordeno, eu não presido. Mas a sindicância sim.

E um outro processo também foi aberto em razão de uma violência ocorrida no estacionamento e também a nosso pedido foi revisto e foi aberto o processo, né? A meu pedido está tramitando.

Então a Procuradoria Disciplinar está atuante neste sentido, infelizmente nós não podemos apagar o que aconteceu, mas acho que novas vítimas nós vamos tentar evitar, não é? Então o processo realmente foi, está tramitando e eu nem sei se deveria falar, mas a Vs. Exa. eu digo, que ele vai ser ouvido agora.

Agora, uma frustração muito grande talvez, V. Exa. tenha experimentado na época das audiências públicas, é convocar alguém que não vem. Nós temos esse mesmo problema, não é? Nós não temos o poder de Polícia, o poder de mando que V. Exa. tem agora, né? De convocar.

Então às vezes nós convocamos as pessoas e as pessoas não vêm. Às vezes colhemos os depoimentos e as pessoas não depõem a respeito da verdade em proteção ao seu próprio interesse. Então essa é uma frustração, se me permite dizer, que V. Exa. também experimentou e eu estive presente e vi, né? Essa situação.

Talvez as mudanças das normas, talvez a inversão do ônus da obrigação de provar que o estupro houve sim, o estuprador provar que não estupro. Talvez essa fosse a situação mais digamos assim, equilibrada da norma. Mas é uma norma federal, nós estamos atrelados a esta situação.

Agora, a nível estadual efetivamente nós não temos o poder de coagir, de impor, de penalizar no que diz respeito a crimes. Houve o estupro? Houve, né? Eu tenho participado, participei às professoras agora a respeito dos resultados e nós estamos nos empenhando em seguir nisso, a esteira de que Vs. Exas. estão obtendo informações, porque elas não cegam pra nós.

Esse fato do "Elefantinho", eu faço parte da Comissão de trote da USP que vai receber todas as denúncias até sexta-feira agora, né? Então até sexta-feira que é a recepção de calouros nós devemos ter todos os relatos de todos os representantes de todas as unidades para que então nós tomemos as providências que possam ser tomadas nesse sentido.

Agora, é muito frustrante o estupro acontecer e eu simplesmente penalizar o aluno por uma infração de conduta moral. Então essas normas são realmente de 1952, são normas realmente frustrantes, de 1972, perdão, são frustrantes neste sentido. Mas está havendo empenho, eu não faço aqui a defesa do professor Zago, mas faço a defesa minha própria. É de meu empenho, de empenho da Procuradoria Disciplinar nesse sentido...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O senhor falou o seu nome completo?

O SR. MARCELO BITTAR - Marcelo Bittar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Marcelo Bittar, Dr. Marcelo Bittar. Fala a sua função e...

O SR. MARCELO BITTAR - Eu sou procurador da Universidade de São Paulo, procurador chefe da Procuradoria Disciplinar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pela ordem, senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem deputado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – No começo o senhor tinha falado que o aluno já colou grau? Ou entendi mal? Ele não colou grau, está estudando ainda?

A SRA. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, o aluno...

O SR. MARCELO BITTAR - Sei, sei, sei. É de meu conhecimento que ele deve colar grau agora até a primeira quinzena de março, né? Ele vai ser ouvido, terá sete dias para fazer a sua defesa, ele teve 15 para a defesa prévia, terá instrução processual e mais sete dias. E nós estamos aí numa corrida formal e dentro da lei para que concluamos o processo, para que eles concluam o processo antes desse prazo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas já teve uma oportunidade que era pra ele ser ouvido e se esquivou?

O SR. MARCELO BITTAR - Ele disse que tinha uma aula que era ímpar, singular, que só acontecia uma vez por ano e que não poderia perder e que infelizmente o presidente da comissão anuiu que ele fosse ouvido na semana seguinte.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu estou pensando aqui, senhor presidente, eu acho que o Dr. Marcelo, ele fala com uma frustração de não ter poder de polícia, e a CPI tem o poder de Polícia, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas tem os advogados mais caros do Brasil que agente não descobriu pagos por quem, para obstruir os trabalhos da CPI.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então eu queria propor a V. Exa. que a CPI usando o poder de Polícia, se o Dr. Marcelo, com a devida anuência do Dr. Marcelo, que ele fosse convocado aqui, porque como esta CPI ela é, está instituída legalmente e é pública, então qualquer coisa que é dita aqui é prova que pode ser usado na sindicância, não é prova fora da contextualização legal.

Porque, eu vejo no Dr. Marcelo uma postura que, aliás, é isso que a gente buscava desde o começo, com todos os depoimentos, né? Porque tem uma frase que diz o seguinte, "nós não podemos apagar o passado, podemos fazer um novo futuro".

Então, quando vêm os alunos aqui que supostamente participara de atos violentos, tal. Pra nós, eles falam realmente eu participei, fiz isso, queria ter uma nova cultura será uma grande vitória. Não aconteceu, agora, que possa ter um novo futuro.

O problema é que muitos que aqui vieram depor negaram. Eu não sabia, ele foi no mesmo Show de Medicina, mesmo Show que vários outros estiveram aqui presentes e relatara, "n" fatos e "eu não vi nada disso, eu estava lá e não vi".

Quer dizer, aí fica pensando, bom, se você está fazendo isso, talvez você esteja apostando na seguinte situação. A CPI passa, a CPI acaba e "tudo volta ao normal depois", não é? Seria muito ruim porque não é esse o objetivo da Assembleia e não acreditamos que seja este o objetivo da USP. Eles querem fazer uma nova realidade. Eu só queria deixar como contribuição concreta.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Koba quer fazer um comentário pra...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pra convocação.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pra ele entrar na sua...

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Só pra informar que a convocação desse rapaz que vocês estão falando foi feita no ano passado, é só agendar uma data que se não me engano já está marcada já, pra ouvi-lo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele conseguiu, conseguimos citá-lo?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Ele está convocado, ele foi convocado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não conseguiram fazer esta citação?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Isso eu já não sei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está aí, acabou de chegar. Depois a gente vê. Nós estamos tentando citá-lo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas agora eu vejo que pode unir esforços da CPI com os esforços da CPI da Comissão de Sindicância, fica mais fácil de identificá-lo, não é? E acho que já podemos fazer a convocação sobcoerção lá no sentido...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Koba, enquanto o deputado e a Sarah estão falando, podia consultar o pessoal da Polícia Civil, por favor, como é que está essa situação? Com a palavra a deputada Sarah Munhoz.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Dr. Marcelo e Dra. Diná quer dizer que na verdade, não, pode ficar à vontade, eu sei que a senhora, fica bem, fica da melhor forma que for bem pra senhora.

Não existe, considerando que, vamos fazer uns considerantes, existe um processo que foi solicitado uma oitiva, que ele pela proteção individual usou do direito de não comparecer, porém existe um relato de alguém que assume a veracidade de uma violência. Não existe nenhuma estratégia interna da Universidade que esse aluno não possa colar grau antes que isso seja concluído?

O SR. MARCELO BITTAR - Deputada, existe pela Constituição o direito à Educação, não é? E a Universidade de São Paulo não tem como impossibilitar a colação de grau, o título que ele tem se ele preencheu todos os requisitos. Não tem como. A Universidade de São Paulo cumprindo o seu papel social, ela não pode obstar, não é?

Mas na verdade como bem disse, ele abdicou de um direito dele de apresentar a defesa, de se manifestar e o processo vai continuar. Hoje mesmo eu fui consultar e o processo continua. Eu quero que ouça as testemunhas e eu quero que conclua o processo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, por gentileza. Eu rogo encarecidamente que ele corra à revelia.

O SR. MARCELO BITTAR - À revelia nós não podemos porque ele está ciente. Simplesmente abdicou de um direito dele, então, na verdade ele será intimado...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Na medida em que ele faz isso ele diz o seguinte...

O SR. MARCELO BITTAR - Não me interessa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E quem fala, a minha mãe diz o seguinte, tem o seguinte ditado "quem não ouve conselhos escuta coitado".

O SR. MARCELO BITTAR - Certo. É, mas nós temos a questão do ampla defesa, do contraditório, e tudo o mais.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É justamente por isso que nós temos o Marcelo pra pegar o contraditório, o descontraditório, etc. e tal e evitar que duas grandes doutoras, duas grandes representantes da Enfermagem, não estão em constrangimento porque foram pessoas brilhantes aqui, brilhantes!

E assim, colocaram de forma muito transparente e de forma muito tranquila o que aconteceu, sem dizer nem sim e nem não, sem deixar de assumir o que era uma responsabilidade administrativa, técnica, foram brilhantes.

Agora, nós temos que dar um jeito, tem que existir. Doutor, pelo amor de Deus, procure jurisprudência. Não está na lei, está na jurisprudência!

O SR. MARCELO BITTAR - Não, mas o processo nós vamos conseguir terminar antes, sem dúvida nenhuma, agora nada obsta que ele preste um concurso e passe em outra faculdade, tenha os créditos e acabe tirando este título que será realmente frustrante, né?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas é outra história. Pelo que o senhor acabou de dizer, eu não posso acabar com este problema, mas eu posso evitar o próximo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deputada, eu queria pedir uma interrupção de cinco minutos. O deputado Massafera chegou, nós temos quorum. Então, vamos aprovar a reconvocação do pessoal da Medicina que não está querendo vir, vamos aprovar o Daniel Tarcísio. Koba, me ajuda, Daniel Tarcísio, reconvocar o Daniel Tarcísio.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O Alexandre também.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quem é Alexandre?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, convocar o da Atlética, eu já lhe devolvo a palavra. É que o deputado Massafera veio de emergência pelo PSDB, vamos aprovar os cinco da Medicina de novo, o Daniel Tarcísio, tem mais?

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, mas é que tem que aprovar, toda vez que não vem tem que aprovar.

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sim, vamos lá. E vamos aprovar o presidente do Centro Acadêmico. E vamos aprovar o presidente do Centro Acadêmico da Poli e a Atlética da Poli, pelo trote que eles deram lá, violentíssimo de banho de barro e tudo o mais. Vamos lá. Não posso ser eu.

Opa! Não é todo o dia que eu tiro uma foto com o Massafera.

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – Requerimento 58...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Massafera, deixa eu falar uma coisa no microfone, só um minutinho. Massafera tem um rapaz lá em Araraquara de apelido Madona. Madona, só um minutinho. Quero falar isso gravando. Tem um rapaz lá em Araraquara de apelido Madona que ele, esse Madona é presidente da Liga das Repúblicas de Araraquara.

Entrou um jovem estudante de Guarulhos chamado Rodrigo, ele deu um pau no Rodrigo, ele deu um trote no Rodrigo, o Rodrigo desistiu da Faculdade, desistiu da faculdade. A mãe do Rodrigo me ligou pedindo que a gente convoque esse Madona.

Esse Madona é um cara ultra barra pesada. Além dele ser presidente da Liga, como é o negócio? Federação das Repúblicas, Liga das Repúblicas, ele é o agenciador. Ele é o cara que organiza a balada. Ele tem um circuito chamado Ladies First. Vou parar por aqui, porque eu também não posso falar muito mais.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Você tem o nome dele?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tenho. Tenho tudo. E tem um cara que é dono de imobiliária, é o cara que faz a porta de entrada, porque as

meninas, às vezes não tem residência acadêmica, e elas foram alugar as repúblicas. Então eles fazem um (ininteligível). Qual é o (ininteligível)? Ou paga o aluguel da república ou vai trabalhar nas baladas. Ela trabalha em Araraquara, depois vai para Ribeirão Preto...

O SR. - Pra São Carlos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pra São Carlos.

O SR. - Pra Rio Preto.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pra Rio Preto, entendeu? Entendeu? Então, vou te pedir ajuda. Eu estive lá no reitor ontem, viu? Bom, deputado Marco Aurélio, com a palavra.

Assume a presidência o deputado Marco Aurélio - PT.

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – Requerimento 58/2015. Nos termos do inciso segundo, do artigo 34 b do Regimento Interno Consolidado, requero à Comissão Parlamentar de Inquérito constituída com finalidade de investigar as violações dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades do estado de São Paulo, ocorridas nos chamados trotes, festas e seu cotidiano acadêmico, a convocação de Maria Renata Mencaci Costa, estudante da Faculdade de Medicina da USP. Sala das Comissões, deputado Adriano Diogo.

A palavra está aberta para quem quiser se manifestar, não havendo oradores inscritos, vai à votação. Os parlamentares que estejam de acordo cm o requerimento

permaneçam como se encontram, os contrários se manifestem, aprovado o requerimento 58/2015.

Assume a presidência o deputado Adriano Diogo - PT.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá. Agora os da Faculdade de Medicina, o Daniel PM, porque tem que dar o roteiro para o deputado Marco Aurélio. Ele tem que fazer a leitura das aprovações.

Eu sei querido, mas vamos combinar senão, eu fico enfraquecido. Foi combinado com os procuradores da Casa que toda vez que o cara não vem tem que reaprovar, então, reaprovemos os casos da Faculdade de Medicina da USP que tem que reaprovar. Estou seguindo o roteiro dos procuradores. Então, por favor, passe para o deputado Marco Aurélio a lista dos recalitrantes da USP que não querem vir depor.

Se o Daniel Tarcisio não foi, precisa reconvocar, tudo bem. Mas pelo menos a gente cita que ele está sendo convidado pra vir amanhã, convocado pra vir amanhã, convidado pra vir amanhã. Convocado, então vai. Marcos, vamos por tudo na mão do, só um minutinho. Vamos por tudo na leitura do secretário porque eu não posso fazer, presidir e ser o requerente ao mesmo tempo, não é?

Ajuda aqui o Marco Aurélio, orienta. Primeiro dá os cinco nomes da Medicina que não aceitam vir, eu não tenho os cinco nomes de cabeça. Depois, o presidente da Enfermagem, depois o Daniel PM, depois se possível, os caras da Poli que deram trote pesado pra caramba este ano. Pronto, é isso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Senhor presidente só um momento, por favor, a professora Diná está...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Precisa sair.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ela já havia colocado, ela quer saber se...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só deputada, a gente faz essa votação dos requerimentos que não demora mais que cinco minutos, aí a gente retoma a sessão e encerra essa parte da Enfermagem, a mãe volta a falar e aí a professora Diná vai fazer o que tem que fazer e nós vamos ouvir o pessoal de Sorocaba que está aí. O reitor, o diretor da Faculdade, está todo mundo aí. Tudo bem?

Então, rapidinho a gente aprova os requerimentos e a mãe volta a falar na frente das duas professoras. Ótimo que o procurador da USP está aí também, excelente. E aí a gente começa Sorocaba, está bom? Vamos lá. Pronto, vamos lá? Então vamos lá. Reaberta a sessão, deputado Marco Aurélio.

Assume a presidência o deputado Marco Aurélio - PT.

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – Presidente.

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – Reaberta a sessão, com a palavra o deputado Marco Aurélio de Souza.

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – Eu vou fazer a leitura agora de um requerimento com convocação coercitiva de sete pessoas tendo em vista que já foram convocadas e aqui não compareceram.

O SR. - Você convoca, se convocar tem que vir, se não vier você manda a coercitiva.

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – Amanhã não vai ter quorum, amanhã não vai ter quorum.

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – Farei a leitura novamente retirando a palavra que eu já citei aqui, coercitividade. Então serão convocados, vou fazer a leitura dos sete a serem convocados para deporem amanhã, quinta-feira dia 26 de fevereiro. Farei a leitura, em seguida se algum deputado quiser fazer uso da palavra, será franqueado.

Requerimento de convocação das pessoas que agora citarei para deporem no dia de amanhã, dia 26 de fevereiro de 2015. Diego Ubrig Munhoz, estudante da Faculdade de Medicina da USP. Gabriel Fernandes Ribeiro, formado em Medicina pela Faculdade de Medicina da USP, Willian Tetsuo Yamagata, estudante da Faculdade de Medicina da USP. Murilo Germano Sales da Silva, estudante da Faculdade de Medicina da USP. Roberto Chagas da Costa, Rodrigo Bilini, Flávio Augusto Miorim.

São estes sete convocados neste primeiro requerimento que eu submeto agora à apreciação. A palavra está aberta aos deputados.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Só uma dúvida, presidente. A convocação pelo Regimento Interno não deve ser no prazo de 30 dias?

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – Faz mais de 15 dias que eles não aparecem.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Mas eles foram convidados?

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – Eles estão sendo, aqui não tem, aqui convidado é só reitor, o resto é tudo convocado.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Convocado.

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – É, CPI só convida...

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Eles já foram convocados anteriormente?

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – Aqui já vieram e foram embora, estão sendo convocados há 15 dias consecutivos, 15 dias. Quinze dias, não, 15 sessões, 15 sessões.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Se eles já foram convocados, então seria correto a convocação coercitiva.

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – A informação que nós tivemos aqui da nossa procuradoria é de que amanhã, em sendo convocados para amanhã, seria a terceira convocação. Em não havendo presença na terceira convocação, aí a CPI tem os poderes para a coerção.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Obrigado.

O SR. ADRIANO DIOGO – PT – Teve uma manobra jurídica que foi o seguinte, eles queriam acesso a todos os autos, nós demos. Aí eles disseram que os autos não estavam numerados e encartados todos os documentos. Aí tivemos que numerar e encartar, aí eles tentaram o último recurso que era a cópia de nove mil documentos, aí não tivemos como atender.

Então faz 15 sessões que nós estamos dialogando e cada dia eles apresentam um obstáculo jurídico para que os alunos não compareçam, entendeu? Então é agora a terceira desta última série de documentos encartados e numerados.

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Só uma pergunta então. Se eles pleitearam a cópia dos nove mil documentos, se eles pagassem alguma copiadora nós teríamos que ceder desde que eles pagassem, é correto esse meu entendimento?

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Pagassem pra...

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE MARCO AURÉLIO – PT – É previsto, as despesas da Assembleia é previsto que eles paguem como custo para poder obter os documentos, né? A palavra continua aberta, algum deputado que queira fazer uso da palavra para a discussão deste requerimento? Não havendo mais deputados inscritos está em votação. Deputados que estão favoráveis permaneçam como estão os contrários se manifestem, aprovado o requerimento de convocação.

Agora nós temos um outro requerimento também de convocação de outros três, convocação em primeiro, primeira convocação. Vou fazer a leitura aqui, presidente da Atlética da Poli, o presidente do Centro Acadêmico da Poli, o presidente da Atlética da Enfermagem. São três, exatamente três.

Exatamente três pessoas, me parece que é convocação pela primeira vez, por isso está sendo votado separadamente dos anteriores. Farei a leitura novamente para que se alguém quiser verificar se tem alguma coisa que não seja correta, que seja corrigida

agora. Presidente da Atlética da Poli, o presidente do Centro Acadêmico da Poli, o presidente da Atlética da Enfermagem.

A palavra está aberta aos deputados, não havendo oradores inscritos vai à votação, os deputados que estiverem favoráveis permaneçam como estão, os contrários se manifestem, aprovado o requerimento de convocação. Devolvo a presidência ao deputado Adriano Diogo.

Reassume a presidência o deputado Adriano Diogo - PT.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O segurança da Atlética está neste pacote?

O SR. - Está.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está no primeiro? Foi, né? Não falta mais nada? E o Dani PM, não precisa reconvocar? Coercitiva?

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Já está aprovada.

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ainda não. Bom, amanhã teremos a leitura do relatório. O deputado Massaferra não pode vir pelo PSDB amanhã?

O SR. - ROBERTO MASSAFERRA - PSDB - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não. Então está bom...

O SR. - ROBERTO MASSAFERRA - PSDB - Infelizmente...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Excelente.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Devo continuar aqui? Quero agradecer ao deputado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, pode se retirar, a gente volta...

O SR. - ROBERTO MASSAFERRA - PSDB - Você precisa de mim pra dar quorum?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aqui já está...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Entendi, mas agradeço. Vamos continuar juntos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse é o Massafera.
Vamos...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu queria...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deputado Marco Aurélio
com a palavra.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Professora Diná se encontra?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ainda está a professora,
está a mãe, está todo mundo aqui.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Professora Diná...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Era bom que o seu irmão
viesses assistir, viu? Quando vier o pessoal da Poli, o seu irmão que lutou tanto por
aquele grêmio politécnico, que ele viesse assistir o que eles estão fazendo lá na Poli.
Vamos lá, vamos retomar, obrigado Massafera. A vida continua. Deputada Sarah,
retoma a palavra.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu pedi a palavra senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Desculpa deputado.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professora, a professora...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Deputada, só um minutinho...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A professora precisa sair por causa do avião, só isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Heim?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A professora precisa pedir a retirada da Mesa e fica a...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Quem?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A professora Diná.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas eu queria fazer uma pergunta ra ela.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então faz.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Me deixa perguntar então.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Tá desculpa. Eu só quero justificar, é que na verdade eu recebi a convocação na sexta-feira e já tinha um compromisso agendado. Eu tenho uma reunião amanhã a tarde em Boston. Então eu tenho voo saindo hoje às nove da noite.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A minha pergunta é rápida. A senhora recebeu a convocação na sexta-feira, hoje é quarta.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Quarta, isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A senhora recebeu a convocação por escrito?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - por e-mail. Ela foi na sexta...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Por e-mail?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Às 19...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A senhora lembra o que estava escrito na convocação?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Lembro que era pra prestar esclarecimentos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Acho que tem por escrito aí. Você pode, porque eu não vi, eu estou querendo saber.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Fala assim, "na qualidade da Comissão Parlamentar de Inquérito", essa é a introdução, não importa é isso? Não é relevante. "Aprovado na... bem como... convoco V. Sa. para prestar esclarecimentos em reunião desta Comissão a ser realizada no dia 25 de fevereiro, às 14h00 no local tal. Esclareço que o não comparecimento sem motivo justificado e razoável poderá implicar em condução coercitiva de V. Sa. nos termos..." Quer que continue?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aí a senhora tomou conhecimento na sexta-feira?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Na segunda, na verdade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Na segunda?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pra estar aqui na quarta-feira. Bom, vai, "convoco V. Sa., para prestar esclarecimentos em reunião da Comissão..." É, não fala.

Prestar esclarecimentos. É que eu queria fazer uma pergunta pra senhora, o seguinte, a senhora ficou sabendo na segunda-feira então?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A senhora veio aqui na quarta. Entre segunda-feira e quarta-feira a senhora não procurou saber seja com o pessoal da Faculdade, ou a própria Assembleia do que se tratava?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Posso dar um esclarecimento?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pois não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Para não parecer que a gente age também de uma forma totalmente açodada e deselegante. Vou explicar antes que a professora tenha que responder por que ela está alegando motivo de viagem.

Quando houve a primeira audiência na Comissão de Direitos Humanos eu liguei pra Faculdade e pedi a presença da direção da Faculdade. Não sei com quem eu falei, depois quando ocorreu que essa senhora me procurou, liguei de novo para tratar do assunto.

Então, eu mesmo no começo, quando não tinha CPI fiz várias tratativas. Quando, eu queria que o João, a Secretaria da Comissão procurasse os documentos. Quando veio o diretor da Faculdade de Medicina, professor Auler estava previsto vir o pessoal da Enfermagem. Eu tenho esse requerimento.

O negócio da Enfermagem não é uma coisa nova. Eu tentei de todas as formas, liguei na frente da senhora, na frente dela...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em hipótese alguma eu estou colocando alguma questão...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu não gosto de ser descortês, deselegante ainda ais com professores, diretores. Tento sempre ser o mais, mais, né? Mas a Faculdade de Enfermagem, conhecendo direito a hierarquia, até tentei falar com a esposa do Roberto Gouvêa que é minha amiga, professora da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Enfermagem, entendeu? Tentei várias formas de abordagem pra vir alguém da Enfermagem aqui.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então eu faço um paralelo, assim. Já fui vereador, fui prefeito então, já fui intimado pra muitas coisas em delegacia, juiz, uma série de coisas. Toda vez que chegava pra mim uma convocação eu olhava a convocação e normalmente vinha desta forma, prestar esclarecimentos de que?

E antes, antes de vir acontecer a audiência, eu procurava saber "escuta, o que está acontecendo?" Então a minha pergunta é assim, Entre a segunda-feira que a senhora efetivamente ficou sabendo e às 14 horas de hoje, a senhora não procurou saber "olha, o que está pegando lá? O que vão me perguntar? Qual é a coisa, o que está rolando?" pra senhora vir aqui e de repente ter alguma coisa que a senhora sabe e poderia trazer. A senhora fez esse trabalho, procurar saber o que?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Fiz.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nessa consulta, a senhora consultou quem, o pessoal da Faculdade mesmo?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Consultei (inaudível - interferência de som) de recepção aos calouros, presidente de graduação,

estive com os alunos, aliás, foi durante a recepção aos alunos que a professora Vilanice falou Diná, viu o que nós recebemos? Eu falei, estou chegando de viagem agora, né? Então foi neste momento que eu vi. O que está ocorrendo? Está indo tudo de acordo com o planejado? De acordo com o planejado.

Além disso, entramos em contato com a Procuradoria da Universidade pra informar e pra saber se haveria alguma condição em especial que deveríamos, pra qual deveríamos nos preparar ou conhecer. E, além disso, consegui um tempo nessa madrugada pra ler os relatórios das últimas reuniões que aqui ocorreram, que embora sintéticos a gente tem uma ideia e entendi que nós estávamos citadas desde o dia 17 de dezembro. Então, não inclusive não, entendi que não deveria investir mais em procurar algum evento que estivesse ocorrendo agora, assim, nestes dias.

Quer dizer, que alguma coisa, algum evento desta semana estivesse motivando essa chamada...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A senhora conversou com várias pessoas, com vários grupos, procurou saber e todas essas consultas que a senhora fez desde a segunda-feira até às 14 horas, em nenhum momento apareceu o trote ocorrido com as meninas da Enfermagem do "Elefantinho".

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em nenhum momento. Com todas as pessoas, procurador, conhecedores, pessoas que acompanham e todos, em nenhum lugar apareceu? Só aqui?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Só aqui.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Está bom, obrigada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A senhora gostaria de encerrar pra professora poder prosseguir? Eu gostaria que a senhora encerrasse a sua fala, por favor.

A SRA. DEPOENTE - Tá, eu gostaria...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como a sua fala é muito importante, faz um apanhado pelo menos humano, humano. Não aquela coisa tão técnica das audiências. Fala um pouquinho como mãe, é importante, por favor.

A SRA. DEPOENTE - Eu gostaria de concluir.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Da menina.

A SRA. DEPOENTE - Eu gostaria de concluir com o seguinte, nós não estamos aqui tratando duma escolinha de bairro que trata de pré-escola, com crianças de quatro a sete anos. Nós estamos aqui falando da ESP, e a USP teoricamente é uma universidade muito importante, talvez a mais importante do país.

Aí eu ouço como ouvi aqui do professor Auler, do Dr. Zago e agora das professoras aqui da Escola de Enfermagem que não sabem do que acontece, que não poderiam fazer diferente porque não sabiam o que fazer. Isso é um total absurdo porque dentro da própria USP no HC existe um grupo que cuida de violência contra a mulher há mais de 10 anos.

E a coordenadora deste grupo é esposa do Dr. Marcos Boulos que já foi diretor da Faculdade de Medicina. E esse grupo está lá atendendo pessoas, mulheres principalmente, vítimas de violência e violência sexual. E agora a diretora da Escola de Enfermagem vem dizer que não sabia o que fazer? Sendo que dentro do HC com o aval da Faculdade, da Universidade tem um grupo que cuida de violência, inclusive violência sexual.

E eu estive com essa senhora no HC há pouco mais de um mês e ela me falou...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dra. Maria Ivete Castro Boulos.

A SRA. DEPOENTE - Exato, essa mesma. Não lembrava o primeiro nome dela. E ela me disse com todas as letras que em nenhum momento a Faculdade de Enfermagem notificou o ocorrido com a aluna lá dentro. Então, se houve falhas na Faculdade de Medicina que foram imensas porque foi tratado com total descaso, com aquele sentido de abafamento do problema, com uma sindicância que não resultou em nada e nós só fomos tomar providências depois de dois anos porque nós fomos atrás pra tentar saber o que estava acontecendo.

Houve negligência e total descaso também da Faculdade de Enfermagem. Porque não abriram uma sindicância para apurar os absurdos que estavam acontecendo lá dentro em relação ao sofrimento, à discriminação, ao bullying, às injúrias que estavam falando em relação à aluna? Porque não foi feito? Aí vem dizer que não sabiam? Que não sabiam...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dá outro microfone pra ela, acabou a bateria, por favor. Alguém da audiofonia, por favor. Senta aqui, ah! A senhora não pode... Me dá outro microfone, por favor. Vê se voltou. Não, descarregou. Ai meu Deus do céu, que difícil que é trabalhar aqui... Ah, arrumou. Pega o outro e leva pra trocar, por favor.

A SRA. DEPOENTE - Então eu quero falar aqui com todas as letras que esse descaso é um total absurdo porque nós não estamos falando de uma escola de periferia, lá no Nordeste que não tem consciência do que se passa. Nós estamos falando da USP, com pessoas titulares, porque é isso o que a gente ouve quando nós entramos lá, todas as vezes pra relatar qualquer coisa, é que são titulares disso, titulares daquilo, que são pessoas do mais alto nível.

Só que não tem um pingão de consciência para tratar o ser humano como deve ser tratado. O descaso eu reafirmo foi constante, direto, reiterado e na Faculdade de Enfermagem também, e não adianta dizer que "ah, não sabia". Sabiam por que nós relatamos logo seguidamente o que estava acontecendo e a coisa continuou fluindo por mais um ano e meio e a aluna lá dentro sofrendo todo tipo de represália e ninguém tomava providência.

O que ela fez? Trancou a matrícula, não tinha mais o que fazer porque não tinha respaldo de ninguém da direção, de professores, de nada. E agora é muito simples, é até bonito quando vem aqui e falam "nossa, se eu soubesse eu faria diferente. Nossa, poderia ter sido de outra forma". Tiveram oportunidade de fazer de outra forma, tanto é que fizeram a sindicância da forma que bem quiseram, foi abafada, não teve um resultado e agora reabriram porque veio à tona. Porque eu já tinha pedido a reabertura.

Metade do ano passado, quando nem ia haver instalação de CPI na Assembleia Legislativa e a resposta que eu obtive foi "não vamos reabrir porque não é de nosso interesse". E agora a gente é obrigada a ouvir "que se soubéssemos faríamos diferente". Tiveram todas as oportunidades de fazer e não fizeram porque não quiseram.

E todas as meninas, inclusive esta que nós estamos tratando no momento que é a minha filha, sofreram todo tipo de agressão pelo problema inicial e depois por todos os retraumas que foram sofrendo no decorrer de todo o tempo que ficaram dentro da Universidade. E vocês tiveram chance de fazer diferente e não fizeram.

Sinto muito, não queiram dizer que "ah, não sabíamos, poderíamos". Não existe isso, nós estamos falando da USP, não estamos falando de qualquer coisinha lá no Nordeste, estou falando Nordeste não por discriminação, nós sabemos a precariedade que é o nosso país. Então, vocês podem ter bem consciência, erraram, erraram muito e

agora não tem desculpa. Está aí pra quem quiser ver, vai ver. É isso o que eu tenho a dizer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora, a senhora pra poder se retirar, a senhora quer falar alguma coisa?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Dona, eu gostaria de assim, dizer que eu reconheço, né? O seu sentimento, né? De que houve descaso, né? Não quero negar isso, é uma percepção que nós temos das situações pelas quais passamos. Não é, afirmo para a senhora que da minha parte, da parte da Escola de Enfermagem absolutamente não houve descaso. Não foi uma situação que passa e não tem a menor importância.

Muito pelo contrário, né? Entendo que não chegaremos a um ponto, eu não quero mudar sua forma de ver a situação, né? E a senhora não mudar a forma de nós vermos a situação e de como nós encaminhamos.

O que eu disse que não sabia é que o rapaz frequentava diuturnamente a Escola de Enfermagem. Quando eu disse aqui aos senhores deputados que faríamos diferente hoje, né? Não preservaríamos tanto, essa noção que a gente tem de privacidade. Eu acho que deveria sim, ter reunido a direção, toda a direção central da unidade, ter colocado o caso e ter insistido com a senhora e a sua filha que escrevessem aquilo que hoje a senhora nos pede, que é a questão...

A SRA. DEPOENTE - Eu precisava escrever?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Do bullying. Nós perguntamos em duas ocasiões...

A SRA. DEPOENTE - Nós demos nomes, nós demos nomes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa ela falar. Espera um pouquinho, espera um pouquinho, deixa ela terminar.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Em duas ocasiões nós perguntamos objetivamente o que vocês gostariam que nós fizéssemos.

A SRA. DEPOENTE - E o que nós respondemos pra senhora?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não, vocês não responderam. O que a senhora nos pediu é que houvesse uma leniência em relação às faltas e às avaliações da aluna.

A SRA. DEPOENTE - Não, a senhora está colocando coisas que não são reais.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa ela falar, deixa ela falar. A senhora vai ter, por favor.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Então isso não houve como fazer, isso nós não poderíamos fazer. Em relação ao apoio, e às manifestações da aluna o que ela precisava de apoio nós estávamos à disposição.

Perguntamos pra senhora, isso foi no primeiro encontro. A Universidade tem uma série de recursos que nós podemos identificar e podemos encaminhar. A senhora nos disse, não foi nem manifestação da aluna, né? Não, nós estamos encaminhadas, estamos com atendimento físico e emocional no Pérola Byington, estou com

atendimento no ponto de vista de Justiça, né? Porque essa era uma questão também importante, não é só a questão dentro da Universidade, isso é um crime, não é? E não foi manifesto.

Então eu digo aqui, o que é que nós podemos, que não aconteça isso nunca mais? O que nós podemos refazer neste momento? Se a senhora tiver interesse manifestar aquilo que está dentro da nossa alçada que é o bullying, que a sua filha sofreu isso, identificado, eu entendo que nós teremos elementos para começar dar encaminhamento a um processo dessa questão.

A outra questão eu entendo que é instância, é em outro espaço, né? Então...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professora, a senhora vai poder ir, a mãe vai, antes da senhora, eu quero dois minutos. O professor Dráuzio gravou um texto pra gente, pra CPI e, o senhor conhece este texto? Não? O professor Dráuzio gravou um depoimento pra nós, então eu passo o professor Dráuzio e a senhora sai e a mãe o que tiver que responder fala coma outra professora porque nós não vamos parar aí.

O procurador está aqui, mas eu quero passar este texto, será que, meu Deus, estamos sozinhos aqui hoje, está difícil... Pede pra alguém me ajudar aqui, baixar o texto do Dráuzio. Como é que faz? Me ajude alguém aqui, por favor. Põe o texto do Dráuzio, está na internet. A Sarah vai...

Tem um texto do professor Dráuzio, que gravou pra CPI e ele, é sobre este assunto, é sobre este assunto. Só um minutinho, professora. Eu sei que a senhora tem que ir embora. Koba, passa o Dráuzio, põe o Dráuzio Varella, põe o Dráuzio pra ver. Estourou o seu tempo?

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Vai depender da Marginal agora, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Com essa chuva, então vamos passar o Dráuzio que é um pouquinho, vamos lá, põe o Dráuzio aí. Bom, libera a professora e passa para a outra. Peça pra trazer o Dráuzio para o depoimento, por favor, que nós vamos ouvir o pessoal de Sorocaba. Não tem como abrir aí?

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por o Dráuzio. Professor Dráuzio gravou um texto pra gente, uma contribuição. Como ele era um dos maiores contribuidores do Show Medicina...

A senhora leu a revista "Piauí", professora sobre a USP? Leu a matéria da Malu Delgado? Não? Nem a matéria do "El País"? Então vamos lá.

A SRA. DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA CRUZ - Não, não mesmo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá. Vamos lá. Dráuzio, está na fita? Caiu professora, não tem jeito. Está liberada. Vamos lá. A senhora faz a sua última fala e ela...

A SRA. DEPOENTE - Eu só queria dizer que o que a Dra. Diná falou que nós, que ela perguntou o que nós queríamos que fosse feito. Eu acho que isso não é querer ajudar porque a partir do momento que se relata um problema que existe lá dentro, não é o que nós queremos que seja feito, é o que a Universidade pode fazer nos apresenta. Nós não tínhamos uma solução pra dizer faça isso ou faça aquilo.

Nós não tínhamos nem condições emocionais de pensar em uma solução dentro da Universidade. E da parte da Universidade nós não tivemos nenhum apoio, certo? é

isso o que eu quero colocar. O sofrimento da minha filha e das outras vítimas que vieram aqui é o mesmo. São intensos e não houve reconhecimento da Universidade. Inclusive a professora de graduação aqui presente, representante da direção da graduação chegou a dizer "vocês eram adultos".

Quer dizer que para adultos não existe estupro? Nós ficamos indignadas. Isso não foi uma vez, foi mais de uma vez. Depois em uma última conversa ela falou que nós já tínhamos buscado o que nós queríamos porque nós já tínhamos ido à Justiça Comum.

Nós fomos à Justiça Comum, mas nós também buscamos a Universidade na área administrativa e não tivemos respaldo. Então, perguntar simplesmente como ela perguntava "o que vocês querem que nós façamos? O que vocês querem que eu faça?" é bem simples, agora apresentar efetivamente um resultado...

Eu gostaria até de saber, vocês fizeram alguma coisa dentro da Faculdade para resolver o que eu estou passando aqui que foi o bullying e todo o sofrimento discriminatório? Eu gostaria... Se fizeram eu gostaria de saber o que foi feito porque até o momento eu não sei o que foi feito, sei que não foi feito nada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom. Professora nós não vamos conseguir abrir o Dráuzio, a senhora pode ir e a gente fecha com a outra professora. E dizer que eu tenho convivido muito com esta família, eu acho que a coisa, a menina insiste que não tem a mínima condição de voltar para a Faculdade. Eu li todo o processo quando ela pediu o trancamento de matrícula, a dificuldade que houve e tal que eu achei que foi uma coisa muito mal encaminhada o jeito que foi o trancamento da matrícula dela, aquela coisa toda.

Eu achei que a gente devia fazer um esforço enorme pra que essa menina pudesse reorganizar a vida dela e pudesse frequentar as aulas, reassumir e ela não ser. Eu converso com ela e ela, ela mostra fotos e enfim. Ela, eu acho que a Faculdade devia fazer outro tipo de acolhimento com ela, recebê-la e tentar fazer com que pudesse prosseguir a vida dela.

Quando houve o fato, o que aconteceu? Algumas meninas da Faculdade de Enfermagem, algumas meninas da Faculdade de Enfermagem assumiram o lado do

rapaz, colocaram coisas na internet desmoralizando a menina, né? Isso dificultou que ela voltasse pra própria turma dela. Então, eu sei que tem um serviço de atendimento importante lá na USP, a família teve que procurar todo o atendimento com recursos próprios, né?

Então eu acho que ainda há tempo, ainda há tempo de recuperar essa vida, ela é muito, quantos anos ela tem hoje?

A SRA. DEPOENTE - Vinte e quatro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quando aconteceu quantos anos ela tinha?

A SRA. DEPOENTE - Vinte e um.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vinte e um anos. Tinha acabado de entrar na Escola, não foi?

A SRA. DEPOENTE - Foi.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Foi numa festa, nunca tinha bebido na vida, tomou bebida adulterada, ele adultera. Ele é um cara especializado em adulterar o conteúdo químico de bebida. Bom, lá na Medicina também isso aí era liberado, não é?

Então ele adultera o conteúdo químico, a menina que ela é uma criança até hoje. O conteúdo químico da bebida foi adulterado, né? Ela foi levada lá para a casa do estudante junto com as coleguinhas. Foram todas pra lá. É uma história trágica! O lugar

que ele levou a menina chamava "o quarto do estupro", lá na Casa do estudante. Ele é um cara bem mais velho, um cara bem mais velho à época, evidente que a cronologia acompanha. Super experiente, um ex-policia! militar, um cara perigosíssimo que já tinha um assassinato nas costas, né?

E ele tem várias meninas e várias histórias que a gente conhece, que a gente conhece. Ele está solto, colando grau, zombando da cara da gente, pondo fotos. Ele é muito forte, ele é um lutador de judô, ele é muito forte, né? E ele está zombando da cara de todo mundo, todo mundo, todos nós.

E a menina está com a vida destruída, fora da Faculdade só chora, chora, chora da hora que acorda à hora que vai dormir só chora, né? Então, houve, bom, alguma coisa a gente pode fazer. O que houve, houve e isso aí ninguém vai... Mas vamos tentar nos redimir, está bom? Muito obrigado.

Vamos lá? Ainda bem que a senhora falou que desde o dia 17 de dezembro eu estou tentando falar com a senhora. A senhora gostaria de falar mais alguma coisa pra concluir? Eu agradeço a presença da senhora, muito obrigado.

Vamos prosseguir a vida? Vamos falar de Sorocaba? De Sorocaba não, PUC, né? Não é só Sorocaba. O diretor da Faculdade de Medicina de Sorocaba está aqui hoje e o vice-reitor nos acompanhou. E eu falei com o Dr. José Carlos Dias, nós queríamos que a reitora viesse. Tanto o Dr. José Carlos Dias pediu pra que eu fosse lá conversar com a reitora e eu achei importantíssimo, professor Martinez e o diretor da Faculdade de Medicina.

Professor Martinez, por favor. Deixa só cumprimentá-los, espera aí. Você que é o diretor da Faculdade de Medicina? Professor Martinez. Precisa, eu queria que o senhor conversasse com as procuradoras pra gente ter essa ligação, é importante. Foi muito boa a sua postura, muito obrigado.

Bom, a Sarah vai voltar, não? Como é que é?

O SR. - Vai voltar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vai? Então, Dr. Luiz está aí? Sempre companheiro. Pronto. Não tem internet, não tem nada?

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos, não! Pede o HD, eu vou fazer, então vamos passar o Pucciana do Leão XIII, a Bateria do Leão XIII, aí a gente faz o Rodeio da Gordas e aí a gente começa com Sorocaba. Vamos lá, põe o Leão XIII aí, a Bateria do Leão XIII. Vamos lá, vamos por a Bateria do Leão XIII.

Este é um vídeo que nós conseguimos salvar e correu o mundo todo. Aí o pessoal da Unesp fez uma edição desse vídeo sobre o trote que eles têm lá na Unesp. Então a primeira parte é PUC, mas não é PUC Sorocaba, é PUC. Como o vice-reitor está aqui, é evidente que eu vou lá no gabinete da reitora, vou lá no gabinete da reitora, que eu fiz uma coletânea de tudo o que tem de PUC. Mas eu quero passar esse, PUC Leão XIII.

PUC Leão XIII e aí acaba com Unesp. Unesp Botucatu onde tinha o Rodeio das Gordas. Lugar que ocorria o Rodeio das Gordas, aí a gente começa. Sorocaba e fecha com PUC. Vamos lá. Está na área? Tá na área, na ponta? Está? A professora da Enfermagem está aí, quando tiver o Dráuzio Barreto, Varella, Barreto é o escritor, meu Deus! Quando tiver Dráuzio... Pode, vamos lá. Precisa apagar porque senão a TV não consegue captar.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Acende a luz senão a TV não pode trabalhar.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse segundo é uma dramatização. Professora, só um pouquinho que vai passar o Dráuzio Varella, que é importante que vocês da Enfermagem levam esse, e o procurador está aí e nós vamos passar o vídeo do Dráuzio.

A primeira parte então, é PUC São Paulo, Leão XIII, a segunda parte, nós temos o vídeo original do Rodeio das Gordas, que é um trote aplicado na Unesp Botucatu, na Medicina, e as meninas da Unesp fizeram esta dramatização do Rodeio das Gordas. Nós temos o vídeo Rodeio das Gordas também, que era assim que era feito.

Bom, e aí nós vamos passar o Dráuzio e nós vamos ouvir os professores de Sorocaba. Por favor, vamos passar o Dráuzio. A TV precisa de luz, não pode apagar a luz senão eles não têm como trabalhar. Por favor, TV, Fotografia, tudo precisa de luz. Tem Dráuzio aí? Eu precisava de duas, viu Dan. Preciso o Dráuzio pro pessoal da USP ver e precisava daquele PUC Taquaritinga, aquela Calomed em Taquaritinga, por favor.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pessoal, vamos lá. Suspende, está bom. Obrigado Dráuzio. Deixa eu organizar, para vocês não ficarem agitados, vamos fazer todos os prints do Rodolfo que foi falado, toda barbaridade, aquele trote do soco no peito para arrebentar com a cabeça do menino lá que os caras falaram "está gravando, está gravando", e aí com calma, com calma, eu não vou ficar açodando ninguém, não é possível perder aquele documento da Calomed de Taquaritinga, não é possível.

Vocês têm todo o tempo do dia, da noite pra achar, aquilo vai ser uma peça fundamental no processo da PUC Sorocaba e é bom que o diretor da Faculdade veja aquela barbaridade.

Agora, vamos trabalhar com calma com o que tem, tem muito material pra mostrar. Então vamos com calma, agora eu estou pedindo, nem que não seja, toda audiência eu peço PUC Sorocaba, Calomed Taquaritinga, não acha, não acha. Tem que achar. Se eles tirarem da internet, se a gente não salvar a gente morre na praia.

Tudo aquilo que aconteceu das meninas, depois Dom Odilo se manifestou, pois na internet que ninguém ia ser perseguido, tal. Vamos recuperar tudo, vamos lá. Batucanabis, belíssimo nome da Bateria da PUC São Paulo-Sorocaba. Vamos lá, vamos fazer tudo, vamos fazer direito.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Isso são prints de ameaças de assédio ao Rodolfo Furlan Damiano, foi o primeiro rapaz a depor aqui, depôs via skype, estava nos Estados Unidos e falou...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Passa a cópia, espera aí. Já vi que tem cópia em papel, passa uma cópia para os professores poderem acompanhar.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Nós já vamos imprimir e já passamos pra eles.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por favor.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Eles estão conversando sobre ele na internet, aí uma certa altura Márcia Mestiço diz "O que esperar de uma criatura dessa? KKK. O cara apoia a Dilma?" Porque eles estão comentando a página de internet dele, do Facebook. "Ah, nem perca tempo, mas boicota esse imbecil, o jumento realmente nada sabe de Medicina, manda esse cara para Cuba, Bolívia, o mundo ideal para esse pseudo Mais Médico, um merda".

Essa mesma moça volta a comentar, Márcia Mestiço, né? "Vem cá, eu to puta com isso. Esse papo que não teve a intenção de que é um santo, de que a culpa é do "Estadão", etc., mentira! Fez pra sacanear mesmo, pra boicote. Fui defender a Faculdade... Ah! Mentiroso e imbecil".

Aí tem o outro... Não é o mesmo, na mesma conversa são vários posts agredindo ele. Aí depois a uma certa altura um rapaz chamado André Murakami. "Já que este calouro não gosta do trote e vem com todo esse papinho esquerdista, ele sentirá na pele o real trote na vida acadêmica e profissional, afinal passará pelo PS da Clínica Médica, pelo Politrauma, pela Pediatria, sala 60 na qual diversos ex-alunos aqui presentes no grupo são chefes ou residentes. A batata dele vai assar".

Aí em seguida comenta o José Otávio de Giancoli, "espero que os colegas o tratem muito bem durante os plantões no CHS". E eles continuam os comentários. André Murakami de novo "ah, esse calouro não gosta do trote...", é o mesmo.

Pode passar que isso é repetição. E aqui o que eles estavam comentando que é essa página do Rodolfo no Facebook e inclusive ele apagou o Facebook dele devido a quantidade de comentários insidiosos que ele teve contra ele, uma série de perseguições e promessas de retaliações a ele quando chegasse no Internato e na Residência. Agora tem um vídeo...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E as meninas que vieram aqui depor? Eu sei que não deu pra por, vamos por o vídeo do soco.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Esse vídeo, só pra contextualizar ele, é que na PUC Sorocaba é terminantemente proibido aplicar trote dentro do Campus, aliás em toda faculdade é proibido. Esse trote é um clássico lá dentro, ele foi aplicado o ano passado, ele chama Esternada, aonde um veterano dá um golpe forte no esterno do calouro, tá? Isso foi dado dentro do centro acadêmico e continua...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está invertida a imagem, está invertida. Tenta corrigir.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Bom, só concluindo então. É um troe que é dado no calouro que eles chamam de esternada, que é um golpe que é dado no esterno com bastante violência. E nesse caso foi praticado o ano passado, ou seja, em 2014 no espaço do centro acadêmico da Faculdade de Medicina da PUC de São Paulo.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem mais alguma coisa, Koba? A foto do Rodolfo que eles fizeram na internet vocês não vão por? Cadê o Koba? Aquela foto que eles puseram de travesti? Hã? Não? Não vão por? Em Taquaritinga não achou, né? Olha, por favor, antes dos professores falarem, vamos ver de achar a Calomed de Taquaritinga, por favor.

Vamos achar a Calomed de Taquaritinga. Essa? Essa não é.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá. Quem fala, o professor Martinez ou o diretor da Faculdade? O senhor professor? Quem pode, fala só primeiro o nome pra efeito de gravação, vamos começar.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Godofredo Campos Borges, eu sou diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Saúde da PUC-São Paulo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então, professor, como é que estão as coisas lá, houve trote este ano, não houve? Como teve a recepção, o senhor sabia desse esternada aí? Essa...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse golpe dado no esterno?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O senhor conhecia essa Calomed de Taquaritinga lá, de 2014?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eles jogaram em 2014 em Taquaritinga, na Intermedinha, eles subiram para Intermed este ano.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O senhor saber como é que foi esta Calomed de Taquaritinga?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não. Não faço...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Posso contar pro senhor? Posso contar?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu sei que eles participam, mas não sei detalhes dos jogos. Nem em Sorocaba.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não sabe nada do que aconteceu nessa quadra?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então foi todo mundo pra quadra. Vamos lá. Foi todo mundo pra quadra, aí teve que fazer jogos de homens e mulheres e sabe qual era o fardamento? Todo mundo nu, todo mundo nu, quase que fechou Taquaritinga, mas correu muito dinheiro, muita droga, muita bebida e quase que o prefeito caiu.

Porque, lógico que eles fecharam as portas da quadra, mas o pessoal soube na cidade, gravaram. Gravaram, por isso que esse documento de Taquaritinga eu vou guardar até morrer. O prefeito me ligou desesperado, desesperado, né? Então, nós queremos saber como é esse negócio, porque que o Rodolfo foi xingado de tudo, porque que teve, as meninas vieram aqui.

Eu vou contar uma coisa para o senhor, as meninas estavam depondo aqui com a gente, era um dia a tarde. Estavam os pais delas e veio um menino e ficou aqui. Tudo o que elas falavam ele digitava, tudo porque não teve Web.

Aí elas estavam depondo professor, o tempo todo, depondo e aí de repente elas ficaram brancas, brancas, lívidas. Sabe por quê? Os caras ficavam escrevendo na tela do computadorzinho delas as barbaridades contra elas. Aquele dia foi pra Web ou não foi?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Foi sim, eu assisti...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas foi pela Web, foi pela Web? Foi pela Web, exato, foi pela Web. O senhor não imagina o que eles escreviam pra elas. Elas queriam parar de depor, tal. Mas tinha uma que era advogada, tal, que era mais corajosa que ela encarou e fomos até o fim.

Aí, Dom Odilo soltou aquela nota com o símbolo da PUC e elas ficaram um pouco mais calmas, né? Então nós queremos saber como é que é esse negócio aí, né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em relação à nota não foi o Dom Odilo, foi a Faculdade, foi a reitoria. A nota foi...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Do Dom Odilo.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - A nota foi...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, saiu um oficial com o símbolo da Cúria...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Saíram duas oficiais. Saiu uma nota na Faculdade e uma nota antes dos calouros entrarem, que os calouros começaram dia 23 de janeiro, nós estamos praticamente quase um mês com aulas já.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – isso foi no sábado a tarde. Só para entender o que eu estou falando, eu não estou contrapondo, eu nunca faço isso. Saiu, vou contar todo o enredo, não tem problema nenhum.

Eu entrei em contato com os padres, eles foram falar com Dom Odilo e o Dom Odilo soltou um pela Cúria, pela Cúria que deu uma acalmada geral e depois vieram os

textos, mas teve uma que veio com o logo da Cúria que Dom Odilo mandou postar dizendo que ninguém ia ser retaliado, ninguém e aí deu uma acalmada geral. Então, passo a palavra para o senhor.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em relação à Intermedinha, os jogos eu não tenho, a gente não fica nem sabendo, não é gravado, não é mostrado pra gente. Em relação ao depoimento das meninas que estiveram aqui, eu assisti na Faculdade on line, provavelmente mais gente deve ter assistido, está certo?

Aquilo foi importante, a gente conheceu dados que a gente não tinha na verdade. Elas deram a cara pra bater realmente. A gente conseguiu identificá-las até como vítimas, está certo? Isso possibilitou à PUC tomar certas medidas que já foram tomadas. Então acabou nos ajudando.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Alguma medida protetiva em relação a essas meninas?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Sim. Nós, em relação a elas a própria direção da Faculdade, a própria reitoria já lançaram outros comunicados via internet, via mudo que é um sistema nosso assim, em relação que a gente não tolera e não toleraria qualquer ato de vingança e qualquer ato de repúdio que a PUC sempre foi uma universidade muito aberta e todas as pessoas têm as suas possibilidades de expressão como qualquer outra.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professor, foi aberto algum processo, alguma sindicância, alguma investigação porque lá os veteranos e até gente formada participa dos trotes, né? Aqueles bailes, aquelas recepções que elas se referiram. As cusparadas, né? De chope, aquela coisa toda.

Quais foram os procedimentos que a Universidade tomou em relação aos fatos que estão aparecendo com muito cuidado, com muito susto? Quais são os procedimentos que têm sido tomados? Porque eu falei isso para o reitor, eu vou falar uma coisa para o senhor, eu tenho 65 anos de idade, agora em março faço 66, sou um cara católico, católico. Católico à moda antiga.

Eu estou trabalhando nessa CPI praticamente em período integral, acaba dia 13, nós vamos escrever um relatório forte e nós vamos mandar para o Ministério Público um relatório digitalizado chamado Hiperlinks. Todos os vídeos que nós conseguimos salvar, a letra de música.

Então, estou aqui do lado do Marco Aurélio que um irmão meu, estou aqui ao lado da deputada Sarah Munhoz. Vou dizer uma coisa para o senhor, eu sou um cara, não tenho muita importância na política, mas quando acabar esta CPI eu vou pegar o relatório da PUC-Sorocaba, da PUC-São Paulo, da PUC-São Paulo aqui e da Puccamp. Vou lá no Núncio Apostólico, vou ver se a Sarah vai, Marco Aurélio. Nós vamos lá falar, por favor, o senhor entregue este documento para o Papa Francisco, porque não é possível que em uma universidade católica, católica, católica.

Nós fomos lá para Campinas fazer a Puccamp, os caras tocaram fogo lá, os caras que se sentiram ameaçados. Está aqui olha, estão me ligando direto que eu preciso explicar porque tocaram fogo lá na PUC-Campinas em repúdio à audiência que nós tivemos lá em Campinas. Vou lá despachar porque não é possível que duas universidades católicas...

Esse negócio do Leão XIII não tem explicação. Isso aí não é o senhor, é lá. É Leão XIII, Direito, Direito, né? Agora, PUC-Sorocaba precisa ter uma explicação, precisa ter uma explicação. As coisas são muito barra pesadas, as coisas são muito barra pesadas.

Sabe, eu tive um amigo na PUC-Sorocaba, eu sou da, não sei quantos anos o senhor tem, eu sou geólogo, eu era da sala do Alexandre Vannucchi, sobrinho do professor Aldo Vannucchi. O Alexandre foi morto lá na OBAN na minha frente. E nós tínhamos um amigo lá em Sorocaba que não era de Sorocaba, era do Rio Grande do Norte, chamado Gerardo Magela.

O Gerardo Magela quando o Alexandre foi preso, ele era amigo pessoal do Alexandre, e o Gerardo era um menino e não tinha envolvimento político, tal e às vezes ele vinha para São Paulo com o pessoal lá da PUC-Sorocaba, PUC da Medicina, ele vinha assistir cinema, teatro. Ele era bem simplão.

Quando o Alexandre foi preso e morto eles pegaram o Gerardo Magela e eles acharam que o Gerardo era um cara tão importante que ele não falava nada, torturaram e torturaram e mataram o Gerardo Magela. Mataram o Alexandre e mataram o Gerardo Magela. A família do Gerardo era muito importante lá no Rio Grande do Norte, família de militares, políticos, então fizeram um acordo com a OBAN. Devolvam o cadáver dele e nós nunca vamos falar nada.

Eu, o Alexandre foi morto no sábado, ele morreu de manhã assim. Ele foi preso na quinta e morreu no sábado entre nove e onze horas da manhã. O Gerardo Magela também, também. Eu não estou, o Alexandre eu sabia que o Alexandre tinha sido morto, eu vi eles lavando a cela que o Alexandre tinha feito uma cirurgia de apêndice e ele estourou todinho por dentro. Eles estouraram o Alexandre.

E o major Carlos Alberto Brilhante Ustra me contou que eles tinham acabado de matar o Alexandre. Ele falou que tinha mandado o Alexandre pra vanguarda popular celestial. Até queria pedir, Dan pega dois livros lá do Cale-se do Caio Tulio pra gente dar para os dois professores, conta esta história.

Bom, aí eu entrei, fui preso, a minha esposa, todos nós fomos presos da Geologia e eu fiquei 90 dias na solitária que os caras queriam, os militares queriam que eu contasse histórias do Alexandre Vannucchi e do Gerardo Magela que eles tinham envolvimento com armamentos, ações armadas e que eles eram terroristas perigosos.

Evidente que primeiro não tinha, né? E na circunstância que tava quanto mais eles me reprimiram, menos eu falava, né? Então eu fiquei 90 dias de pé em uma solitária em cima de um boi. Você sabe o que é um boi, né? Aquela privada. Boi é privada de cadeia, aquela privada cortada no chão. Às vezes eles abriam um retângulo de ferro, me punham um prato de comida.

Eu fiquei 90 dias, eu fiquei verde, verde, verde. O olho totalmente amarelo, eu fiquei totalmente verde, para incriminar o Alexandre. E como a morte do Alexandre é

um tremendo rolo que o cardeal não reconheceu o suicídio, eles falaram que o Alexandre não morreu lá dentro, morreu na Rua João Boemer, que ele se atirou embaixo de um caminhão. E o Gerardo Magela ninguém sabia nada. Ninguém conhecia Gerardo Magela que era estudante da PUC-Sorocaba, né?

Eu estou contando toda esta história para o senhor, para o senhor imaginar a importância que tem pra mim...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Gostaria de solicitar um minutinho. A pilha acabou aqui.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu espero o senhor, eu espero.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - É que ela apita...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Fica sossegado.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Fica "pipipi"...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu fiz toda essa introdução. Bom, acontece o seguinte, qual era o problema? Nós fizemos a Comissão da Verdade, nós não temos uma foto do Gerardo Magela, uma foto. Nós sabemos que ele morou em Itu um período antes de ir pra, antes de entrar na Faculdade. Embora a família seja totalmente potiguar, lá do Rio grande do Norte, lá de Natal.

Bom, porque eu estou falando isso? Toda vez que eu ouço falar de PUC-Sorocaba eu imagino a minha realidade. Quando foi isso? Foi em 1973. Que dia? Foi no dia 17 de março de 1973, né? Alexandre foi preso no dia 15 de março, Gerardo foi preso no dia 16 e eu fui preso no dia 17. Eles mataram os dois, o Alexandre e o Gerardo.

Bom, então o senhor imagina pra mim ficar 90 dias trancado de pé, numa solitária para incriminar os meus dois amigos, meus dois companheiros, Alexandre Vannucchi Leme, filho de José Leme e da Dona Egle Vannucchi Leme, sobrinha do Aldo e o Gerardo Magela.

Bom, então estou dizendo que para mim PUC-Sorocaba representa isso, e o professor Aldo na época era muito vinculado, depois ele fez aquela Fundação Municipal de Ensino, aquele negócio lá.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - UNISA.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, UNISA. Bom, então estou falando professor, com a máxima emoção. Então, quando eu vejo essas barbaridades, essas loucuras, loucura. Os caras tudo doido, doido. As meninas vinham aqui falar dos trotes, o relatório, o Rodolfo, coitado do Rodolfo, ele acha que nós somos o maior canalha do mundo porque nós pusemos, entrevistamos ele pela Web, ele não sabia que tinha jornalista do Brasil inteiro aqui.

A gente falou, tem jornalista, tal; Era o começo da CPI tinha, o Brasil estava aqui, o Brasil, né? Teve uma repercussão absurda, as coisas que ele falou e aí a vida dele virou um inferno, né? Bom, então eu estou abrindo todo esse jogo, falando tudo isso porque, como eu te digo, eu sou católico, esse aqui é *catolicão*, *catolicão* mesmo. Esse aqui é católico de... eu acho que ele vai à missa todo dia. Eu ainda, né? Vou de fim de semana, tal, mas esse aqui não. Esse aqui acorda e comunga.

Bom, então eu vou falar uma coisa pra o senhor. Não é possível, não é possível que as duas, porque se fosse uma faculdade que era só de nome Faculdade Católica, mas é tudo terceirizado, não tem nada a ver, mas a PUC-Sorocaba é a Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo. E a PUC-Campinas é, o bispo não está lá dentro da PUC? Dentro da PUC, né? Tem até aula de Teologia lá na PUC-Campinas.

Então eu estou falando toda esta introdução de uma forma muito emotiva, né? Porque eu acho que tem que, assim, essa história de, tem que mudar, tem que mudar. Eu acho que alguma coisa grave está acontecendo, né? Imagina, quando eu mostrei, olha o nome da Bateria dos caras!

Eu não sou um cara moralista, não sou fundamentalista, mas os caras são loucos, põe o nome da bateria de Batucanabis, Batucanabis? Vai ser folgado assim lá fora, o que é isso gente? Faculdade de Medicina, PUC, né? Tudo louco, você viu, a imagem estava invertida do soco, eu vi a imagem do soco direitinho. Vocês tinham que ver como os caras estavam doidos, doidos, doidos.

Eles puseram o menino assim bem próximo de um vitrô que qual era a ideia? Era dar o soco e o cara bater a cabeça no vitrô. Eles prepararam direito pena que o vídeo não dá para aparecer, é isso. E o segurança falava assim (ininteligível) mas porque era isso, o cara ficava de pé, ele ficava assim e eles falavam assim, o menino branco e ele lá, fica perto do vitrô. Então qual era a ideia dar o soco e o cara pumba! Batia a cabeça no vitrô e quebrava o vidro. Eles falam isso, eles falam. A chamada esternada.

Então, já veio o reitor, já veio a menina, aí nós pedimos até para a reitora, aí Dr. José Carlos dias ia falar "não, vocês são loucos, vai chamar a reitora lá pra depor? O que é isso?" Calma Dr. José Carlos.

O Dr. José Carlos Dias foi meu advogado. Meu pai contratou, nós não tínhamos dinheiro, meu pai era um pequeno dono de padaria. Meu pai foi lá, fez um carnê, um parcelamento, imagina contratar aquela época Dr. José Carlos Dias de advogado. Teve que fazer um carnê, mas o doutor foi maravilhoso, né?

Aí ele ligou "vocês vão chamar a reitora?" Não, calma, calma. Fica sossegado, vamos levar a reitora, não. Mas vamos, é... Ele falou "vai visitar a reitora". Eu falei "ela vai ver tudo os vídeos, todas as histórias". Nós vamos falar com o Dom Odilo, nós vamos falar, eu perguntei, "nós vamos falar com Dom Odilo? Dom Odilo precisa saber, né?"

Bom, estou falando tudo isso porque quem veio depor agora é o senhor. Eu fico falando, falando, falando, mas eu precisava falar isso, eu falei isso para o Martinez, né? Sorocaba, Sorocaba! Os malucos... Lá em Taquaritinga quem levou eles para lá foi um tal de Tierno que é um garoto que é secretário de Turismo, Cultura. Porque sabe o que aconteceu em Taquaritinga? Tinha duas correntes, uma que era contra ir pra lá e outra a favor, ganhou a favor por quê?

Porque eles consumiram toda a gasolina de todos os postos, toda cerveja, todo pão e todo chocolate e não tinha droga que limitasse, eles recorreram a todos os fornecedores de droga, todos!

O que foi comprado de éter, quelene, de tudo o que tinha direito na Open, lá. Open! Maconha, tudo o que tinha direito. Aí, rendeu, girou na cidade cinco milhões de reais em uma semana. E os caras estavam satisfeitos, o grupo que achava que tinha que entrar grana na cidade. Só que a cidade ficou destruída! Destruída, todo mundo queria matar o prefeito, matar o prefeito e eles querem voltar lá de novo. Eu já avisei se fizer de novo não vou segurar a onda! Vou ser o primeiro a por vocês na cadeia.

Teve uma enorme discussão lá em Taquaritinga, o prefeito parece que é médico, uma boa pessoa, corretíssimo. Um senhor apavorado coma repercussão e agora com esse negócio da CPI, ele ligou e falou "e aí Adriano, o que vamos fazer?" Eu falei "não faça!". "A turma disse que aqui o dinheiro gira, acaba tudo". Não, para com isso. O cara de Santa Rita do Passa Quatro foi preso o prefeito lá. Fez Intermed, lá não é Calomed é Intermed e lá a barbárie é total, total.

Bom, então abri o meu coração para o senhor, não podia nem falar tanta coisa, mas estou falando. Sei tudo dessa Calomed, tudo, tudo, tudo! Quase que eu fui lá, principalmente no dia em que eles fecharam a quadra e tinha que ficar todo mundo nu dentro da quadra. E tem mais detalhes que eu não vou ficar aqui porque não tenho prova pra falar, então eu não vou correr risco nenhum. Entendeu? Então é isso o que eu queria falar para o senhor, olhando no seu olho.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em relação a essa competição...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – No microfone, por favor.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em relação a essa competição não é só Sorocaba que participa, é uma cidade que também não é nossa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas essa daí era fechada.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu não tenho os vídeos vou ser bem sincero, a gente não vê.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você nunca viu esses vídeos?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não. Nunca vi.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nunca tinha visto, eu acredito, não estou...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Esse do menino eu também nunca vi.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse da Batucanabis? As letras, o senhor conhece as letras? É a sua bateria, é a bateria da sua Faculdade.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Da Faculdade, é.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O senhor já viu as letras deles?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Vi. Como qualquer faculdade todas tem execráveis, mas têm essas músicas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eles não tiram?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eles repetem todo ano.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em relação, eu estou há um ano e meio como diretor. Não vou dizer que Sorocaba não tinha trote quando eu entrei, com muito orgulho fiz faculdade lá em 1983 (ininteligível). O que eu vou dizer de 80 e... 2004, 14 que é o meu primeiro ano de mandato, digamos assim, com calouro, 2013 eu peguei assim um finalzinho porque eu era vice-diretor porque o Martinez acabou vindo para a reitoria. Nós não tivemos mais demandas, não tivemos mais queixas de trote.

A questão de uns cinco anos atrás a Faculdade começou a incentivar a recepção aos calouros, humanizar, os pais vão um dia antes, no domingo. Isso é uma coisa que já tem em Sorocaba, esse ano não quis fazer porque estava em cima da hora, mas nos outros anos, teve quatro anos, os pais iam antes.

A diretoria apresentava o nosso método de ensino que é um método mais ou menos novo, não é? Aula, então assim, criavam certas dificuldades para quem vem e

expunha já aquela época as nossas formas de denúncia. Então assim, a gente sempre teve isso, não é? O que foi aprimorado com o tempo? Isso que eu vou dizer. As coisas melhoraram? Sim. São perfeitas? Vou ser bem sincero, pode ser que tenham falhas que tem que corrigir ao longo do tempo porque a coisa é muito dinâmica.

Ah, 2014 a gente não teve denúncia, 2013 nós não tivemos denúncias formal. Em 2015 nós estamos a uma semana, a um mês já de aula, começou um pouquinho mais cedo, começou dia 19 para o quinto e sexto ano e dia 26 para o primeiro ano, bem diferente dos outros anos.

Coincidiu com este movimento da CPI, vou ser sincero, deve ter ajudado muito porque assim, os alunos estão mais tranquilos, a própria venda de camisetas já tinha sido proibidas, elas continuam sendo proibidas a venda no campus. Usa quem quer, muita gente tem orgulho de usar mesmo, gosta de entrar na Faculdade. Hoje em dia nem todo mundo corta o cabelo, muitos já vem com os cabelos cortados.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Oi?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, não. tem vários tamanhos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eram agora tem tamanhos individuais. Hoje em dia as veteranas entram com cabelo solto, sobe na...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Foi vendido kits este ano?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Foi vendido no Centro Acadêmico pra quem quisesse comprar. Não é obrigado usar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quanto foi o kit? Não lembra?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, aí não sei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Faculdade paga bem paga e ainda tem que comprar kit. Tem, a comissão de formatura continua atuando?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - De formatura?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O segundo cobrando do primeiro as coisas.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, comissão de formatura cada ano tem o seu pra formatura.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pronto, continua.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - O senhor perguntou o que foi feito depois daquelas que vieram fazer a denúncia aqui, né? Bem prático, né? Foi encarado até porque elas se expuseram, foi identificadas as vítimas está certo? Aquilo foi encarado pela reitoria como já um motivo pra abrir uma sindicância. Então assim, a sindicância já foi aberta, são pessoas...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.) Magela do Rio Grande do Norte.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Os componentes dessa sindicância não são de Sorocaba, são todos aqui de São Paulo, vão ser apuradas as denúncias de Facebook, certo?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vão ser apuradas?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Vão ser apuradas. A gente tinha recebido isso da, de uma das depoentes aqui, ela mandou no e-mail da direção da Faculdade se queixando, enviei para São Paulo, isso já foi... Pra mim é motivo digamos, nesse pacote todo, da reitora ter aberto essa sindicância.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Rodolfo vai voltar a estudar lá?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Com certeza, não vejo motivo pra não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele já voltou dos Estados Unidos?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, ele volta se não me engano ele volta ou julho ou junho. Ele volta na metade, tem um ano que eles ficam, é o intercâmbio Sem Fronteiras é um ano. Não sei se é junho ou julho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então, aquele aluno, o Pior, não sei se é aluno ou se é médico formado, ele deu uma entrevista lá no jornal "Cruzeiro do Sul", o senhor leu?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu li uma entrevista, mas não sei se quem deu a entrevista é o Pior. Eles têm apelidos que a gente acaba não sabendo quem são.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas o senhor leu a entrevista?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Li.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Leu?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - O menino, não da denúncia, o menino que se defendeu...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso, isso. Está bom, então quer dizer que o senhor está tomando providências em relação. E essas coisas que, por exemplo, fala assim olha, "aqui que não está acontecendo nada, mas fora está acontecendo...". Como é que estão essas coisas das festas que ocorrem fora da Faculdade. O grupo que fez a pesquisa lá que o Rodolfo coordenou a pesquisa, esse grupo está tranquilo, como é que estão as coisas?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - O grupo que fez a pesquisa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O grupo que veio aqui depor.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Olha, eu converso com eles, eu tenho um trânsito muito bom entre o GAP, com o pessoal da Atlética, do C.A. e eu não vi grandes ameaças eles. Se foram veladas eu não sei, se eles se sentiram incomodados no Facebook quem me encaminhou não ficaram paradas as denúncias. As denúncias foram para a reitoria, até propiciou a abertura desta sindicância.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu vou convocar o pessoal do, não sei se lá é Centro Acadêmico, ou diretório acadêmico.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Centro Acadêmico.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E o pessoal da Atlético. E vou pedir prestação de contas. Livros, eu quero saber esse negócio das formaturas. E evidente que isso aí não diz respeito ao senhor, eu estou dizendo para o senhor como diretor. E, vou dizer uma coisa para o senhor, nós estivemos lá com o procurador geral na audiência, nós vamos atrás dessas Atléticas, desse dinheiro. Daquela liga que eles fazem lá, isso nós vamos trabalhar muito, muito, muito. Então peça para esses meninos mandar prestação de contas, por favor.

Lógico que eles têm que ser citados individualmente eu sei, mas, por favor, fala pra eles fazerem prestação de contas para eles não terem problemas de improbidade depois, porque eles acham que informalidade, tudo. Mas nós vamos atrás disso, das Atléticas, nós vamos. E essas baterias aí, nós queremos saber por que eles mantêm esse, né? Porque, olha, pode ser até ingenuidade, né? Mas o fato dos caras terem uma bateria com nome Batucanabis é, é uma apologia do uso de drogas, né? Não tem como o cara dizer que não sabia que Batucanabis é bateria movida à maconha, né?

Então os caras não se cuidam, né? Não se cuidam, as letras que eles cantam e tal, o senhor viu as meninas aí. Estamos enlouquecidos, você viu o nível de loucura que os caras estavam lá.

Tudo bem, juventude, tem que beber, mas está fora de controle. Tanto é que eles não fazem em Sorocaba, vão lá para Taquaritinga fazer a loucura, né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - São várias faculdades ali.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu sei, eu sei. Eu acordo, agora acordo fazendo isso e vou, mas é, como Taquaritinga...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Sorocaba está proibido já.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Hã??

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Sorocaba tem lei, é proibido Intermed.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, porque onde eles passam. Imagina, Santa Rita o prefeito está fugido. Bom, mas vamos lá. Bom, então eu estou falando pro senhor em reunião, em audiência. O cara, os caras por Batucanabis como nome da bateria, é no mínimo burrice, no mínimo burrice. As letras fazendo apologia à violência, uso de drogas, coisa contra a mulher. Isso é tudo loucura, tudo loucura, tudo escrito. E não precisa dizer "não, isso aí do, a Faculdade tem 40 anos e é coisa do dos caras começarem". Não. Todo ano eles saem e canta tudo de novo, né?

Então, eu acho que nós estamos fazendo um movimento coletivo, você viu hoje com o negócio da Enfermagem aqui, né? Estamos fazendo todo um processo de, né? De dizer todo mundo tem que, a barra é muito pesada, as coisas são totalmente diferentes do nosso tempo. Os caras já entram com uma outra cabeça, outra visão de mundo, né?

Aquele negócio que menina não podia, mesmo que estivesse com problema não podia subir no elevador, tinha que subir pela escada, né? O que eles estão pensando? São o que, loucos? Loucos? Não é? Médicos, estudantes de Medicina, proceder desse jeito, né?

Então eu acho que um processo revisional é necessário, né? Eu queria passar a palavra ao Marco Aurélio. Empresta o microfone sem fio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Professor, até diferente um pouco da audiência com as professoras que estiveram aqui, eu acho que a gente entra agora noutro clima e eu queria aproveitar a presença do senhor para saber o seguinte, a impressão que a gente tem é que vocês têm um cuidado grande com a Faculdade, com a Universidade, com os estudos, tal.

Mas que fatos acabam acontecendo fisicamente fora da Faculdade ou fora, e às vezes até em outras cidades como foi dito aqui. A pergunta é até para conhecimento mesmo. Até que ponto, o que vocês como pessoas responsáveis que são pela Faculdade,

qual é o campo de ação, o que vocês podem fazer por aquilo que acontece fora, vocês sempre falam não tem nada. Tem alguma coisa? Está avançando? Como é que isso se dá, porque me parece que o problema está meio por aí, né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Especificamente, tudo o que ocorre fora do campus, muitas vezes a gente tem uma ação muito limitada. Na verdade nós não temos ação policial para poder dizer alguma coisa.

Eu acho que assim, a gente tenta passar uma ação que eu acho que pode ser, pode demorar um pouco mais para dar frutos, que é uma ação muito mais educativa, né? Hoje em dia vão ser responsabilizados pelos atos deles. Quer dizer, se algum deles beber numa festa e pegar dirigindo, independente da faculdade eles vão ser penalizados. Então assim, o que a gente acaba insistindo, algumas pessoas falam assim "puxa, ocorreu tal coisa". Gente, eu acho que vocês têm que ir atrás.

O nosso papel é muito limitado. Houve uma sindicância? Ela vai dizer o que? Ocorreu fora? Quer dizer, se alguém fizer uma denúncia a gente não vai se furtar de tomar as providências, mas tem um limite sim, um limite operacional nosso que muitas vezes ocorreu fora do campus, mas mesmo coisas que já ocorreram fora do campus no passado de 98 que um aluno foi queimado, a PUC expulsou o aluno. Então assim, mesmo atitudes graves que ocorressem fora do campus elas são passíveis de punição.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esse vídeo que passou do soco aqui foi a primeira vez que eu vi, eu não tinha visto, não. Depois, como passou invertido não percebi, mas o presidente falou que naquele episódio tinha um segurança da Faculdade. Ele é funcionário da Faculdade, não? Como é que é?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu não reparei. Eu acho assim, grosso modo eu achei que era tudo aluno ali.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, tinha um segurança.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Certo. Assim, eu não reparei. A Faculdade não...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tinha um segurança, aquele que fala assim...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas não sabe...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – "Não pode gravar, não pode gravar".

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – estava filmando...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu passo de novo pra vocês verem, a gente passa.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - A Faculdade não tem, a Faculdade tem três ou quatro seguranças, mas que andam fardados, não andam armados. Quer dizer, a Faculdade não tem segurança pra fazer, quer dizer, não era segurança da Faculdade. Lá tem segurança funcional, de dia tem três pontos, a noite só tem num ponto aberto. Mas não me pareceu que fosse segurança, vocês fizeram... Também não vi o vídeo, estava meio invertido, não dá para...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque ali se dá fora.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Koba está aqui, o vídeo do, esternada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque esse fato acontece fora da Faculdade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, é Centro Acadêmico, é lá dentro.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O Centro Acadêmico... Dentro da Faculdade?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse vídeo é o vídeo, assim, peça chave, entendeu? Esse é o vídeo, não, vamos ver agora...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – De que ano ele é, presidente?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Do ano passado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – De 2014?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - O Centro Acadêmico não fica na Faculdade, né. O Centro Acadêmico não fica na Faculdade, fica fora, um prédio a parte.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eles estão preparando o menino, olha. Espera aí, põe o som. Não tem como por na posição normal?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Não. (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Assiste de frente, assiste de frente, olha. É assim, o menino branco, assustado pra caramba, eles são posicionados. Pode sentar, fica à vontade. Eles posicionam o menino com a cabeça no, o barba ruiva lá, o cara de barba ruiva posiciona o menino com a cabeça no vitrô. Talvez ele nem quisesse que a cabeça atingisse o vitrô, mas a preparação é assim.

Eles falam, olha, toma cuidado pra não bater a cabeça no vitrô e tal. Só que o menino não está sabendo o que vai acontecer com ele. Aí eles ficam posicionando, posicionando, no que o menino bobeia eles "pá!" Dá uma esternada, um soco no meio do esterno do menino. Aí o menino perde um pouco aí o ar, fica e aquela hora que o segurança fala "não vão gravar, não gravar". Põe baixinho, quanto mais baixinho. Não tem como não ver.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não tem como não ver, esse é o cara que, olha lá. O esterno, o segurança. Não tem como desmentir, olha 50° Medshow. Olha lá, olha lá, preparando, olha lá, está vendo? Olha o vitrô, esse é o segurança, esse aí, esse aí. Esse é o segurança, olha.

Esse é o segurança, é uma cena de tortura, uma cena de tortura. Não é segurança? O que ele é? É uma questão deles, volta, volta. É importante esta passagem, volta com calma. Olha lá o menino. Volta, volta, volta tudo, pode voltar. Isso aí vai ser peça de processo, vai. Pra gente não esconder o jogo. Olha lá, olha lá.

Olha lá, está vendo o que ele fala? Volta, volta essa frase, olha. Precisava legendar, precisava legendar. Vamos lá, com clama. Volta tudo, começa de novo. Porque como a gente assiste muitas vezes, vamos lá. Vai quebrar o vidro. Repete, repete. O cara está solto, esse torturador, olha lá, pronto. Deu pra ver, né Marco?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pelo jeito que aparece ali, é difícil pensar que eles estavam sóbrios, né? Ali infelizmente.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu vou ser sincero, não cosegui escutar muita coisa, tem que ver a boca mexendo. Mas eu gostaria que vocês nos enviassem essa fita.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É copiado, né? Está copiado. Está copiado porque, é uma situação muito ruim, né? Muito difícil porque a instituição ela tem uma, assim, uma responsabilidade, uma marca, uma missão, né? Muito grande e a gente pega uma situação como esta. Evidentemente que depõe totalmente ao contrário, né?

Vocês lá tem algum mecanismo, não sei se ouvidoria, alguma coisa no sentido de que qualquer aluno que se sinta agredido por trote, algum tipo de violência que ele possa ter acesso, que ele possa recorrer com confiança, com segurança, com sigilo e que não seja arquivado? Existe algum instrumento na Faculdade desse tipo?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Existe. Fora o documento, eu vou falar um pouquinho desse documento, a gente tem há anos o PAC é o Programa de Atendimento Comunitário que é uma psicóloga. Assim, alunos que têm algum

problema, às vezes não é? Quem vai morar fora tem mais dificuldade para convivência no início, assim, né? Não é só para trote, mas para várias coisas. Nós temos uma pessoa que cuida disso quase que em tempo integral.

A gente tem de formas práticas de denúncias telefone da diretoria, (ininteligível) da diretoria, quer dizer, não é o telefone de um ramal, é um telefone nosso. Tem um e-mail da ouvidoria de Sorocaba, da ouvidoria da FUNDASP, da ouvidoria da PUC e tem o RS que é Reclamação e Sugestão para alguém que quiser fazer uma sugestão pode fazer também por escrito. Então tem assim via e-mail, via telefone e algo por escrito também.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E nesse período recente ou até pegando os últimos cinco anos não apareceu denúncia, reclamação?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nem, e pode ser anônimo? Se esse alguém quiser, não né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, infelizmente não. De alguma forma tem que ser feito. Pra poder abrir um processo tem que ser mais...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas não apareceu?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Denúncia assim, de...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não. Não no meu mandato.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT –Esse caso aí a gente vê agressão física, mas é percebida uma tortura, né? Não chega e dá o soco, quer dizer, tem toda uma tortura, a pessoa nem sabe o que vai acontecer, só depois que acontece o fato em si, não é?

Aqui é o hinário, não é? Que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É o hinário.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O hinário. Isso aqui eu acho que o senhor conhece.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - São os livrinhos de música, né?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Também não é exclusivo de Sorocaba, né?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, infelizmente não.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Felizmente é.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Infelizmente não. E as letras são terríveis, terríveis. Adriano Diogo, eu queria, presidente Adriano Diogo, eu queria reforçar a proposta que eu fiz na última sessão da CPI porque, Dr. Godofredo esta CPI ela vai terminar, ela tem um prazo e vai terminar.

E o que a gente gostaria? Que acabada a CPI não pusesse um fim numa nova história, mas que a nova história começasse e não parasse, né? Então fiz uma proposta e vou reiterar aqui de que se a gente pudesse e aí ver com a Procuradoria, nosso pessoal jurídico montar que a CPI monta um grupo que tenha parlamentares, que tenha representantes de faculdades, que tenha representantes de alunos, que possa durante o ano ou dois anos fazer um acompanhamento dos frutos que acontece.

Por exemplo, o professor Godofredo disse que a partir do que foi visto, da audiência se abriu uma sindicância. A sindicância está em curso, deve terminar, deve ter um prazo pra isso.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Ela foi nomeada, tem um rito processual, né? Abre uma sindicância até se achar pessoas que, então assim, a sindicância foi aberta há poucos dias...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então quando terminar a sindicância a CPI já terá sido concluída, né? E é importante porque eu parto do princípio e acho que o senhor comunga comigo que é o seguinte, às vezes as pessoas vão avançando nas arbitrariedades acreditando em impunidade, né?

Na hora que consegue fazer uma punição a pessoa já. Por exemplo, o trote na Medicina da USP este ano já foi bem diferente, né? Porque a gente sabe que já é um fruto da própria CPI. Então a gente sabe que se houver alguma punição exemplar, as pessoas falam "agora a coisa não é mais sem punição, agora o pessoal está de olho, tal".

O senhor vai levar uma cópia deste vídeo, pode também verificar o que é possível, mas em todo caso tudo o que foi feito vai ultrapassar o prazo desta CPI, né? E é importante que os fatos que sejam feitos no sentido de correção de rota sejam

registrados, sejam trazido para a Assembleia, seja dado divulgação para que as pessoas percebam que as coisas estão mudando.

Então eu fiz a proposta presidente e vamos verificar se a gente consegue de fato aprovar aqui uma comissão em que se possa fazer um acompanhamento do pós-CPI porque esta Casa já abriu várias CPIs, mas acho que uma, com a dimensão que esta está, com a densidade que está eu acho que é a primeira.

Eu nunca vi uma CPI que tivesse tanta repercussão e tanto protesto e que pode mudar a história. E professor, infelizmente isso não é do estado de São Paulo, não é? A gente sabe, o presidente Diogo viu aqui, Goiás? Goiás, casos terríveis. Mas quem sabe São Paulo passe a ser o iniciador, de uma CPI nascer uma nova história, acabar com os trotes, né? Criar mecanismos de punição severa e isso pode repercutir até em outros estados, porque não?

Eu acho que esse é o objetivo nosso. Eu devolvo a palavra para o presidente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professor, não pode ficar aí. Professor, Jornal (ininteligível) 2014, é o último número do (ininteligível). Primeiro eu vou passar a biografia do Gerardo Magela, meu amigo Gerardo Magela, depois o senhor pode ver com calma que isso aí é pra Sorocaba. Eles jogaram o menino do Viaduto do Chá, o jogaram o menino do Viaduto do Chá. E jogaram, falou que ele se suicidou, está aí escrito aí.

Não, o Gerardo Magela não está nesse livro.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Só pra...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, o Gerardo Magela não está aí, eles jogaram o menino do Viaduto do Chá. Bom, vamos lá. Então o seguinte, o que escreve o Jornal (ininteligível)? Escreve bastante coisa, tal. Um jornal de piada, mas a maior piada é o 2014, agosto de 2014. Aqui a foto, atuando quatro anos em Sorocaba,

Sorocaba conquista ao segundo lugar na pré-Intermed. O senhor conhece esse jornal? Já viu? Conhecia?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Um jornal que é...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Do GAP.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Tem uma piadinha, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Tem um jornal que não é oficial, ninguém sabe quem produz.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse aqui?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Esse não é oficial.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse não é o oficial?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - É. O oficial (Inaudível - fala fora do microfone.) Um jornal que ninguém sabe quem... (ininteligível) ah, esse não tem...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível).

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não é do Centro Acadêmico.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá. Todo indivíduo... Bom, vamos lá. Não é o do Centro Acadêmico, mas é muito bem feito, né? Vamos lá. "Coluna Fitness, aula de GAP. O sonho de toda mulher é ter um bumbum avantajado e durinho, mas para conquistar este efeito é necessário seguir hábitos que proporcione esses benefícios. As aulas do GAP são perfeitas para essas mulheres, o treino do GAP é uma sigla referente a glúteos, abdome, pernas, por isso que os exercícios são trabalhados. Nossas aulas oferecem a definição para estes determinados locais proporcionando um efeito imediato no seu corpo já fornecendo os resultados desde a primeira experiência. Bem dinâmico o GAP tem um ritmo acelerado e é dividido em três partes. Na primeira parte são treinados os membros inferiores com exercícios de corridas e rolamentos com foco em fuga. A segunda hora de exercícios funcionais treinando habilidades úteis para o lontra moderno como, por exemplo, escalada em árvores. A última parte focada nas habilidades manuais tem como foco a fabricação de disfarces e cuidados com o cabelo. cada vez mais alunas vem aderindo ao GAP, alunos preocupados com a aparência, afinal nada mais importante que o rosto maquiado é um bumbum bem avantajado. Graças ao GAP temos um monte de *bundões* na Faculdade".

Então, este jornal apócrifo aqui que nós vamos investigar, com anúncio do Bradesco, com anúncio do Bradesco, do Bradesco, anúncio... Ah, não. Acho que é gozação. É um caixa eletrônico estourado, é gozação, desculpe.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Estouraram o da Faculdade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah! Da Faculdade? E tem as fotos, né? Que ilustra...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ilustração de...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Trinta anos de Batucanabis...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone) interna dos alunos?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professor, olha. Os caras são tão burros que eles fazem "30 anos de Batucanabis", né? Vê se é brincadeira? Vamos lá. Os caras pensam que a ente está brincando. Mas vamos lá. Aí o que eles escrevem aqui, olha.

"Você sabe qual é a semelhança entre um ginecologista e um entregador de pizza? É que ambos sentem o cheiro e não podem comer. Sabe a definição de um anesthesiologista? É um sujeito quase dormindo cuidando para que o outro possa, do outro quase acordado. Sabe qual é a diferença entre Deus e o neurocirurgião? Deus não pensa que é neurocirurgião".

Bom, me dá o hinário aí, vamos lá. Tratar da parte mais barra pesada. Aqui está o índice do hinário. "Intermed Lá Vou Eu, Homenagem aos Sextanistas, Homenagem à Batucanabis, Brilho de Soroca. Vamos lá, é música que não acaba mais. Então tem algumas letras aqui que eles falam. Selecionaram algumas que estão lá na tela. Bata Amarela, Foi Minha Criação". Isso aqui é só...

"Olha a Glória, MedSoroca, me lembra que eu vou, entrei na faculdade, seis anos já passam, estudava só domingo tinha recuperação". Que horror. Olha aqui essa aqui. Precisa ler, não tem jeito. vamos lá.

"Deu meia noite no meu quarto ela vai subir, ouço os passos na escada sinto a pica na escada. Um babydoll cor de carne, uma calcinha azul furada na bunda, eu vejo

até seu cu. Menina fodendo, seu cu é pequeno demais pro meu pau, toda vez que eu gozo você faz auau. Você faz auau, menina fodendo".

Vamos lá, tem que ler aqui, senão não entra no relatório.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Presidente, enquanto o senhor procura, aproveitar a presença do Dr. Godofredo. O senhor falou que em 2013 o senhor era vice-diretor, não é? A vida do senhor lá na PUC começa quando lá? Vice-diretor, mas e antes o senhor era professor já, quando o senhor entrou lá?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu sou paulistano, caí em Sorocaba de paraquedas em 1983. Me formei em 1988, 1989, 1990, 1991 fiz residência, fiquei voluntário, fiz residência lá em Sorocaba mesmo, otorrino.

Mas fiquei voluntário na Faculdade vários anos. Fiz Mestrado...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então o senhor estudou...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Lá em Sorocaba.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Sorocaba. O senhor estudou lá em que ano?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em 1983 a 1989.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esse é o período que o senhor estudou.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Fiz residência.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Residência?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Em 1989, 1990, 1991 saí em 1992, fiquei voluntário no otorrino praticamente 10 anos, fiz Mestrado e Doutorado e entrei na Faculdade efetivamente como professor em 2001.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas então vida lá desde 1983 praticamente.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Desde 1983. O senhor falou...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nesse tempo 1983, quase 30 anos. Nesse tempo o que o senhor observou em termos de mudanças na cultura dos alunos? Quer dizer, o senhor entrou lá, também deve ter participado de alguma atividade de recepção, tal. Como é que foi com o senhor, como é que se dá hoje? O que o senhor percebe em termos de comportamento dos alunos ao longo desse tempo, o que o senhor poderia relatar ou fazer uma leitura histórica e sociológica deste tempo?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Mudou muito, né? No meu tempo eu, meu pai era gerente de banco, quer dizer, hoje em dia não dá nem pra pensar em entrar numa Faculdade porque o preço já é uma coisa mais diferenciada.

A gente não tinha telefone na república, a gente ligava na quarta pra casa, não tinha celular, né? Então assim, hoje em dia não dá nem pra imaginar, você está on line com seu filho, o meu filho mora em Assis, minha filha mora em São Paulo, você está com eles, falando no telefone. Então assim, mudou o mundo, a sociedade mudou.

Então assim, é difícil comparar. A Faculdade era menor? Não, o número de alunos não, mas era assim, mais unida, todo mundo morava em república, o poder aquisitivo era menor. Hoje em dia a faculdade proporcionalmente é mais cara. Assim, um pouco mais elitizada. Se bem que 30% da nossa faculdade tem bolsa do FIES, 10% é PROUNI.

Então assim, tem várias classes sociais, isso é uma coisa muito bacana da PUC, ela sempre recebeu bem todas as classes. Mudou, acho que mudou o perfil das pessoas. Hoje tem, sabe os seus direitos. Eu acho que as pessoas discutem mais, né? Antigamente era uma coisa meio difícil de ser, até discutir uma coisa do gênero, né? Então assim...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas esse tipo cancionista, essas músicas, a droga...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Sempre tiveram, desde que a faculdade foi fundada sempre teve música. Isso aí é uma coisa, se a bateria for a que tem 30 anos, pelo menos antigamente deveria ser uma outra bateria, porque na verdade no eu tempo, eu entrei em 1983 já tinha bateria. Só não vou me recordar o nome, mas sempre teve.

É que nem time de futebol, né? Você vai no estádio tem uma bateria tocando ali, canta música do outro time. Assim, são musiquinhas que, contra as faculdades, é uma coisa, bem antigas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem uma bem católica aqui Marco Aurélio. Você que é bem católico, olha aqui. "Os anjos, todos os anjos, o santo, todos os santos. Colete preto, colete preto, colete preto. Colete preto é a puta que o pariu. Pompom". Essa é bem católica.

Quer ver mais? É tanta porcaria, tanta porcaria que eu tenho que selecionar pra não, aquelas que são mais homofóbicas, mais racistas. Meu Deus do céu. Meu Deus do

céu, olha aí. Olha a minha ignorância. "onicomucose, orelha encardida, teta com frieira não tenho tesão, vem o corrimento da buceta fedida, índia mal comida eu não quero não. Pega no meu pinto sem eu pedir nada, MedSorocaba só come avião. Peito arrebitado, bunda redondinha, nuca cheirosa, vou me apaixonar pra saborear ora coração".

Isso é só pornográfica, né? E contra as mulheres. Mas eu tinha selecionado umas mais, deixa eu ver a que eles falam, você perguntou das outras faculdades? Olha, meu Deus do céu! Vamos lá. Vamos ver se agente consegue, aqui tinha uma que falava de todas as faculdades. Ah! "Atravessei os corredores da Pinheiros, que puta cheiro. Só tinha porco no chiqueiro e de turista na Paulista que só tem veado, puta e fascista. Na Santa Casa só tinha babaca, menininha vaca e a vaga comprada. Med, Med, MedSorocaba, MedSorocaba, Med, Med, MedSorocaba. MedSorocaba é um tesão, se alguém folgar a gente mete a mão. Vai ABC, vai se foder. Em Santos só tem peixe podre, puta e gay, Ribeirão é merda pura, Mogi/Campinas só entra filho da puta".

Como você vê Marco Aurélio, é assim, uma cultura do canceiro mais, olha essa daqui. "Aquarela da internet, veja essa maravilha de cenário, outra Intermed do caralho. É a MedPuc mantendo a tradição, balança, mas não cai. Essa é a nossa cobra nessa passarela, é a mais bela. Nada mais fodida do que ela. Passando pela putaria do ABC, um cheiro de merda vai sentir. Em Mogi terra do caqui, bosta maior eu nunca vi. Caminhando ainda um pouco mais, me deparei com putos marginais. Estava em Santos, uma escola de puta veia onde se pega gonorreia. Escola de veado é a Santa, lá onde o pau não levanta. Querida Santa Casa, que merda que é tu, antes que eu me esqueça, vai tomar no cu. Depois de atravessar aquela escolinha mixa, assisti na Unicamp um desfile de bixa. Paulista tem seu destaque com as putas mais rameiras da Intermed".

Vamos lá, meu Deus! "Buceta arregaçada que mais fede, Pinheiros, puteiro da plebe. Quem sabe um dia vocês param de cair, Bragança, escola de segunda-feira, só tem vagabunda pra pica engolir. Sorocaba, essa nossa puta escola, boa no pau, boa na bola. Não tem melhor, eu solto a cobra com emoção. MedPUC tu és o maior tesão".

Que mais? Então Marco Aurélio, como você vê, como você vê, como diz o Frei Beto, que adianta ter universidade católica, né? Que de católica não tem nada. Vamos lá. "Vou cair na gandaia". Meu Deus do céu! Então essas aqui são as músicas mais tocadas, o hit parade. São as que são mais, "aqui em Sorocaba aprendi valores, são

tantas histórias de algumas dores. Caímos para a pré nas quadras que lutei". Nossa, até que é uma coisa boa. Que legal. Que legal que tenha algumas coisas boas, civilizadas.

"Cheirar lança é muito bom, a janta balança, sobre da pança, sai pela boca. Enxerga seus keds, respinga na calça, escorre pelo ouvido, vomitei fodido, vomitei fodido",

E aquelas histórias que tem que comer vômito? Aquilo lá não existe, não é? Comer vômito tem que pegar na privada. Vocês já ouviram essas histórias lá? Bom, mais alguma coisa?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Professor, naquele vídeo que foi passado aqui do soco, embora claro, quem gravou estava, não é uma gravação oficial, né? É um registro ali, mas de qualquer forma é válido. Ali, o senhor conhece aqueles alunos que estão lá naquele vídeo?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Se eu conheço algum aluno?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É, daquele que passou do soco.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Conhecer em nome, eu já vi eles na faculdade, mas se perguntar o nome deles eu não vou dizer assim, sincero. Ali eu acho que dois ali me pareceu que são alunos, que eu... Não, você me perguntou se eu conheço? São 660, não vou lembrar de todo mundo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Se conhece aqueles que estão lá no vídeo. O que dá pra ver no vídeo. O senhor identifica, dá pra conhecer, dá pra identificar, dá pra saber quem são?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone) o que deu a porrada?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Acho que dá para identificar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não sabe quem ele é?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, não sei assim de nome, correlacionar ele como pessoa eu não sei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – De que ano ele é?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não sei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O senhor acha que a partir deste vídeo, o senhor está levando uma cópia, o senhor não tinha conhecimento dele?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O senhor está levando uma cópia, será que é possível fazer alguma coisa em cima disso que foi...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - A CPI já está montada. Na verdade, a CPI está faz tempo, não é? A sindicância já foi montada, vai ser um dado a mais pra eles. Acho que na verdade quanto mais...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Desculpa, sindicância?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Sindicância que a PUC já fez.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não é sobre este fato?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não, mas é um dado a mais. Entregando isso aí pode ser um dado a mais para a sindicância. Está aberta a sindicância, eu falo assim, genérica. Esse pode ser um dado para a sindicância.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A sindicância que está aberta, está aberta com qual...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Genérica. Até em relação aos trotes, em relação ao Facebook. Pode ser que seja, a sindicância achar que isso tem que ser aberta uma outra sindicância, pode ser que tenhamos que abrir até uma outra sindicância. Mas eu acho que pode ser, essa própria sindicância já aberta consiga apurar esses fatos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas pelo que o senhor viu aqui o senhor acha que já é um conteúdo que tem que ser investigado?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Pelo menos investigado. Pelo menos investigado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque tem um, ali tem uma cena de agressão, né? E aí, como eu falei...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Professor o que é pelo menos investigado? Não entendi.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Pode ser que aquele indivíduo que tomou o soco, se ele quisesse tomar o soco, porque o mundo é tão... Não sei, estou falando. Investigar vai ter que ser investigado, agora tem que chamar aquele menino que não sei quem é e nem que ano está, aquele que deu o soco e... Não sei se...

Assim, vai ter que ser chamado esses meninos e vai ter que se conversar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque é muito mais rápido, né? A Faculdade trazer estes fatos pra sindicância interna e apurar do que estar no nosso relatório. Isso vai acontecer lógico, mas nesse ponto vocês podem ser muito mais rápidos do que...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - O rito processual da PUC me obriga, quem abre sindicância é a reitoria. Eu como diretor de faculdade não consigo abrir. O rito processual da PUC.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas neste caso já está aberta?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Já está aberta, mas pela reitoria. Então pode ser que, por isso que eu perguntei que, se você, com esse... pode ser que esta própria comissão consiga já usá-la.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu imagino que, se ela foi aberta com caráter amplo, então ela pode receber fatos novos, que não... Mas quando era prefeito a gente tinha que tomar muito cuidado em abrir uma sindicância, tomar cuidado para não fechar tanto na ementa porque depois você não podia colocar outras coisas. Então, dependendo como é colocado permite e se ela está em andamento, embora o senhor como diretor não tenha prerrogativa de iniciativa, mas com certeza tem a prerrogativa de instruí-la, né? De encaminhar este fato á comissão sindicante, né?

Então nós podemos tirar como conclusão, como encaminhamento aqui desta CPI que o senhor vai fazer este encaminhamento deste fato para a sindicância que está em andamento para que seja verificado...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Como tudo o que nos foi comunicado oficialmente foi enviado pra reitoria oficialmente. Então assim, nada ficou arquivado. Então, recebendo este vídeo, com certeza vai ser enviado às instâncias superiores que provavelmente vão anexar nessa sindicância já instaurada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Entendi. Esse ato, eu sei que já perguntei isso, mas ele se deu no Centro...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, mas no Centro Acadêmico? O Centro Acadêmico fisicamente ele está fora da Faculdade ou ele está dentro?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Ele não pertence à Faculdade, ele fica do lado do prédio, é uma rua está certo? Fechada, mas é uma rua do lado da Faculdade. Tem o Centro Acadêmico, tem a piscina e tem o ginásio de esportes. Tem uma rua dividindo o prédio da Faculdade, a biblioteca e o Centro Acadêmico.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É dentro do campus?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Há uma discussão se é campus ou não, está certo? Mas fica dentro de um complexo, não é no prédio da Faculdade. Teoricamente campus seria a Faculdade e a biblioteca. Isso estaria fora do campus. Não é próprio da Universidade o Centro Acadêmico os alunos construíram, a piscina os alunos construíram, o ginásio de esportes foi os alunos que construíram.

A PUC não ajuda, não dá, não tem, não paga água, não paga luz, não paga funcionário.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O Centro Acadêmico ele foi construído pelos alunos...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - O primeiro Centro Acadêmico do Brasil em 1950, a Faculdade é de 1951, acho que foi 1956, primeiro e o maior do Brasil. É grande, um prédio de três, quatro andares construído pelos alunos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O terreno, o senhor lembra originalmente se da prefeitura, se é da Faculdade... Pode, eu acredito que possa ser cessão de uso? Possa ter cessão de uso da Faculdade.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Na verdade, a partir dessa, esse questionamento nós estamos discutindo lá porque isso fica, a cargo da mantenedora os documentos, né? Nós estamos inclusive pedindo este questionamento também para poder definir, mas de qualquer forma a administração daquele prédio é inteira pelo Centro Acadêmico. A Universidade não gerência na administração.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Desculpa, o senhor fez uso da palavra, mas seria bom para efeito de ata, tem que...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Só falar...

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - José Eduardo Martinez, eu sou vice-reitor.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Obrigado. Mas pra efeito do registro. Então, acho que essa discussão é muito boa porque, vamos pensar na hipótese que seja uma área cedida pela Universidade que é uma hipótese que pode, né? A Universidade pode ter um espaço e ceder.

Embora seja da década de 50, mas toda cessão de uso ela tem uma motivação e uma finalidade. E toda cessão de uso quando foge à finalidade é passível inclusive de reversão, né? Então, isso é hipótese porque a gente não sabe se ali o terreno é da Faculdade, mas são fortes as evidências que são.

E seria natural a Faculdade ceder também um espaço para o Centro Acadêmico. Isso não tem, não é nenhuma crítica, pelo contrário, é elogio. Mas em sendo, aí eu vejo

que há um poder de vocês de coibirem as ações porque fogem ao objeto pelo qual foi dada a concessão, né? Eu acho que por aí poderia ser feito sei, não sei se eu...

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Eu acho que independente disso. Nós temos uma, recebemos agora um vídeo em que há uma situação de potencial irregularidade, temos uma sindicância aberta a partir das denúncias da própria CPI, e isso vai ser mandado pra lá, vai ser investigado. Eu acho que independente da questão do prédio, a Legislação vai ser seguida no sentido de coibir esse tipo de coisa.

Então, essa questão, a gente tem uma equipe jurídica na PUC enorme, que vai saber dar o andamento. O importante é que as coisas erradas sejam punidas e que, sobretudo, as coisas boas sejam exaltadas, né?

Então, eu peguei a palavra agora. Me desculpe o...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – À vontade.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Deputado...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, fique à vontade. (Risos.)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Eu estou muito tranquilo porque é a segunda vez que eu estou aqui, as duas vezes eu fui convidado. Talvez o senhor não tenha acesso às minhas declarações, mas nós contamos aí o muito que foi feito ao longo do tempo pra melhorar a convivência.

Hoje eu estou mais contente, ouvi o deputado Diogo contando a sua história aqui, uma história muito bonita. E gostaria de poder ficar aqui algumas horas contando a história da PUC-São Paulo em Sorocaba. Eu poderia ficar horas falando as coisas boas

da PUC-Sorocaba, da importância médica, da pesquisa que é feita lá, da convivência com os alunos.

Só que infelizmente nós estamos discutindo aqui um problema, pra mim no contexto geral, localizado, mas importante e sério porque não pode, ela não pode apagar toda a história da primeira Faculdade de Medicina no interior e todas as pessoas que passaram por lá.

Deputado Diogo citou duas pessoas importantes e tem tantas outras no meio médico. Então nos incomoda, e por nos incomodar muito, por sermos contra esse tipo de situação é que nós não vamos deixar de investigar nada do que foi apresentado seguindo obviamente a Legislação tanto da Universidade como a Legislação Nacional, isso nós vamos seguir.

Quanto à questão das festas não só estudantis, mas as festas dos jovens é uma preocupação social, não é? O excesso de bebida das festas dos jovens, nós também na Universidade, inclusive aqui na Monte Alegre, eu vi o vídeo que foi colocado, antecipando a pergunta que provavelmente virá, essa reitoria tem trabalhado com a comunidade no entorno lá da Monte Alegre, com as autoridades no entorno da Monte Alegre pra inibir esse tipo de coisa.

Então, é nossa, nós estamos juntos nisso, né? Nós estamos juntos nisso, quer dizer, trabalhando para que essas coisas não aconteçam, né? Também vou levar essa informação, se puder ter esse vídeo vai ser muito bom.

Então eu acho que aqui nós estamos muito tranquilos porque nós temos trabalhado com isso ao longo do tempo. A própria criação do GAP foi incentivada, autorizada e colocada uma funcionária nossa para fazer parte do GAP que é uma psicóloga.

Então, nós estamos muito tranquilos, né? E tentar garantir ao máximo que esses alunos do GAP tenham a sua segurança, tenha a sua tranquilidade porque as aulas estão lá, estão correndo normalmente. Então, quando eu vejo essas coisas concentradas na CPI, lógico que me deixa muito nervoso, eu não quero que nada disso aconteça porque eu sei qual é o ambiente em Sorocaba. Eu sei que isso aí não é, é uma amostra, mas não é uma amostra representativa, né?

Mas tem que resolver isso, sanar rapidamente isso, aproveitar os elementos que a CPI está nos dando. Vai nos ajudar mais ainda, e focar em resolver isso de uma forma efetiva, não nos furtamos a isso e estamos muito contentes até de estar aqui, depor e ajudar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu acho que é muito boa essa fala no sentido de que às vezes tem algumas pessoas que podem pensar que existe uma ideia de destruir a entidade. Em hipótese alguma. Nós sabemos, tanto a PUC, a USP são entidades que têm uma história. Agora, existem fatos que foram trazidos pra cá e temos que apurar, não é?

Queremos acreditar que há uma união de esforços para que isso seja punido se houver necessidade de punição e que não mais aconteça, né? Porque, e aí vamos pegar um pouquinho do que o Professor Godofredo falou de que, como as pessoas ao longo do tempo mudaram porque há uns anos atrás acho que ninguém se exporia e, por exemplo, nós temos aqui na CPI casos de pessoas que vieram, "olha, eu fui estuprada, foi assim, assim e assim". Quer dizer, é muita coragem, muita coragem.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Já é uma evolução.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Né? Então eu acho que isso é muito importante. Agora, há necessidade que a instituição, e aí não estou fazendo uma crítica a vocês não. Estou fazendo uma questão genérica, que vale para todos.

Quando eu era prefeito em Jacareí, às vezes vinha a secretária e falava "ah! Fulano vem aqui reclamar, outro vem reclamar". Eu falava para os secretários, "olha, quando as pessoas vêm reclamar pra você, você tem que agradecer a Deus porque significa que elas ainda confiam que você vai fazer alguma coisa. Quando a reclamação não chega pra você, isso é perigoso, é porque daí vai chegar, por exemplo, para o Ministério Público, para o vereador, para não sei o que". "Mas porque eu não trouxe isso pra você?" "Ah, porque não acontece nada!".

Então, essa questão de chegar a denúncia pra gente é um sinal de confiança, porque se a pessoa não confia que vai acontecer nada, a denúncia não chega. Então a gente tem que tentar, né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - A demanda que a própria psicóloga nos conta é outra demanda. Ela tinha uma demanda antigamente com trote, quando o GAP foi criado. Hoje a demanda é outra demanda. Então vamos dizer assim, é uma pessoa que acho que assim, ninguém teria medo de expor, né? É uma pessoa que não é diretor, não é professora. É uma funcionária que está ali, quase uma mãezina dos alunos.

Então assim, ela mesma fala isso. Hoje as necessidades são outras, né? É como se fosse uma página virada. Claro que podemos consertar muita coisa das páginas, mas é uma página virada. Hoje a demanda que os alunos têm por ela é outra demanda, é uma demanda assim de sair de casa pela primeira vez. Hoje em dias as pessoas saem de casa mais cedo, né? Os jovens com 17 anos, 18 anos são crianças.

Quer dizer, essa saída de uma cidade pra outra, eu vejo meu filho que está com 17 anos foi pra Assis, né? O trote? Não, não tem. Mas assim (risos), é louco, é loucura. Nós estamos longe, não é sua casa, um menino de 17 anos, nossa! Não consegue nem ir ao jogo de futebol sozinho, não é? Você tem que dar passe pra pegar ônibus, quanto mais morar sozinho.

Quer dizer, eu hoje sinto aflição de pai, imagino os pais que deixam um filho morar numa cidade fora. O mundo mudou, o acesso é mais rápido, mas tudo bem, internet, Facebook, tal.

Mas assim, é uma aflição. Então assim, o que a nossa psicóloga comenta do GAP, assim, as aflições hoje, já foram a época do trote, hoje são essas aflições mais de convivência, de saudade, de se ambientar, quer dizer, quem sempre teve comida, roupa lavada agora vai ter que ir atrás.

Então, as necessidades são outras. Então assim, às vezes a reclamação não chega, entendo a sua posição que é perfeita, mas se não vai resolver nada é melhor nem reclamar então, não é?

Assim, eles teriam, outra instância e a Roseli que é a nossa psicóloga, uma pessoa fantástica, o nosso contato é assim diário. Tem coisas que ocorrem e a gente resolve ali. Chama e vamos tomar um café com o diretor, chama o cara de lado (ininteligível) a gente consegue resolver.

Então assim, a gente consegue ter um jeito de ser assim mais, mais fácil de lidar. Então tem, quando chega alguma demanda de algum aluno, mesmo sem ser oficial, é uma coisa que a gente consegue resolver, você chama ali e muitas vezes é um detalhe na vida, precisa de um favorzinho ali e você consegue resolver.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Isso gera confiança a partir do momento que ele se sente que foi acolhido, que foi ouvido, foi tomada alguma providência.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Koba. Deixa só interromper um minutinho. Koba, sabe o nome daquele ruivinho de barba lá que dá porrada no cara? Você sabe o nome?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Não, não, não. O que a CPI recebeu aqui por e-mail agora é que essas denúncias foram protocoladas na diretoria da Faculdade no dia 16 de abril de 2013, tem um protocolo aqui.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Qual denúncia? Da esternada?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Não, no geral. De todas as questões que têm nos trotes, das festas, dos problemas. Está aqui o protocolo, eles receberam em 16/04/2013 e a pessoa que recebeu é Laerte, eu acho. Tem o carimbo da PUC inclusive aqui.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dr. Martinez, o senhor conhecia o vídeo do leão XIII? Aquele lá?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aquele lá o senhor não conhecia?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Não. Não, do Leão XIII. Não, acabei de ouvir e de ver agora.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dr. Martinez, professor Martinez, o senhor também é médico, não é?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Sou.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Formado em Sorocaba, também?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Sou de Sorocaba. Nasci lá, inclusive.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, nasceu. Nascido eu sabia.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Não, desculpe, eu não sou formado em Sorocaba, não. (Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, não?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Eu até me atrapalhei, eu sou formado aqui em São Paulo. Sou formado na UNIFESP.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O senhor, o compromisso que eu fiz com o Dr. Carlos Dias é que nós vamos lá na reitora, né?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Ótimo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então, esse compromisso eu queria tirar do senhor assim que a gente acabar, nós queremos agendar para ir lá reitora levar tudo isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Tem que entrar em contato com a secretária da reitora e eu acredito que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso eu faço, mas olha, é um compromisso, né?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - (Risos.) Quem pode assumir um compromisso pela reitora é a reitora. Eu tenho certeza, eu conheço a reitora e sei que vai recebê-lo com prazer. Certo? (Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Senhor Martinez, eu estou sendo tão respeitoso...

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Não, eu acho que a reitora vai receber o senhor com prazer. Eu tenho certeza pela...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos deixar claro. Quantos anos o senhor tem?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Eu tenho 57.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então vamos lá. O compromisso com a reitora que o José Carlos Dias pediu, é o seguinte, a reitora não vem.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - O senhor vai receber, ela vai receber o senhor lá.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vou ser recebido lá.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Eu acredito...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós vamos levar todos estes vídeos.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, nãoop estou fazendo, estou tratando o senhor como o senhor está me tratando como uma criança.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINEZ - Imagine.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós vamos levar todos estes vídeos, vamos levar todos os hinos, né? E professor, o senhor que me respeita um pouco mais, eu estou dando a biografia do Gerardo Magela, a família não tem nenhuma foto dele, se o senhor puder procurar. Eu sei que é muito tempo, no arquivo morto, se o senhor puder procurar alguma coisa desse menino Gerardo Magela, tem tão pouca coisa sobre ele que a única coisa que a gente sabe é que ele foi jogado do Viaduto do Chá.

Isso eu falo com tanta emoção, o Martinez pelo que eu estava contando a parte bonita da minha vida, né? Essa não é a parte bonita, essa é a parte triste. Ele não estava, não aparecia na relação de mortos e desaparecidos. Ele era um cara que nós que levantamos este caso agora, agora.

Ele tinha sumido, ninguém achava o Gerardo Magela. Aqui, olha. Gerardo, o pai, esse aqui era o pai.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Essa é uma história da Faculdade que a gente sabia de um aluno nosso que tinha...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É ele, olha. O Gerardo era poeta e jornalista. "Durante um período residiu em Itu, participou do "Jornal Bidu", gazeta poética, política daquela cidade do interior, era conhecido por Tereca. Depois passou a morar em Sorocaba até o quinto ano, né? Como estudante universitário engajou-se no Movimento Estudantil sendo eleito presidente do DCE da Universidade de Sorocaba. Foi amigo de Alexandre Vannucchi, estudante de Geologia assassinado no DOI-CODI em 17 de março de 1973. Era sobrinho pelo lado materno do ex-prefeito de Caicó, Manoel Torres. Circunstâncias da morte, segundo a versão oficial, grafado como Geraldo e era Gerardo, teria se suicidado atirando-se do Viaduto do Chá localizado no Centro de São Paulo. A causa mortis foi traumatismo crânio-encefálico, foi feito um laudo oficial não registrou nenhuma fratura ou mesmo escoriações tendo caído de uma altura razoável, foi assinado por Otavio D'Andrea (ininteligível) falso de morte do prisioneiro. Em reportagem no "Diário Popular", 07/04/1991 intitulada 'Família Faz Acordo em Troca do Corpo', Carlos Fernandes Souza da Costa denunciou à época que a morte de seu irmão Gerardo fez a família um acordo com o Exército e se comprometeu a não denunciar contra o assassinato, em troca o Exército prometeu (ininteligível) num prazo de dois anos, fato que nunca ocorreu. Gerardo Magela não constava da relação de mortos e seus familiares não foram localizados. A informação *bereré...*"

Aí já é, são vários dossiês que são repetitivos, não é? Então, isso aqui nós fizemos um resumo de Gerardo Magela, e o que o senhor puder, tem um pra o senhor e um pro reitor, e o que o senhor puder...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Na história da Faculdade tem uma história sobre isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O que o senhor puder achar de coisa para nós pra gente fechar o relatório é muito importante. E mesmo lá no Rio Grande do Norte o pessoal está levantando tudo e não está achando quase nada. Era um menino muito estudioso. É.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Deve ter entrado 1967, 1968 na Faculdade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - è, 1968/1967.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, 1968/1969.Bom, vamos lá Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A modernidade hoje acaba nos ajudando porque, como está sendo transmitido, não é isso?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Na Web, na Web.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Na Web.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está na Web.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tem algumas pessoas que se comunicam conosco, informações e a gente não pode perder essa oportunidade (risos.) que é muito rica. Mas o que chegou aqui pra gente professor é um documento protocolado em 13 de abril de 2013 que traz um relato de alunos que teriam sofrido por trotes.

Inclusive neste documento protocolado, quem protocolou é uma pessoa de nome Isabel, tem inclusive a cópia de um B. O. de lesão, abriu um Boletim de Ocorrência, a pessoa fez o relatório e entregou pra vocês, isso em 13 de abril de 2013, aliás, 16 de abril de 2013.

Agora eu não sei se vocês têm isso na memória, não sei que encaminhamento foi dado, porque tem um protocolo, se vocês quiserem, estava pensando, vocês tem um pen drive onde gravaram o vídeo, não tem? A gente podia pegar este pen drive e colocar este documento, porque verifica-se o que foi feito disso. Esse documento entrou, então, foi protocolado, tem um B. O. O que foi feito disso? Não sei se o senhor lembra de alguma coisa nesse sentido. O senhor estava em 16 de abril de 2013, o senhor era vice-diretor, né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não lembro, pra ser sincero eu não lembro agora.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então vamos passar o pen drive, aonde está o pen drive do vídeo? Oi? Vamos gravar este documento aqui. E pegando outra informação, vou fazer uma pergunta pra o senhor. Dr. Antonio Calvillo, é médico. O que ele é lá na... Não é nada na Faculdade? O que, ele formou lá?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Formou lá, mas ele não é...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Desculpa, vamos gravar...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Ele se formou na Faculdade, não sei agora o ano, mas ele não é professor da Faculdade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não tem nenhum cargo, nada lá?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Se não me engano ele é médico do estado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É concursado, né?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Não é médico da PUC.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – As informações que nós temos é que ele está usando de mecanismos, de ameaça aos alunos que aqui vem fazer seus depoimentos.

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Eu recebi estas denúncias. Elas foram encaminhadas tanto para o chefe dele que é o diretor do conjunto hospitalar como pra a reitoria que foi um dos motivos para ter aberto a sindicância, apesar de não ser aluno, não vai ter nenhuma...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque não dá pra gente conceber em 2015 uma pessoa que venha fazer depoimento na CPI e depois ser, né? Ameaçada por um profissional, isso pra nós é inconcebível.

Então vamos fazer a cópia e aí, até se o senhor, por exemplo, pudesse... Como a CPI tem mais 15 dias, nos dar um retorno. "verifiquei isso aqui, teve esse

encaminhamento, tal", eu agradeço, para que a gente possa verificar porque isso já foi protocolado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, é um documento que já foi protocolado dia 16 de abril de 2013, e eu não, são várias folhas, não dá para ler tudo, mas tem inclusive um B. O., Boletim de Ocorrência anexado de lesão corporal, e foi recebido dia 16 de abril de 2013.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Já era diretor?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vice, vice-diretor. E foi recebido pela Isabel, uma pessoa que se chama Isabel protocola. Então eles vão levar uma cópia, claro que já tem lá, é evidente, mas para verificar e nos municiar aqui na CPI, em cima deste documento o que foi feito. É um compromisso Dr. Godofredo, um compromisso aí dele.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem mais alguma coisa? Ninguém sabe o nome daquele aluno ruivinho lá, né? Precisamos, esse, como a CPI está acabando, pelo menos aquele ruivinho precisa trazer ele aqui, viu Koba? O cara é muito folgado.

Vamos ver de legendar, bom, não dá para legendar. Vamos tentar identificar, não dá para pedir para os alunos identificarem? Mas vamos tentar identificar quem participa, pelo menos a vítima, vamos tentar achar a vítima. Pelo menos a vítima, a vítima tem o direito de se defender, o menino que é socado lá. Com a palavra Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Presidente...

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –Hã?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como é que é?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - O menino que leva o soco no esterno, ele foi lá, você percebe nitidamente no vídeo que ele queria levar aquela pancada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Não, dá para documentar, faz parte das tradições culturais, é uma coisa assim, difícil compreender. No caso da Pasta, Pascu da Faculdade de Medicina da USP tem estudantes que pedem para levar a Pasta. Eles pedem para levar. É uma cosa (risos.)...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Baseado e que isso você está afirmando, você está depondo na CPI. O garoto pediu para levar o soco?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, pelo amor de Deus.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Presidente, eu estava...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso aqui é CPI, não é roda de bate-papo. Vai, Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Dr. Godofredo, não sei se o, chegou pra nós aqui uma perseguição a alunos que vem depor aqui, são perseguidos por Dr. Antonio Calvillo que é médico. Isso é de conhecimento da Faculdade? Ele não é membro da...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não entendi, não entendi. Fala com esse microfone senão...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Chegou aqui pra nós de que o Dr. Antonio Calvillo que é médico, ele tem feito umas ameaças aos alunos que depõem aqui na CPI. Dr. Antonio Calvillo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não. Não tem. E aí o Dr. Godofredo diz que tem conhecimento, ele não é médico do quadro da Faculdade, mas que isso chegou pra eles, e mediante o que chegou pra vocês, vocês encaminharam, como é que...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Encaminhei para o estado, para o chefe dele.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Encaminhou para? Arruma mais um microfone sem fio. Ainda tem? Senão o diretor ou fala ou olha pra nós. Por favor. Eu sei que está muito longa, está demorado, o pessoal da Pinheiros ainda precisa depor aqui, mas arruma um microfone sem fio para ele ficar mais, por favor.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Registrar então que ele, que houve encaminhamento, então para o superior hierárquico dele, que ele é funcionário do Estado. Isso a própria Faculdade oficialmente comunicou...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Funcionário do estado?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Funcionário do estado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Meu Deus!

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E vocês oficialmente comunicaram...

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - A gente recebeu uma queixa oficial na Faculdade em relação a isso oficialmente, encaminhei ao diretor do conjunto hospitalar de Sorocaba e todos os e-mails que chegassem no GAP em relação às denúncias eu encaminho para a reitoria. São assim, duas ações que a gente acaba fazendo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Uma da reitoria e também ao superior hierárquico dele. Ele é médico, o senhor sabe a especialização dele? Não sabe.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem que localizar, falar com David Uip, o que é isso?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas é, inclusive dá para reiterar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Para a Alesp, reiterar essa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O que dá o soco? Marcelo Rossini? Ele é o agressor? E a vítima?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá, mas o agressor é Macelo Rossini? Obrigado Koba. De que ano ele é? Então está bom, já tem o nome, vou convocar esse cara. Nada mais?

Bom professor, com todas as dificuldades, com todas, com todo esse mundo aí difícil eu quero agradecer que o senhor veio aqui, foi muito bom. Eu, a única coisa que a gente pede é sr o senhor poderia localizar alguma coisa do Gerardo Magela. Quanto à reitora eu vou agendar, eu já entendi que tenho que agendar diretamente com ela.

Tem mais alguma coisa, alguém quer perguntar, falar mais alguma coisa?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Quarto ano.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quarto ano. Os caras são rápidos, impressionante. Estão assistindo lá em Sorocaba, todo mundo?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, é? Então está bom. Bom, acho que não há mais nada a perguntar, só a agradecer. O senhor quer fazer as suas considerações finais?

O SR. GODOFREDO CAMPOS BORGES - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, obrigado professor Martinez, obrigado nosso querido assessor de imprensa de Sorocaba, da PUC. Sou lavado por dentro e por fora, leva os livros, pelo menos. Aqui estão as postagens, né? Vamos ver essa ara aí, vamos ligar para o David Uip.

Pessoal, me liga lá para o David Uip, pede lá pra ligar pra Secretaria da Saúde, por favor, falar com o Dr. David. Ele está no consultório esta hora. Se tiver alguém lá liga para o consultório.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Teremos mais depoimentos ainda hoje, presidente?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem os meninos da Pinheiros.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pode suspender por 10 minutos, só pra gente tomar uma aguinha?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Acho que não tem nem mais garçom na Casa pra trocar a água.

A sessão é suspensa por 10 minutos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu fazer uma leitura. Reaberta a sessão. Convoco nos termos regimentais, olha, estou fazendo tudo direitinho

aqui. Convoco nos termos regimentais os senhores deputados e deputadas abaixo relacionados, membros efetivos e substitutos da Comissão Parlamentar de Inquérito constituída com a finalidade, constituída pelo ato 56 de 2014, presidente da Assembleia Legislativa mediante requerimento 24/23 de 2014 com a finalidade de investigar as violações dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito as universidades paulistas ocorridas nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico, para uma reunião a realizar-se no dia 26/02/2015, quinta-feira às 14 horas no deputado Paulo Kobayashi, com a finalidade de aprovar o relatório parcial da CPI, aprovação de requerimentos, ouvir depoimentos de pessoas convocadas nos termos dos requerimentos aprovados nas reuniões realizadas nos dias 17, 18 de dezembro de 2014, nos dias 27 de janeiro de 2015, quatro, 10, 24 e 25 de fevereiro de 2015.

Membros efetivos Carlos Alberto Bezerra Jr., Dilador Borges, Adriano Diogo, Marco Aurélio de Souza, Ulysses Tassinari, Jorge Caruso, Carlos Giannasi, Sarah Munhoz e José Bittencourt.

Substitutos, Pedro Tobias, Welson Gasparini, João Paulo Rillo, Reinaldo Alguz, Itamar Borges, Leci Brandão e Rita Passos. Então, amanhã leitura do relatório, julgamento do Fabio Hideki que queria que a gente desse uma força pra ele, coitado, vai ser julgado amanhã, e que amanhã também tem o negócio do Guilherme Boulos do MTST, da Marcha da Água às cinco horas no Largo da Batata.

E como é que ele faz? Ele fala o nome, não fala o nome?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, espera um pouquinho. Não está valendo nada, você vai falar tudo no microfone. Só quero fazer a pergunta, o nome dele aparece, não aparece? Só fala as iniciais do nome? Como é que vamos combinar? Vamos combinar o jogo aqui.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Um deles que está sentado

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O (ininteligível) falando.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - O que está sentado á sua esquerda, ele...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O auditório é Paulo Kobayashi, o cara já fala assim... Ele encarnou o Paulo Kobayashi.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Ricardo Kobayaski com k no final falando, assessor da CPI. Um deles, o que está sentado à nossa esquerda aqui ele pede preservação da identidade dele, pelo menos da imagem e do nome, então a gente não vai pronunciar o nome dele, e o outro que está à nossa frente falou que não há nenhum problema em relação á imagem e o nome dele, que é o Augusto.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Já está sujo mesmo...
(risos.)

O SR. - (Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não tem mais nada que salve. E aí eu, como é que faz? Faz as iniciais do rapaz, só? Como é que a gente faz?

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Pode ser.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só imagem que você quer, o resto você segura, ou você prefere a sua identidade.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Põe o nome.

O SR. - Acho que é melhor fictício.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - A gente coloca um nome fictício para ele.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Fictício? Isso é complicado, pelo menos... Não pode nem...

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. - As iniciais do nome.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – As iniciais? Põe as iniciais, vai, por favor. É, porque fictício aí também é...

O SR. - É melhor fictício para não interferir tanto no depoimento.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então não fala nada, porque fictício é mentira e mentira nós não podemos mentir. Começa a falar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Depoente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pronto, depoente.

O SR. - Ótimo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O cara é bom, viu? O cara é bom! (Risos.) O dia que você for presidente da república quero ser o seu chefe de gabinete.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – (Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Deixa só contextualizar, porque eles estão aqui...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ricardo Kobayaski com a palavra, encarnando, reencarnando.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Ressuscitado. Em primeiro ler o manifesto que foi encaminhado para a CPI que é um manifesto feito pelos estudantes do quadrilátero da Saúde, menos os estudantes de Medicina. Então, começando a leitura.

"Manifesto dos estudantes do quadrilátero da Saúde pelo direito do uso e gestão do espaço da AAAOC, Associação Acadêmica Atlética Oswaldo Cruz. As seguintes entidades estudantis do Quadrilátero da Saúde, da Escola de Enfermagem e da Faculdade de Saúde Pública, cursos de Saúde Pública e Nutrição, vêm por meio desse documento manifestar o interesse na democratização do espaço da Associação Atlético-

Acadêmica Oswaldo Cruz e de sua abertura para o uso pleno e igualitário por todos os cursos. Atualmente, o terreno que, conforme documentos abaixo é um terreno da USP concedido por comodato ao CAOC, Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, em região privilegiada do alto de Pinheiros, é gerido apenas por estudantes de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Medicina São Paulo, FMUSP, sendo organizado e tendo participação estimulada apenas por estudantes da mesma instituição. Apesar de estudarem ao lado do terreno, os estudantes dos outros cursos supracitados não pertencem à Associação Acadêmica Atlética Oswaldo Cruz, utilizando para prática esportiva o CEPE, Centro de Práticas Esportivas da USP, no campus Butantã, muito mais distante. Há casos de discriminação ativa aos alunos de outros cursos por parte de alguns estudantes de Medicina, sem coerção institucional pública a esses comportamentos, e indisposição de ceder o espaço e a agenda para os times de estudantes do quadrilátero da saúde treinarem suas modalidades de maneira independente. Ainda acrescentamos que a Atlética da Faculdade de Medicina cobra mensalidades da população, moradora da região, que queira utilizar o espaço como um clube privado, cuja verba é totalmente revertida para o uso e fruto da Associação Acadêmica Atlética Oswaldo Cruz e suas atividades muitas vezes questionadas no advento desta CPI. Nesse sentido, há consenso sobre o enorme privilégio dos estudantes de Medicina do uso daquela infraestrutura que, apesar do comodato, possui origem pública e pertence à universidade. Cabe ressaltar que o curso de Medicina é o único de toda a universidade que usa com exclusividade um espaço da USP, ainda mais um de tamanho privilégio como é o caso do terreno da Associação Acadêmica Atlética Oswaldo Cruz. Nosso objetivo faz parte de uma demanda histórica, que é a administração da Associação Acadêmica Atlética Oswaldo Cruz ser democratizada e que o direito ao uso do espaço seja garantido para todos os estudantes do quadrilátero da saúde, isto é, que estudam nas redondezas do terreno e são estudantes da Universidade de São Paulo. Assinam este documento, Centro Acadêmico Emílio Ribas da Faculdade de Saúde Pública, Centro Acadêmico XXXI de Outubro da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Associação Atlético-Acadêmica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, AAAEEUSP".

E anexo está aqui o termo de cessão de comodato, mostrando que o terreno de fato pertence ao Estado, à Universidade de São Paulo e isso é o pedido que eles fazem para que se democratize o espaço. Está aqui.

Agora, contextualizando o tanto o depoente que está aqui à esquerda, ele vai falar sobre a experiência que ele teve no trote na Faculdade de Engenharia da USP, na Poli, porque ele antes de entrar na Medicina ele passou pela Poli, e também falar do que ele sabe a respeito de muitas das coisas que foram ditas aqui na CPI sobre a Atlética da USP. E o outro depoente que é o Augusto, ele volta aqui para novamente falar, esclarecer outros detalhes a respeito do funcionamento da Atlética a pedido da Procuradoria da Casa. É isso, obrigado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, antes do depoente fazer uso da palavra...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Com a palavra o deputado Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nós já temos em mãos a contabilidade, a prestação de contas da AAAOC, ou não? Isso aqui a gente fez solicitação, ou não?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós estamos tentando abrir essas contas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque eu queria saber...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Até agora estamos tentando.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É, porque aqui quando fala de cobrança de pessoas que são moradores da região que queira utilizar o espaço como um clube privado, eu quero saber como isso é contabilizado na entidade, né? Sobre a rubrica.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quer falar doutora? se a senhora quiser se expor.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A questão é isso, da... Você sabe como é que isso é contabilizado ou não?

A SRA. CAROLINA - Carolina, da procuradoria. Ainda não, deputado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Isso interessaria muito pra gente porque é receita. Porque, eu espero que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dra. Carolina com a palavra. Dra. Carolina.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu espero que esteja numa rubrica contábil, ou seja, entrando no cofre oficial da contabilidade oficial da entidade. Espero, não é?

E entrando na contabilidade oficial, com qual origem, porque me, acredito eu que não poderia cobrar porque é espaço público,, né? Mas, então eu acho que é uma coisa pra gente verificar e ter a contabilidade à mão para verificar isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eles não entregam as contas, eles não entregam. É uma dificuldade.

A SRA. CAROLINA - Essa CPI requereu...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dra. Carolina com a palavra.

A SRA. CAROLINA - Essa CPI requereu esses documentos, eles não foram entregues e estamos aguardando.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Está bom. Obrigado doutora. Era isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Caro depoente, com a palavra.

O SR. DEPOENTE - Boa noite. Primeiro, acho que falar sobre um contexto da CPI na Faculdade atualmente. Acho que está tendo um efeito positivo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você estuda na Pinheiros?

O SR. DEPOENTE - Estou fazendo, aluno...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas você entrou na Poli?

O SR. DEPOENTE - Eu já fui aluno da Escola Politécnica durante dois anos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estudava o que? Só o básico?

O SR. DEPOENTE - Engenharia, Engenharia 2007, 2008.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas só o básico, né? Ou fez...

O SR. DEPOENTE - Só o básico.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só o básico. Vamos lá.

O SR. DEPOENTE - Então eu passei por uma semana de recepção lá...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estudioso heim cara, pelo amor de Deus!

O SR. DEPOENTE - Passei por uma semana de recepção lá na Escola Politécnica, passei uma semana de recepção antes de entrar na escola Politécnica na Unicamp porque eu passei em primeira lista lá e depois fui para o outro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Que lugar você entrou na Pinheiros?

O SR. DEPOENTE - Eu passei em 14º, assim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cara estudioso.

O SR. DEPOENTE - Mas, e depois passei pela semana de recepção na Faculdade de Medicina em 2010. Assim, com relação, você quer que eu fale primeiro como foi na Poli, ou...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Fale o que você quiser. Nós ficamos até agora aqui e você está até agora aqui com a maior fome do mundo (risos.) fala tudo agora, né?

O SR. DEPOENTE - Eu acho que, assim, eu particularmente eu não senti que sofri algum tipo de violência no trote. Existiam certas brincadeiras pueris que eu considero colegiais até. Não sei, um arrancar a cueca do outro, uma coisa assim bem... Que algumas pessoas podem considerar ofensivas.

Eu particularmente não sinto que sofri um trote violento lá. Eu acho que era vulnerável lá assim como todos os meus colegas na questão do álcool. A gente recebia bebida de graça nas primeiras semanas, e a gente sabe que a indústria de álcool tem uma relação bem forte com os universitários, né?

Então isso foi até levantado numa aula com um professor meu do Hospital Universitário no último mês, eu tenho, essa aula foi dada pública para outros colegas também comigo. Inclusive esse professor era...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não foi parto não, né?

O SR. DEPOENTE - Como?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não foi parto não, né?

O SR. DEPOENTE - Não. Esse professor...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós temos um caso de violência obstétrica, foi feito um parto no meio de uma aula. Primeiro filho de uma mulher e ela foi cortada de lado a lado só para dar aula. Mas vamos lá.

O SR. DEPOENTE - E esse professor ele deu uma aula sobre o uso de álcool e drogas entre estudantes em escolas públicas e universitárias, um estudo que ele está fazendo com um grupo de pesquisadores.

Ele já foi responsável pela "Cartilha do Trote", segundo ele falou nesta aula, e ele colocava imagens nessa Cartilha e ele era um dos responsáveis, enfim, por produzir documentos para que os calouros na época que ele falou 2004/2005 que entravam na Faculdade serem orientados em relação ao trote. Ele, na aula dele ele mostrou como era o trote na Poli, né? Ele mostrou o vídeo e me autorizou até a falar sobre essa aula aqui. Eu falei com ele antes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como é o nome dele?

O SR. DEPOENTE - Dr. João Paulo Lotufo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, o Lotufo. Ele é diretor, né?

O SR. DEPOENTE - Ele é lá do HU.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele é diretor do HU.

O SR. DEPOENTE - Não sei atualmente, ele é professor da Pediatria. Ele me autorizou falar sobre essa aula que ele deu aqui, porque ele é um dos pesquisadores que estuda a questão do álcool com os estudantes.

Então, ele até pode falar melhor do que eu sobre isso. Naquela aula, naquele dia ele mostrou um vídeo que era dos estudantes da Poli no dia, no ano que eu estava presente na época do trote.

Então, eu acho que existe uma grande vulnerabilidade dos alunos em relação ao uso de álcool, né? E acho que, nessa questão da vulnerabilidade em termos de acidente de automóvel todos os nossos colegas já ouviram falar ou já conhecem ou tem um conhecido que já sofreram acidentes de automóvel depois de fazer uso de bebida em festa. Então, acho que isso com relação às denúncias de violência também.

Nas festas acontece uso de muita bebida e a gente sabe que as mulheres particularmente são mais vulneráveis ao , quando ambos os sexos estão na festa bebendo as mulheres, eu considero que estão particularmente mais vulneráveis e tem isso tudo que se você quiser até mostro na tela, que mostra isso já em números...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por favor. Por favor, fique à vontade. Eles põem senão você fica vulnerável na imagem. Deixa eu falar uma coisa, já que você está falando com tanta propriedade, vocês tem algum dado de adulteração do conteúdo químico original das bebidas?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não? Só bebida? Por exemplo, os éteres, os inalantes? Ou senão, outra pergunta que é uma curiosidade que eu nunca tenho pra quem perguntar. Esse negócio dos energéticos?

O SR. DEPOENTE - Na Faculdade de Medicina isso não é sistemático, entendeu? O que existe são pessoas que eu já ouvi falar que usam, mas eu não, eu particularmente não acho que é uma coisa, eu não acho...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós estamos falando do ponto de vista teórico, não estou falando pra você acusar ninguém.

O SR. DEPOENTE - Eu estou dizendo assim, não acho que é uma coisa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Uma coisa que...

O SR. DEPOENTE - Não, o uso de, acho que principalmente é o álcool que é mais assim, que acho que causa mais vulnerabilidade assim, e que na primeira semana é gratuita a bebida.

Quando eu entrei na Escola Politécnica a gente recebia cerveja de graça nos primeiros dias assim cabe ao individuo claro escolher se ele vai beber ou não, ele que vai escolher a quantidade, mas na minha opinião um controle social que existe não é tão eficaz porque a gente sabe que existe um desvio do comportamento quando há uso e que pessoas que ficam de certa forma desviam muito mais do que a normalidade quando estão embriagados e isso favorece, claro algumas violações aos direitos humanos como está se debatendo aqui.

Esse estudo que eu gostaria demonstrar na tela ele justamente conclui isso, então não sou eu que estou falando aqui, só estou divulgando. Não, existe um estudo que está

numa página da internet e existe um vídeo também que o professor divulgou na aula para contextualizar esta questão. O vídeo chama Maratoma.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá, vamos começar pelo vídeo que vai criando o clima, vai.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. DEPOENTE - Essa é uma competição onde as pessoas que estão competindo tem que beber e ver quem aguenta beber mais.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso é na Poli?

O SR. DEPOENTE - É, e você tem que, você vomita no meio pra continuar bebendo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso é no trote ou é geral?

O SR. DEPOENTE - Isso faz parte do trote.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Meu Deus do céu.

É feita a exibição de vídeo.

O SR. DEPOENTE - Acho que são oito, tem de outros anos também, está tudo no YouTube. Acho que na verdade quem divulgou na nossa sala de aula este último mês foi o professor, né? Para contextualizar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Para entender, tem vários?

O SR. DEPOENTE - Tem de vários anos, o senhor encontra no YouTube.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O mais recente qual é?

O SR. DEPOENTE - O mais recente eu não sei qual que é, mas se o senhor entrar na internet agora o senhor consegue ver, tem vários.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vou pedir, vou pedir. Pessoal, este documento antes que os caras limpem. Não, não é só salvar este, não é lei do mínimo esforço. Tem que pegar os últimos, principalmente os últimos cinco anos, senão o juiz vai falar, não...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Maratoma?

O SR. DEPOENTE - Isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O nome é o mesmo? Só muda o ano?

O SR. DEPOENTE - Faz parte do IntegraPoli e é outro que são conjunto de provas. Essa é uma prova que faz parte deste IntegraPoli. Por exemplo, uma das provas era invadir a Faculdade de Medicina, fazer alguma coisa lá e depois, tipo isso. é uma lista de provas que era dado e que constava diversos itens, entendeu?

E um deles fazia parte de um item era isso, mas...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Voz sobreposta.)

O SR. DEPOENTE - Eu não quero ser, fazer moralismo aqui, inclusive por

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você não precisa interpretar nada.

O SR. DEPOENTE - O fato de que eu faço uso de álcool também, mas acho que isso é um risco pelo qual os estudantes estão sujeitos e acho que muito disso tem a ver com a relação com a indústria. Vou explicar o por que.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Espera um pouquinho. Precisava ver, estou pedindo civilizadamente, não com calma, não é para projetar mais nada, já pegar os últimos, viu. Os últimos, se tem 2014, 2015 já deve estar, os caras devem estar tudo louco outro dia jogando os calouros na grama, lá, no barro.

Vamos recuperar assim tipo, vê se tem 2015, 2014, 2013, 2012 e 2011. Isso é importante porque o que ele mostrou era 2000 e?

O SR. DEPOENTE - Era 2011.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Onze. É, senão eles começam a falar, "não, isso aí está prescrito"...

O SR. DEPOENTE - Na verdade assim, não sabia que existia esses vídeos quem mostrou isso pra gente foi o professor na aula, para contextualizar a pesquisa que eu posso mostrar dele também que é sobre o estudo que ele fez relacionado aos estudantes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Porque você está tão preocupado que está dando informação, não estou entendendo. Você quer se defender... Deixa a gente...

O SR. DEPOENTE - Não...(voz sobreposta.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Voz sobreposta) está tão bom...

O SR. DEPOENTE - Que eu gostaria de mostrar o que o professor também mostrou na aula.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom, mas deixa a gente salvar. espera aí. Isso aí o que tem, Dan você que...

O SR. DANILO - Tem que procurar melhor aí...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, está bom, mas você conheceu este mundo aí, né?

O SR. DANILO - Pelo que eu estou vendo aqui Adriano não é só na Poli que tem, tem na FAMERP...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –FAMERP em Rio Preto?

O SR. DANILO - É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ixi.

O SR. DANILO - FAMEP.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Rio Preto quando é? Em 2012?

O SR. DANILO - Tem outras coisas aqui.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Que mais? Sobre o que é? Lorena, repúblicas de Lorena. Vizinha do Marco Aurélio... Minha nossa senhora, aonde eu estava morando, em que planeta.

O SR. DANILO - Pelas imagens (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso da Poli é tudo da poli, né? Estava tudo Poli lá, né? Aquilo lá, aquele piso e tudo Poli. Apareceu uma edícula lá...

O SR. DEPOENTE - É dentro da escola.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tudo dentro da Poli, né? Tem que começar outra CPI Marco Aurélio. Minha nossa senhora! Que mais, essa aí de onde é?

O SR. - (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Lorena, tem FAMERP aí? Maratoma da onde essa?

O SR. DEPOENTE - Acho que é um tipo de prova bem conhecido de vários estudantes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É que nem aquela como é o nome daquele aliciamento de mulher, das jovens universitárias? Ladies First. Meu deus do Céu, olha. Essa daí onde é? Maratoma do Faustão, Fausto Silva, ainda os caras põe nome próprio.

O SR. DEPOENTE - Não, essa é do Faustão.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, é do Faustão. Está misturando. Está bom, prossiga, foi bom, foi bom.

O SR. DEPOENTE - Então, eu acho que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – De 2015 você não achou nenhuma né Dan?

O SR. DANILO - Acredito que não começou ainda.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, já teve na Poli. Bom, quando , que mês é a Poli, a Maratoma?

O SR. DEPOENTE - Costuma ser, fazer parte das atividades...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – No trote? Logo no início?

O SR. DEPOENTE - Na Poli pelo menos, nos outros cursos eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom, vamos lá.

O SR. DEPOENTE - Não, acho que assim...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E aí é só bebida?

O SR. DEPOENTE - Sim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só bebida?

O SR. DEPOENTE - Sim. Só bebida.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não tem anfetamina, Loló?

O SR. DEPOENTE - Não. Não sei, eu não...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O professor não falou, está bom. Vamos embora.

O SR. DEPOENTE - Bom, então acho que mostrou isso, inclusive porque o Hospital Universitário é onde se atende essas pessoas que, as pessoas que entram em estado de coma alcoólico, intoxicação por substância ou álcool.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você acha que ele viria falar na CPI?

O SR. DEPOENTE - Bom, se o senhor chamar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você pode fazer uma auscultação? Professor, na boa assim, nada de sensacionalismo, o senhor pode ir lá depor pra ajudar na CPI, dar uma força?

O SR. DEPOENTE - Ah, não sei...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom, a gente faz. O nome completo dele?

O SR. DEPOENTE - João Paulo Becker Lotufo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É o que era diretor?

O SR. DEPOENTE - Eu não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – João Paulo Becker Lotufo. Ele é o pai da Stéfanie Lotufo? Da Globo?

O SR. DEPOENTE - Não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não? Está bom, vamos lá.

O SR. DEPOENTE - Bom, o professor então nessa aula falou sobre o uso de álcool entre os estudantes universitários, citou estes casos inclusive pelo motivo

(ininteligível) posso confirmar a versão dele de que realmente isso existe e que eu já presenciei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Em 2012, só um minuto. De onde é essa Fatec? Qual Fatec? Só um minuto. Está bom, está bom, salva ela. É Fatec mesmo, né? Em 2012 tem várias Fatecs. Está bom, meu Deus! Concurso... Está bom, vamos embora. Pronto.

O SR. DEPOENTE - Acho que, bom algo preocupante que o professor também falou foi que quando ele era um dos responsáveis pela comissão do trote, de prevenção dessas questões, acho que no ano de 2004, 2005 ele foi orientado a retirar certas imagens da Cartilha do Trote sendo que uma delas inclusive continha o caso do calouro Edson, que faleceu, que eles faziam uma Cartilha e colocavam essas imagens. Ele foi orientado por um superior dele dentro da Universidade a retirar as imagens porque isso prejudicaria a imagem pública da Universidade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Falou o nome do superior?

O SR. DEPOENTE - Ele não falou o nome ele só citou na aula isso, né? Ou seja, ele mostrou que ele tem uma militância dentro das aulas que ele dá para os alunos de Medicina em que a Universidade negligencia ativamente os problemas tem. Eu...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nome dele mesmo?

O SR. DEPOENTE - É Dr. João Paulo Becker Lotufo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vai, continua.

O SR. DEPOENTE - Eu assim, concordo com a fala dele, ele falou assim na aula, "a gente não é contra, a gente não tem tolerância zero com o álcool, mas a gente acha que existe um certo, uma vulnerabilidade e mostrou estudos que corroboram a hipótese de que existe uma certa vulnerabilidade e particularmente que as mulheres, ele não mostrou falando especificamente das mulheres, mas há estudos falando que existe um estudo lá que eu posso mostrar depois, mas que fala essa relação de vulnerabilidade como ela se processa, tal.

Tem autores que pesquisam isso na Academia, na Ciência e justamente mostram isso. Estou dizendo isso porque eu acho, eu acredito que a Universidade ela deve ser modelo para a sociedade, né? Então assim, falar que os problemas da sociedade estão na Universidade, que a Universidade é um país dentro de um país, e que os mesmos problemas do país estão dentro da Universidade, foram as declarações que foram feitas por vários de nossos professores ou reitores.

Eu venho falar isso porque eu discordo dessa afirmação. Eu acho que a Universidade deve servir de modelo, se a gente tentar começar a mudar a Universidade quem sabe a gente consegue melhorar algo na sociedade.

Então acho que as políticas públicas que podem sair dessa audiência, eu venho aqui como um espaço político também, não só de apurar casos pelos quais eu não tenho como afirmar enfaticamente. Eu estou dizendo em termos mais genéricos porque eu espero que a partir desta CPI se produzam políticas públicas relacionadas a isso.

A gente, já ouvi falar, já tenho conhecimento de que as indústrias ativamente fornecem, têm relações com os Centros Acadêmicos, com as associações estudantis para fornecer bebida alcoólica de modo muito facilitado no início e de modo, com preços muito baratos no início, de modo que é por ali que começam as coisas.

Já frequentei festas de Medicina em que havia propaganda de cigarro também. O que eticamente a gente tem, é um pouco difícil de concordar em que uma festa de Medicina se promova a indústria do tabaco.

Algo que não saiu, que o professor também enfatizou que a gente está atualmente, que as empresas foram proibidas de veicular propaganda de bebida alcoólica até às nove horas da noite durante o dia. Isso não foi divulgado em nenhum meio de comunicação.

Então eu acho que um lugar para se falar isso é aqui também. Porque há um conflito de interesses em que talvez seja difícil de fazer propaganda sobre isso, mas que as empresas não podem mais veicular propaganda de bebida alcoólica até às nove horas da noite e isso acho que nenhum colega meu sabia no momento dessa aula e essa lei já havia sido...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Lei nacional, né?

O SR. DEPOENTE - É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Olha, a tenção, vamos recuperar esta lei nacional de veiculação de propaganda de bebida alcoólica. Ontem também foi aprovada a proibição de venda para menores com uma multa absurda, uma lei nacional aprovada no Congresso, não foi...

O SR. DEPOENTE - Então assim, eu tive uma experiência fora do país e fiquei numa universidade lá fora, e assim, não era, não havia proibições em relação ao uso do álcool, inclusive professores e até diretores faziam uso do álcool dentro da própria universidade, nas suas atividades diárias até. Só que havia um controle muito maior, um controle social que funcionava.

Vendo estes vídeos e sabendo como é a realidade, acho que o nosso controle social, o nosso modo de produzir políticas com relação a isso estão sendo falhas. E eu acho que particularmente as mulheres estão mais vulneráveis, então eu acho que em relação às festas, uma senhora que veio falar sobre um caso de estupro aqui, os casos de

estupros que estão sendo falados e abuso sexual, estatisticamente não tem como negar que o álcool tem o seu papel também no acontecimento disso.

Então eu acho que existe uma opressão de gênero nesse sentido porque tanto homens como mulheres bebem nas mesmas festas só que as mulheres eu sinto que estão mais vulneráveis do que os homens em termos de violência sexual. Acho que até existem também estudos que corroboram essa tese.

Então eu acho que é isso assim, a experiência que tive eu acho que tem materialidade em termos de dizer que a gente precisa de novas políticas pra orientar os estudantes quanto a isso, porque não são todos que fogem do, que passam dos limites, mas tem uma variação que pessoas bebem pouco, pessoas estão no meio, fazem o uso mas conseguem se controlar, e outras que vão ou se submeter à situação de vulnerabilidade, sofrer acidente automobilístico, ou fazer violência ou sofrer violência, ou, né?

Ter algum tipo de dano relacionado a isso. E acho que isso faz parte de um certo controle social, cabe ao indivíduo escolher se vai usar ou não, mas eu acho que existe uma facilidade muito grande na universidade e isso não é só dentro da universidade. Eu acho que não adianta proibir dentro da universidade eu acho que não resolve porque já foi proibido e as coisas continuam fora, então eu acho que é mais para os gestores públicos e pessoas que pensam essas políticas elaborarem melhor o que elas estão pensando, assim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tenho uma pergunta para o depoente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Com a palavra o deputado Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você fala do incentivo das indústrias de fornecer bebida alcoólica em eventos com os universitários. A bebida alcoólica entra dentro do espaço da universidade ou isso é em espaço fora da universidade como uma

festa, uma competição, alguma coisa? A bebida entra dentro do espaço da Faculdade ou somente fora do espaço da Faculdade?

O SR. DEPOENTE - Atualmente ela não entra mais dentro do espaço da universidade, mas antes ela entrava, como vocês podem ver nos vídeos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entra na Medicina, né?

O SR. DEPOENTE - Eu não sei dizer em outras Faculdades, mas na USP existia a entrada antes, agora foi proibido.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Atlética da Pinheiros, era patrocinada pelas fábricas de bebida. A geladeira, os banners era tudo...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas aquilo lá, aquela festa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Foi proibida agora, depois do rolo. Depois da CPI, na USP, na Pinheiros, o resto eu não sei. Só posso responder na USP, inclusive depois que eles vieram depor aqui que eles arrancaram toda a adesivação. Mas a proibição é muito recente na Pinheiros, na Medicina.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque independente de qualquer coisa, a bebida alcoólica não pode entrar em espaços públicos.

O SR. DEPOENTE - Salvo em certo eventos, alguma coisa assim., né? Eu não sei dizer, não conheço...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Porque eu acho que tem recurso chamado Festas Não Autorizadas. O cara manda um papel para a reitoria, "olha, vou fazer uma festa", a reitoria para se livrar não autoriza. Aí os caras...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aí faz.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (risos.)

O SR. DEPOENTE - Bom, eu acho que é isso assim, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E os dados? Você não ia mostrar uma pesquisa?

O SR. DEPOENTE - Acho que, põe no Google aí, é uso de álcool e drogas pelos estudantes universitários. Aí vai pra baixo, é este primeiro aí. Pode ir descendo, pode ir descendo, pode ir descendo, pode ir descendo... Desce, desce, desce, desce mais, desce, desce, aí. Vai pra baixo, vai pra baixo, vai mais para baixo, aí.

Quanto à violência, sabe-se que ela está presente em usuários de drogas ilícitas e consumidores de álcool, entre universitários o comportamento agressivo não é identificado somente entre os depoentes. Também pode ser encontrado em consumidores ocasionais. No contexto da Universidade de São Paulo os comportamentos de risco foram estudados em 2000.

Estudaram uma amostra populacional representativa, Escola de Educação Física, Enfermagem, Faculdade de Medicina, tal, tal, tal. Aí vai mais para baixo. Aí, "o estudo constatou que entre os alunos o consumo de álcool foi de 83,1%". Ali, olha. Silva e outros autores, depois 2005, olha. "o estudo constatou que entre alunos com alguma religião o consumo de álcool foi de 83,1%, de tabaco 20,7%, de drogas ilícitas 25%. O uso de álcool apresentou relação com um tipo de religião praticada, mas não com o uso de drogas ilícitas e tabaco".

Aí vai indo mais para baixo. Acho que mais para baixo. "Entre os estudos, publicaram correlação o beber problemáticos e consequências de vários alunos". Aí pode ir mais para baixo. Acho que tem outra tabela importante.

Teria que ler com mais calma. Acho que um pouquinho mais para cima, só. Embaixo da outra tabela lá de cima. Isso, é um pouco mais para cima. Tem estudo de prevalência, um pouco mais para... É isso,

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.) Você entende um pouco de solvente ou não sabe nada?

O SR. DEPOENTE - Acho que ele substitui o oxigênio, você inala um ar que não tem oxigênio.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, não é, solvente que eu digo são os inalantes. Quer ver, vai, vamos lá. Fala o que você sabe, vai.

O SR. DEPOENTE - Um pouco mais para cima, é que tinha um. Estava falando especificamente da vulnerabilidade do...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah! Vulnerabilidade.

O SR. DEPOENTE - Acho que é um pouco mais para cima. Mais para cima ainda.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Banco de dados, as mulheres passaram a consumir mais tabaco e maconha, anticolinérgicos. É isso aí?

O SR. DEPOENTE - Isso também. Mais um pouco... Acho que um pouco mais para cima.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Prevalência.

O SR. DEPOENTE - É, aí tem estudos de prevalência, né? E aí, bom, teria que ler com mais calma, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É, mas aí não lê também, que adianta? Lê alguma coisa.

O SR. DEPOENTE - Acho que era aquela parte que eu li que era a mais importante, né? Tinha uma parte falando sobre a...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Essa?

O SR. DEPOENTE - É, isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Do Amazonas.

O SR. DEPOENTE - Tinha uma parte falando da relação do álcool com a vulnerabilidade do estudante em termos de acidente e violência. Só que eu, eu acho que está...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Fica calmo. Não tem problemas, já estamos aqui, vamos com calma agora, vamos prender só...

O SR. DEPOENTE - Esse Pillon aí, procura Pillon. Olha...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pillon...

O SR. DEPOENTE - Relacionado à sexualidade, acidentes de trânsito e violência entre alunos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e Universidade de São Paulo. É de 2005 o estudo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Esse aí?

O SR. DEPOENTE - É o que está citado ali, se puder abrir. Aí olha. Comportamentos de risco relacionados à sexualidade, acidentes de trânsito e violência entre alunos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Pilon 2005.

Esse estudo fala, acho que ele tem bastante relação com o que se está debatendo na CPI, né? Procura Pillon no, ali no, escreve Pillon, nas ocorrências ali, uma hora ele cita o estudo dele. Vai, volta mais, aí.

"Quanto à violência sabe-se que ela está presente em usuários de drogas ilícitas, entre os universitários, comportamento agressivo não identificado somente em dependentes. Segundo dados demonstrados 16,5% dos estudantes já brigaram por estarem sob efeito de alguma substancia e 21% já ameaçaram pessoas com arma de fogo. Em relação ao aumento de consumo de substâncias..."

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Espera um pouquinho. Ajuda também, vai. Não lê só o que você quer. Lê este parágrafo, no mesmo...

O SR. DEPOENTE - Estudos de comportamento ali.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, não. Eu estou te pedindo, por favor, traduza pra gente. Aquele parágrafo lá embaixo de Kerr Corrêa. "No mesmo ano..."

O SR. DEPOENTE - "No mesmo ano Matos e Souza também estudaram a prevalência de uso de drogas entre estudantes de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Esse estudo comparou o consumo entre os primeiros cinco anos letivos da faculdade e relacionou-os com o desempenho acadêmico dos alunos. Entre os resultados encontrados, observou-se associação entre substâncias psicoativas. As mais importantes foram álcool e tabaco ou álcool e lança-perfume. Em relação ao aumento no consumo de substâncias no decorrer das atividades acadêmicas, encontrou-se aumento significativo no consumo de álcool nos últimos 30 dias no decorrer do curso médico. Além disso, em 31,5% da amostra, o álcool acarretou problemas, como falta de atenção, sono, ausência, atrasos, saídas mais cedo das aulas, reclamações ou dormir no decorrer das aulas, alguma vez na vida durante as atividades acadêmicas".

Aí o que eu queria ler depois era...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não. Deixa então leio eu, vai. "O uso de drogas entre estudantes universitários da cidade de Alfenas, Minas Gerais, foi avaliado em 2003. Nesse levantamento foi medido o consumo de drogas entre estudantes de duas universidades, sendo uma delas universidade federal, Universidade Federal de Alfenas e a outra, particular, Universidade de Alfenas. A amostra estudada foi de aproximadamente 1.500 estudantes e os resultados demonstraram que há um consumo significativo de drogas lícitas e ilícitas. Foi observado que 55% dos estudantes usavam algum tipo de droga, porém entre a amostra coletada, os estudantes revelaram que já consumiam álcool e tabaco antes de ingressarem na universidade. O artigo sugere que o ambiente universitário não representa necessariamente o ponto de partida para o consumo de drogas".

O SR. DEPOENTE - Aí, só uma pausa nessa parte. O professor Lotufo mostrou um estudo sobre a idade de início do uso nas escolas públicas, não é? Ele fala que a prevalência do uso de crack aos 17 anos era de 5%, a de álcool já era mais de 40, 60%. Daí eu tenho esses dados também para mostrar. Isso significa que esse problema não começa necessariamente na Universidade, significa que pode ser antes até. A porta de entrada pode ser outra, pode ser avaliada aos 15 anos, por exemplo, de idade, 14, 15 anos.

Então, uma das coisas que o professor defende é que a tolerância seja zero para menores de 18 anos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. DEPOENTE - Mais para baixo, bom, se o senhor quiser continuar lendo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quero. depois vai o Amazonas lá que já passamos 10 vezes lá e evitamos. Federal do Amazonas.

O SR. DEPOENTE - Essa parte é de estudos do comportamento que é importante, olha.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá, então lê você.

O SR. DEPOENTE - "As informações obtidas por intermédio da relação entre comportamento de risco e uso de drogas no ambiente escolar são necessárias para o desenvolvimento de medidas de educação e prevenção. Os principais resultados encontrados em cinco publicações estão descritos na tabela 2. Os comportamentos de risco relacionados à sexualidade e a acidentes de trânsito no contexto universitário foram estudados entre estudantes de medicina da USP de Ribeirão Preto. Os autores descreveram em sua pesquisa que estudantes do sexo masculino têm maior frequência de relações sexuais com diferentes parceiros sem uso de preservativos quando estão sob o efeito de substâncias psicoativas. O mesmo estudo determinou que, entre os universitários, 23,5% dirigem após consumirem bebidas alcoólicas; entre esses, 17% se envolveram em acidentes de trânsito".

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso é 2005, né? Vamos lá, continua. Minha nossa senhora.

O SR. DEPOENTE - "Quanto à violência, sabe-se que ela está presente em usuários de drogas ilícitas e consumidores de álcool. Entre universitários o comportamento agressivo não é identificado somente entre os dependentes, ele também pode ser encontrado em consumidores ocasionais de bebidas alcoólicas". Acho que era mais isso para destacar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – "No contexto da Universidade de São Paulo, comportamento de risco foram estudados de 2000 por

Barria, por Silva, utilizando o banco de dados 97, estudar a amostra populacional, alunos das Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, tal. Segundo esses autores, o consumo de drogas entre estudantes está relacionado a uma vida social mais intensa, talvez porque, fora de casa ou em grupos, o acesso às drogas seja mais fácil, ou então porque esses indivíduos são, devido à educação que receberam ou ao meio onde estão inseridos, mais abertos e com menos tabus". Mais um pouquinho, por favor.

"Silva, utilizando o banco de dados obtido por Stempliuk em 2005, estudaram o estilo de vida a situação socioeconômica e o uso de álcool, tabaco, medicamentos e drogas ilícitas nos últimos 12 meses entre universitários. O estudo constatou que, entre os alunos com alguma religião..." Aquilo lá que você já leu, né?

O SR. DEPOENTE - Exato.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom.

O SR. DEPOENTE - Isso é mais para, eu acho que, pra falar o que eu vivi eu acho que é relação que depende dos indivíduos é claro, não estou aqui para fazer moralismo nenhum, mas que existe um problema com relação com o tipo de controle social dentro da Universidade com relação a isso. De muitas coisas o trote está relacionado ao uso de álcool. Sem uso de álcool o trote com certeza se processaria de outra forma, na minha opinião.

E acho que estas denúncias com relação ao abuso sexual, não sei qual é...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Põe naquelas conclusões, não tira não. Continua, continua. Estava nas conclusões importantes, fala, fala, não quero te interromper. Não, porque você tem razão. Tem um monte já que vem aqui e

fala o seguinte, que a droga não tem nada a ver com o estupro e que as drogas são, como eles falam? De uso de laser, de lúdico, uso lúdico. Mas vamos lá.

O SR. DEPOENTE - Acho que assim, o que determina a relação de poder na hora que as pessoas estão bebendo, é, se existe uma relação de poder entre homem e mulher de modo que a mulher está inferior ao homem nessa situação, ela está muito mais vulnerável ainda neste contexto, entendeu? Não estou dizendo que o álcool é o responsável pelo estupro, eu acho que não é verdade.

A opinião que eu tenho é que independe do álcool de certa forma, mas no contexto da Universidade o álcool faz, tem um papel importante sim, e que mulheres e homens tem, as mulheres estão mais vulneráveis a sofrer violência por parte dos homens quando neste contexto do uso de bebida.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Parece que aí ficam claras duas questões, uma é o olho fechado da entidade universitária, deixa acontecer. E o outro o interesse econômico da empresa que fornece a bebida.

Você acredita que possa ter um terceiro elemento, pessoas que organizam festas terem benefícios financeiros também por estar facilitando este tipo de coisa?

O SR. DEPOENTE - Eu acredito, infelizmente, não é?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Um tripé aí. Omissão da instituição, interesse econômico da empresa e não deixa de ser uma corrupção, né? E a corrupção de alguns promotores.

O SR. DEPOENTE - Então a USP desde 2007 fazem oito anos quase. Os relatos que eu tenho do passado da USP é que as festas que tinham lá eram festas mais fechadas em termos de universitários da socialização dos alunos dentro do próprio curso.

Eu acho que as festas de Medicina que eu vivenciei em que havia só alunos de Medicina e que eram festas menores tinha menor risco de, eram festas mais para a socialização. As megafestas, as festas que vão cinco, 10 mil pessoas e que a estrutura, tudo, acho que corre mais esse risco do que a gente está levantando.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É verdade.

O SR. DEPOENTE - Eu acho que as festas antigas, os próprios funcionários da USP falam isso, o senhor que vendia cachorro quente na época, ele pode traçar um histórico muito bem feito porque ele já está há anos lá na USP trabalhando e ele fala isso, que no passado era muito mais seguro, os estudantes eram muito mais, os estudantes estavam muito menos vulneráveis por este motivo, né?

Estavam no contexto do curso, não que não possa acontecer uma situação de abuso sexual no contexto do curso, numa festa menor em que se usa menos substância e tal. Eu acho que, claro as situações de crimes não dá para você prever quando elas vão acontecer ou não, mas eu acho que existe um contexto social não só individual de casos pontuais, mas existe um contexto que favorece o acontecimento desses crimes que estão sendo investigados aqui e que acontece na Universidade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tem um paralelo como você fez na questão do trânsito, quer dizer, qualquer pessoa pode causar um acidente de trânsito, agora é evidente se estiver sob efeito do álcool a possibilidade é muito maior, né?

O SR. DEPOENTE - Acho que era esse ponto de vista que eu queria trazer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É importante, só deixa eu fazer duas perguntas que eu não sei se está no alcance. Eu falei com uma pesquisadora esse fim de semana sobre o circuito das festas universitárias. Ela me falou que o incêndio da boate de Santa Maria está relacionado com o circo das festas do ambiente universitário, e que no interior do estado de São Paulo tem uma cadeia de aliciamento para festas, principalmente para moças.

Então a moça muda para o interior, está no primeiro ano, vai morar numa república, não tem grana para pagar o aluguel, não tem residência e aí a pessoa fica vulnerável. Então começa a entrar no circuito das festas e acaba entrando profissionalmente. No interior eles chamam de baladas.

Aí elas vão trabalhar nas boates, aí ganha o dinheiro do aluguel e aí da balada da cidade ela vai da cidade de origem para outra e elas fazem, e aí vira um circuito nacional.

Então, eu, era uma pesquisadora muito consistente assim, né? Muito interessante. E ela falou que tem cidades assim do interior como Araraquara, Ribeirão Preto, Campinas, onde isso é muito forte. No Paraná é muito, Londrina, né? Bom, enfim. Eu estou te perguntando isso. Você já ouviu falar alguma coisa sobre isso?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você nunca ouviu falar numa organização chamada Ladies First?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ladies First?

O SR. DEPOENTE - Não, eu já ouvi falar de um tipo de festa que acho que, Ladies First, se não me engano, que ficam separados homens e mulheres em ambientes diferentes, que as mulheres recebem as bebidas primeiro e os homens depois, eu acho. Alguma coisa do gênero, não sei especificar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Olha, estava conversando com o Marco Aurélio aqui...

O SR. DEPOENTE - Acho que é um tipo de festa no meu entendimento.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vou te dizer, em Goiás. Estava no Globo de hoje, no G1 quer ver? Nós achamos aqui sem querer. Estava brincando e nós achamos, pera aí.

Não, inclusive tem a condicionante da roupa. Bom, olha, você nunca ouviu falar nisso?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nunca?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá. Você sabia que a festa, que 90% das pessoas que morreram em Santa Maria eram alunos de primeiro ano?

O SR. DEPOENTE - Não, não sabia.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sabia que cabia 400 pessoas na boate e tinha 1500 na festa da calourada?

O SR. DEPOENTE - Não sabia. É que quando aconteceu isso eu estava fora do país, num intercambio que eu fiz pela Universidade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá. Está bom. Quer, eu tenho uma preocupação, uma dúvida. Quando eu era estudante os alunos da Medicina usavam muito, pode ser que eu sou tão antigo que eu estou falando uma coisa tão atrasada. Vou falar do meu jeito, se roubava muito quelene, roubava muito éter, se roubava muito éter.

Às vezes misturava até com clorofórmio. Bom, o que você sabe dos inalantes? Porque aqui a turma fala Loló, lança-perfume, mas ninguém me diz assim "não, nós usamos tal produto, mistura com tal e tal!". Lá em Campinas eles põem na internet isso. O que você sabe dos inalantes?

O SR. DEPOENTE - Eu não sei exatamente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não?

O SR. DEPOENTE - Acho que são solventes, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É.

O SR. DEPOENTE - São solventes que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Muito rápido assim...

O SR. DEPOENTE - É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas ele é muito mais...

O SR. DEPOENTE - Eles provocam a mucosa e eles causam um certo, eu não sei se eles se ligam à Bainha de Mielina no cérebro, e eles também, quando você está inalando isso não está respirando o oxigênio, então eu não sei qual o efeito que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quase dá parada cardíaca.

O SR. DEPOENTE - Bom, acho que ele causa uma depressão respiratória...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso aí.

O SR. DEPOENTE - A patologia exata eu não sei explicar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sei, mas você sabe? Porque aqui apareceu no texto. O que você, porque agora mais vulgarmente só se fala de Loló. Você sabe isso? Eu estou perguntando quimicamente.

O SR. DEPOENTE - São todos solventes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Se a Loló tem sido muito utilizada, porque tem hora que aparece Loló jogada em piscina, quando tem a invasão, sabe? Você sabe da invasão, né? Aquele, quando os veteranos vão de madrugada, quando os calouros estão num sítio, numa chácara?

O SR. DEPOENTE - Sei, já, sei...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tá, mas você não sabe mais nada do que isso?

O SR. DEPOENTE - Não, assim, sobre uso de inalantes. Existe, eu já presenciei, mas não é algo sistemático assim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O que o professor falou, depois você responde. Aproveita porque tenho medo de perder a pergunta. O que o professor Lotufo falou do negócio do Edson? Responde estas duas perguntas.

O SR. DEPOENTE - Que eu me lembre na aula, foi uma aula que ele proferiu para os alunos da minha sala, e ele falou que ia colocar na Cartilha sobre o trote para os alunos de todas a Universidade o caso dele. Que um superior dele julgou que não era adequado colocar um caso assim na Cartilha. Eu não sei exatamente o motivo, mas segundo ele na aula, era algo como a imagem pública da Universidade, ou o constrangimento que causaria perante os alunos, um caso exemplar, ou sei lá.

Não sei quais foram as justificativas exatas que, acho que o senhor pode perguntar melhor para ele, né? Mas quais são as justificativas exatas que ele falou, que ele teve que mudar o conteúdo da Cartilha.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Volta para os inalantes, vai.

O SR. DEPOENTE - Os inalantes são drogas que causam uma irritação na mucosa e tem uma difusão rápida no sangue, atinge o cérebro e causa um efeito transitório, rápido, tontura, tal. E acho que o uso muito intenso pode dar uma depressão, uma sonolência até uma parada cardíaca ou respiratória. Mas...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu sempre gostei muito...

O SR. DEPOENTE - Isso é o que eu sei, da parte médica, né? Que eu estou no sexto ano então, foram conteúdos que eu aprendi durante a ...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Faculdade tem, eu vou te falar, só para você entender. Eu não fiz Química, mas adorava Química Orgânica, adorava, adorava, estudava que nem gibi. E gostava de ver experiência, adorava Química Orgânica.

Gostava assim de estudar a despoluição da água, sabe? Método de separação de esgoto, oxigênio livre, eu tinha fascínio por isso desde moleque. É fácil ter acesso à inalantes em faculdade de Medicina? Nos laboratórios?

O SR. DEPOENTE - Não. Acho que...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –E anfetamina?

O SR. DEPOENTE - Grande parte das aulas em que a gente teve contato com laboratórios, eles, inclusive em hospitais, inclusive dentro do próprio Hospital existe um grande controle com relação a isso.(Vozes sobrepostas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E anfetamina?

O SR. DEPOENTE - Anfetaminas do tipo, eu não sei dizer ara o senhor, não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não?

O SR. DEPOENTE - Não sei, não. Acho que existem pessoas ou existem pessoas que fazem o uso de Ritalina para obter melhor desempenho acadêmico, ficar mais acordado. Uma droga de prescrição lícita e que tem um uso até difundido, eu acho. Eu nunca usei assim, mas eu, acho que existe sim, um uso difundido sim...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E Loló? Você viu muito nas festas?

O SR. DEPOENTE - Já vi, já vi.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E da onde vem?

O SR. DEPOENTE - Eu acho que eu vi mais nas competições.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nas competições?

O SR. DEPOENTE - Mais nas competições, nas festas em si da Faculdade de Medicina não é algo muito comum, não, assim, não é algo que se vê com tanta frequência. Acho que é mais frequente nas competições.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Na Intermed?

O SR. DEPOENTE - De tudo o que está sendo falado, é mais frequente nas competições, inclusive teve brigas entre estudantes. Acho que o principal problema, o principal, um dos fatores de maior vulnerabilidade dos estudantes é nas competições mesmo.

As competições, eu acho que as pessoas sentem acima da lei um pouco, um sentimento de impunidade talvez, que, aquele espaço público da cidade como vocês podem ver nesses vídeos que foram mostrados aí. Ele é descaracterizado em torno, ele vira o cenário da competição assim. Existe muita briga, existe muita gente que sofre lesão, provoca lesão. Já ouvi dizer de gente que foi armado para a competição, entendeu? Não vi, mas já foi comentado que havia inclusive seguranças que usavam armas e tal.

Então acho isso um, para o estudante também, não é o melhor modo de se fazer competição, né? De esporte, eu acho que a competição de esporte vira algo muito maior nesses eventos. Não é só a competição esportiva que importa ali na hora, é uma disputa muito intensa para os cursos, né? Existe uma identidade muito grande como vocês puderam ver, os símbolos, tudo mostrado aí.

O pessoal de Sorocaba estava aqui antes, dá pra ver, né? Símbolo da Bateria, da Faculdade, os gritos. Tudo isso cria uma identidade de grupo e nesse local da cidade vira um cenário meio de guerra assim. Vira uma competição bem intensa entre os estudantes.

Tem estudantes, os estudantes são muito heterogêneos, de Medicina. Existem pessoas de diversos seguimentos. A Universidade é representada por diversos seguimentos. Existem certas pessoas que a meu ver tinha maior relação com brigas, eram parece, sempre as mesmas pessoas que tinham maior agressividade e estavam implicadas em maior violência e inclusive em brigas com os outros alunos ao longo de várias competições, entendeu?

As pessoas se reviam ao longo de várias competições e já sabiam que iam brigar com tal grupo, entendeu? Quer dizer que a Faculdade de Medicina da USP contra a Universidade Federal de São Paulo, uma competição intensa. Então sempre os mesmos de lá brigavam com os mesmos daqui, entendeu? Existiam pessoas que parece que tinham maior predisposição a participar das brigas, né?

E outros não. Outros estudantes treinavam o esporte sério, acham uma competição, gostam de competir o esporte, acham que o esporte universitário deve ser valorizado, acha que, até tem o modelo americano funciona assim, que o esporte universitário é a base do esporte nacional, que vai para as Olimpíadas e tal, para as competições mundiais dos esportes, tal.

Existe, a Atlética da Faculdade de Medicina tem essa vocação de buscar uma certa excelência no esporte, de fazer um treinamento que visa mesmo um estudante estar, alguns estudantes que já eram competidores até em nível profissional estadual ou local, quando vão para a Faculdade de Medicina encontram um ambiente ali que elas podem se desenvolver no esporte.

Mas, por outro lado tem esse clima de competição que é instaurado e que assim, tem contagem para as competições e tal. E nas competições tem todos esses fatores que causam risco, tipo o abuso das bebidas, substâncias, essa identidade de grupo que vai sendo criada com as músicas, e com xingar os outros alunos das outras escolas, inferiorizar os outros, se sentir superior.

A Faculdade de Medicina da USP é uma que se considera, a gente nos jogos universitários falava que a Medicina, a gente é Medicina e os outros é o resto, só a gente é Medicina, o resto não é Medicina. Então existem todas estas provocações e como você pode ver nos vídeos parece que vira um negócio de torcida organizada. Vira um nível bem, que acho que esse comportamento até de grupo pode propiciar a violência.

Então, uma pessoa que no âmbito da universidade e dos estudos ela não cometeria um tipo de violência, nesse ambiente de grupo das competições ela está mais predisposta a entrar em briga, agredir fisicamente outros alunos só porque são de outras escolas, ou se indispor nas brigas porque eu estou, não é só na quadra que há disputa,

não é? Acho que isso como um todo nos jogos universitários que eu vivenciei ao longo da minha vida acadêmica, a competição não dá só quadra ou na...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nas baterias...

O SR. DEPOENTE - As competições se dá em vários aspectos, né? Isso se reproduz ao longo da vida profissional depois, um centro de formação compete com outro, existe até isso. Você é da outra escola, não vem na minha escola. Existe esse tratamento.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como é que você vê essa contradição? Por um lado é espartano, treina para caramba, não sei o que, não sei o que lá. E pode se preservar, mas para o seu convidado eu ofereço bebida, droga, tudo o que tem direito. Como é que resolve essa contradição?

O SR. DEPOENTE - Não entendi...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu tenho uma teoria que esse negócio de treinar pra caramba, tal vem lá da teoria da eugenia. Eu acho que os médicos tem uma formação, principalmente da Medicina, tem uma formação de Eugenia.

Eugenia é aquela teoria dos anarquistas que diziam que se você treinasse bastante, aquela teoria de Esparta, né? Corpo são mente sã, tal. Que os deuses tem que ser perfeitos, tem que treinar muito.

Agora eu não entendo como os deuses espartanos, os perfeitos em corpo oferecem nas suas festas, nos seus banquetes tanto álcool e tanta droga, isso não teme explicação, né?

Outra coisa, o símbolo mundial do estupro é o dedo do meio na posição horizontal. Como é que você explica as meninas das baterias cantando as músicas e fazendo o símbolo do estupro? Elas são tão ignorantes, tão atrasadas a ponto de cantar aquelas músicas racistas, homofóbicas, o lixo da humanidade? Porque tem esses hinos nas baterias? Onde está essa pureza toda? Do corpo, da eugenia?

O SR. DEPOENTE - Eu acho assim, com relação às mulheres, as mulheres já falaram aqui muito bem, acho que cabe às mulheres protagonizar e falar muito o que elas sentem. Eu não posso falar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Falaram as mulheres libertárias.

O SR. DEPOENTE - É, eu não posso...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aquelas que ficam com o dedo assim nunca vieram.

O SR. DEPOENTE - Isso assim, é uma coisa que eu não gostaria de falar aqui porque eu posso estar atropelando o que as mulheres pensam, eu acho que eu não tenho propriedade...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas olha, o seu debate é muito rico, mas você está evitando os pontos... Eu estou começando a perder um pouco a paciência, não eu vou falar, eu vou falar.

Você fala coisas muito importantes, mas na hora de você falar as coisas fundamentais você evita. E como eu pensei que você pediu para preservar a sua identidade, porque você ia falar de pessoas, de vítimas. Está muito ruim a sua postura, porque você conta até um determinado ponto, e na hora de você contar o que você realmente sabe, você abrevia. Está muito ruim, eu estou me sentindo muito mal. Mas então eu gostaria que você concluísse, por favor.

O SR. DEPOENTE - Não, eu acho que assim, eu não tenho nada a acrescentar ao que já foi falado pelas mulheres, inclusive vítimas, aqui. Eu acho uma infelicidade de uma vítima vir nesse espaço público demonstrar o próprio sofrimento, a própria violência que ela sofreu.

Com relação a isso eu não gostaria de acrescentar nada porque eu acho que o depoimento delas é muito mais rico do que o meu. Eu não presenciei nenhuma situação de violência que elas sofreram e relataram aqui, por isso eu não sou testemunha para falar disso aqui, a minha resposta é um pouco mais genérica porque eu estou tentando contribuir de uma forma que eu já deixei sinalizada aqui.

Agora, a contradição existe talvez porque não é todo mundo que tem sensibilidade para o problema, não é, eu não sei se é consensual entre as mulheres que isso é ofensivo, eu não sei como as mulheres entendem isso, por isso que não gostaria de...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A pergunta é muito simples. Digamos que a gente divida em dois grupos de mulheres, as libertárias, as resistentes e aquelas que entram na loucura. Não, na loucura da homofobia, de cantar aqueles hinos, como é que você no seu, interpreta isso? Não é que você vai falar pelas

mulheres, eu quero saber a sua interpretação como homem, como pesquisador, como é que você vê isso? Essa é a pergunta.

O SR. DEPOENTE - Bom, eu acho que o que foi mostrado são tradições, né? As tradições de certos, músicas, por exemplo. São cancioneiros, para ser sincero, muitas das músicas que foram apresentadas, eu nunca ouvi sendo cantadas. Principalmente aquelas mais ofensivas e que não quero nem repetir aqui, mas que o senhor até recitou hoje, falando até das enfermeiras, eu nunca ouvi sendo cantadas.

Tem umas que eu considero o conteúdo ofensivo e que falam, que até objetificam a mulher no sentido de que a mulher está relacionada aos órgãos reprodutores, e a mulher serve para o sexo e, acho que isso acontecia, acontece em algumas músicas e até no mote em como as festas são divulgadas, porque muitas festas têm no cartaz da festa ou no convite a foto de uma mulher em posição sensual, ou uma mulher que está com uma roupa curta.

Isso tudo eu acho que contribui para que a mulher seja objetificada no sentido da festa de que a mulher vai à festa pra nesse intuito de sensualizar, e tal. E acho que isso sendo um mote de festas, isso incide no comportamento das pessoas que vão às festas e favorecem com que aconteçam essas violências que estão sendo discutidas aqui.

As tradições da Faculdade existem, a tradição ela em si profere certas coisas que são ofensivas e te simbologias, né? Então eu acho que as mulheres que estão lutando e nós mesmos aqui que estamos tentando estudar isso, vemos que certas simbologias não são mais compatíveis com a realidade atual, moderna, né? Uma coisa que nos anos 50, acho que era uma banalização de uma certa violência, hoje em dia já não pode mais banalizar esta violência, né?

Então, uma mulher que reproduz um discurso que é ofensivo contra ela mesma, ela está banalizando uma certa violência e tornando aquilo normal, né? Algo que o outro grupo, como o senhor disse não considera normal e está aqui protagonizando uma luta contra tudo isso que a gente está discutindo, entendeu?

Acho que é isso, as tradições não são mais compatíveis com a realidade, a conjuntura que se tem agora, principalmente nas universidades. E como eu disse, a universidade tem que ser um modelo para a sociedade. Está acontecendo isso aqui, por isso que eu acho que esta CPI está tendo um saldo muito positivo.

Está acontecendo isso nas universidades dos Estados Unidos, já tem notícias também. Então acho assim, as tradições, as músicas vão ter que mudar, vai ser um constrangimento público alguém que cantar uma música destas que o senhor mostrou.

E acho que é um saldo que esta CPI já conseguiu pelo que eu estou sentindo deste ano, nessa semana de recepção agora, que não foi mais proferido este tipo de música.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente.

O SR. DEPOENTE - É essa a minha opinião e não sei se contempla o que é esperado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu queria fazer umas questões para o depoente, aproveitando que você está com esta disponibilidade. É, aquelas festas Fantasias, Festa Carecas no Bosque, tal. Você chegou a frequentar algumas delas ou não?

O SR. DEPOENTE - Frequentei uma vez quando era estudante da Escola Politécnica e frequentei uma vez enquanto era estudante de Medicina. Frequentei uma festa que era a Carecas e a outra festa era a Fantasias.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você pode afirmar pra gente se havia prostitutas nessas festas?

O SR. DEPOENTE - Não posso afirmar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não?

O SR. DEPOENTE - Não, não tem como eu falar aqui que existia assim... Não sei dizer.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não chegou... Tem uma terminologia que o pessoal trouxe para cá, cafofos. Essa terminologia chegou pra você? Você saberia?

O SR. DEPOENTE - Já ouvi dizer, já. Sei, mais ou menos sei. Assim, as barracas das festas eram, a maior parte das barracas eram dos times e as barracas elas vendiam as bebidas para as pessoas que frequentavam as festas.

Algumas barracas tinham espaços mais privativos atrás e eram espaços em que os estudantes de Medicina tinham exclusividade em formar casal e frequentar o espaço. Acho que é isso que o senhor está...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, é, então... É bacana você falar isso porque às vezes vem pessoas aqui que falam "nunca ouvi falar". Chegaram a dizer que era apenas local de estocar bebidas, só. Nunca ficou sabendo de mais nada.

O SR. DEPOENTE - Tinha talvez a finalidade também, mas o espaço era utilizado também nesse...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Uma pergunta assim, na sua opinião a diretoria da Atlética tem condição de desconhecer a existência de cafofos? Você acha que a diretoria da Atlética, esse relato que você fala, de locais que iam casais de maneira privativa fazer uso. Não era uma barraca só, são várias pelos depoimentos, né? Você acha que é possível a diretoria da Atlética desconhecer a existência de cafofos?

O SR. DEPOENTE - Desconhecer no sentido de...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não saber.

O SR. DEPOENTE - Na hora do planejamento da festa ou?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não! A diretoria dizer que "a única coisa que eu tenho conhecimento é que tem locais que são para guardar bebidas, agora que o pessoal fazia sexo, isso daí eu nunca fiquei sabendo."

Você acha que pela dimensão da festa, pela naturalidade com que tudo isso acontecia, pela frequência com que isso acontecia, pelo uso que isso acontecia, a diretoria da Atlética poderia desconhecer a existência de cafofos?

O SR. DEPOENTE - É que assim, a festa tinha o bosque, né? E o bosque era um espaço também que era a mesma natureza desses espaços. Então assim, eu não

posso responder contundentemente a pergunta que o senhor está fazendo porque eu posso estar cometendo uma, assim... Eu não sei, eu não sei, eu não posso afirmar categoricamente o que o senhor está me perguntando.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Deixa eu te dizer uma coisa, vamos supor, por exemplo, que eu vou num estádio de futebol assistir um jogo. Tem lá 50, 60 mil pessoas, não é? Tem um pênalti lá e bateu o pênalti, tem condição de alguém que está assistindo o jogo, "ah, eu não vi o pênalti, não vi, teve gol? Não vi".

Ou seja, tem coisas que são tão evidentes que não dá para a pessoa que está no local dizer que aquilo lá não existe. "Você estava naquele jogo? Estava, então você viu o pênalti, você viu o gol. Não, não vi o gol, não vi". Quer dizer, isso é impossível. Então a minha pergunta vai, agora eu estou fazendo uma analogia. O cafofo era algo como esse pênalti? Quer dizer não tem como alguém que está no estádio não ver o pênalti, não tem como alguém que está lá dizer que não percebia, não sabia, desconhecia a existência do cafofo, Ou não é nesse nível?

O SR. DEPOENTE - assim, a diretoria da Atlético, eu acho que não partia da diretoria da Atlético o planejamento desse espaço, entendeu? Agora, conhecer ou não conhecer o espaço, acho que as pessoas que frequentam a festa conhece o espaço sim, em geral. Mas a diretoria da Atlético no sentido de, que este espaço foi planejado pela diretoria com esta finalidade, eu não posso afirmar para o senhor, entendeu?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Assim, mas dizer que não sabia. "Olha, é a primeira vez que to vendo aqui na CPI, nunca ouvi falar disso". Isso não dá, né? Quer dizer, como eu nunca fui nessa festa eu não sei. Então a gente tem que perguntar pra quem foi e está com toda boa vontade como você está aqui, de fazer depoimento dentro do seu ponto de vista.

Óbvio, você não pode falar "não, eu afirmo", não. Você não pode afirmar sobre outra pessoa, mas pela natureza da coisa, pela forma como a coisa se dava, seria possível as pessoas que são diretoras da Atlética desconhecer que isso existia? Aqui, na sua opinião.

O SR. DEPOENTE - É uma pergunta difícil de se responder porque, é algo muito subjetivo, uma opinião pessoal. Acho que, não...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Se eu tivesse num campo, assistindo jogo...

O SR. DEPOENTE - O senhor no começo, a festa era uma festa com um número muito grande de pessoas e de fato estes espaços existem, existiam espaços privativos em que isso acontecia, só que não dá para eu dizer se era planejado ou não sistematicamente pelos órgãos executivos ou sei lá, os diretores, os gestores do espaço ou da festa, que era um espaço planejado nessa finalidade, que ia ter tais características e que por isso caracterizava o espaço dessa maneira. Isso eu não posso dizer, não sei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então, veja, você estava presente em algumas festas como uma presença comum. Uma pessoa que está simplesmente presente na festa percebe a existência do cafofo e sabe...

O SR. DEPOENTE - Percebe, percebe.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Quer dizer, acabou. Acho que ficou claro. Quer dizer, se quem está apenas frequentando percebe, como que pessoas que além de

frequentar ainda estarem na responsabilidade de direção podem não saber? Mas acho que já ficou claro. Acho que o seu depoimento fica bom neste sentido de que você não é da diretoria, não é isso?

O SR. DEPOENTE - Não, nunca participei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não é da diretoria, você não é de nenhuma comissão especial, você foi lá enquanto estudante, quanto participante como milhares que foram lá. E você foi apenas duas, não é? E nessa que você foi você percebeu, né?

Então, é, aproveitando também que você está fazendo um depoimento muito interessante, o que você acha, o espaço da Atlética é um espaço público, não é? É um espaço cedido, não é isso? É isso presidente Diogo? O espaço da festa é um espaço cedido não é isso?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É uma área pública.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Uma área pública, né?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estadual, da USP que ela cedeu para a Atlética.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Estadual?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu pensei que fosse municipal, é estadual.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu também pensei que fosse municipal, então é estadual?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estadual.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Bom...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – No início lá...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O fato dele ser cedido não perde a característica de ser área pública, continua sendo área pública sendo usada por uma entidade, não é?

Na sua opinião, na sua análise você acha que este espaço público da Atlética, esse espaço que foi cedido para continuar a função de espaço público, porém sendo usado pela Atlética é usado de maneira correta, ética, com a finalidade pública ou desviou-se das suas funções enquanto espaço público?

O SR. DEPOENTE - Espaço público? É, eu acho que não é um espaço público na verdade. Se fosse um espaço público ele poderia ser frequentado por todas as pessoas como uma praça ou um parque. De fato eu acho que ele não é, é um espaço da

universidade, universidade pública, não é? Mas ele é de uso exclusivo do estudante de Medicina para finalidade...

Assim, as pessoas que, só os estudantes de Medicina utilizam para treinar para as competições, treinar competitivamente. Como está salientado nesta carta que foi veiculada aí pelos outros estudantes da área da Saúde, eles não tem acesso.

Eles, eu acho que, eu não sei como, eu não sei assim dizer, mas no momento eu não sei dizer questões administrativas, o porquê, como isso é feito, mas pelo menos quando eu estive na Atlética eu não presenciei alunos dos cursos, a não ser o time de Rúgbi feminino em que as meninas da Enfermagem treinam lá sim. Inclusive acho que elas treinam lá sim, as estudantes da Enfermagem. Tem um time de Rúgbi feminino, mas esse time de Rúgbi é um time da Atlética da Medicina. Elas não treinam enquanto estudantes de Enfermagem, mas treinam enquanto parte da Atlética, lá.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Parte da Atlética.

O SR. DEPOENTE - Da Faculdade de Medicina. Acho que é o único conhecimento que eu tenho de que outros estudantes usam, mas fora esse eu não sei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aquele evento chamado Churrasco da Invasão, né? Você participou de algum?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nunca participou?

O SR. DEPOENTE - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas ficou sabendo que existe, tal?

O SR. DEPOENTE - Sim, já ouvi falar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você tem algum conceito sobre esse evento ou não? Alguma..

O SR. DEPOENTE - Conceito?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É, você tem alguma opinião sobre isso, ou...

O SR. DEPOENTE - Não, com relação a isso, não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não? Está bom, obrigado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E da Poli? Você participou de alguma Maratoma, viu? Não estou...

O SR. DEPOENTE - Não, assim...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Já que você...

O SR. DEPOENTE - Eu vi, não eu vi outros...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como é uma Maratoma?

O SR. DEPOENTE - Eu não cheguei a prestar atenção, eu só vi depois que o professor mostrou na aula o vídeo. Eu não cheguei a ver quando eu estava lá.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O que é aquele conteúdo colorido, o professor falou?

O SR. DEPOENTE - Não, o professor...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aquele negócio que o cara põe e vai voitar.

O SR. DEPOENTE - Não, não falou. Assim, eu, é que eu fiz, primeiro eu passei na Unicamp, eu passei em primeira lista na Unicamp, quando eu entrei na Poli já

estava acontecendo este tipo de semana de recepção, mas como eu entrei atrasado eu não interagi tanto nessa parte, eu comecei a fazer mais amizade...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas você sabe, eu sei que você está com dificuldade de falar coisas fatuais que te coloquem como delator. Tem Maratoma até hoje na Poli?

O SR. DEPOENTE - Eu não sei dizer atualmente se tem ou não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Sabe onde tem?

O SR. DEPOENTE - Não, não sei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só estas da internet que nós temos que copiar isso.

O SR. DEPOENTE - É, isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Porque você não imagina como esse negócio de Maratoma é importante para a gente.

O SR. DEPOENTE - Eu sei que o senhor consegue ver no hospital registro de alunos que foram admitidos

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Lá na USP?

O SR. DEPOENTE - Por uso de intoxicação com substâncias.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Lá na USP?

O SR. DEPOENTE - É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas aí é prontuário, nós não temos acesso.

O SR. DEPOENTE - É, não sei, é. Tem sigilo do paciente, o prontuário pertence ao paciente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas só tem trabalhos publicados, né?

O SR. DEPOENTE - É, pode ser que eles partiram dessas informações, eles...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Podia procurar a bibliografia do professor Lotufo.

O SR. DEPOENTE - Se o senhor mandar um e-mail para ele, vai ter prazer em ajudá-lo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deve ser mais... é. Legal.

O SR. DEPOENTE - Inclusive tem o site dele. Chama drbartto.com.br, se quiser ver, ele divulga informações, ele faz...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É bartho, com "th"?

O SR. DEPOENTE - Dr. Barto com um 't' só, acho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É?

O SR. DEPOENTE - Se der pra pesquisar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por favor, por favor vê se acha.

O SR. DEPOENTE - O professor faz um trabalho em escolas públicas e escolas, universidades. Ele já fez trabalhos no Mackenzie, na FAAP. Inclusive ele citou que no trabalho que ele fez na FAAP ele perguntou para o diretor lá, o senhor conhece o uso de álcool, tal...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você pode ajudar o Danilo também está... Dr. Barto, é?

O SR. DEPOENTE - É. É o site dele.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ah, é?

O SR. DEPOENTE - Ele é um site com material que ele promove para as escolas, para as universidades e tal.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você não pode, não quer mostrar? Dá uma lida nisso aqui, por favor. Lá de Goiás. Pode vir, você não vai ser filmado, lê isso aí.

O SR. DEPOENTE - Festas para calouros anuncia tequila grátis para mulher que usar minissaia. Nunca ouvi falar disso aqui em São Paulo, não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É em Goiás. Estou te pondo ali uma, em uma, dizendo que existe né?

O SR. DEPOENTE - Esse site é legal. Eles fazem bastantes ações. Esse professor que tem esse projeto.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Como é que chama o site?

O SR. DEPOENTE - Tem material, livretos. Você pode imprimir o livreto. Então aí o senhor consegue ver todo o trabalho que o professor faz com relação a essa temática, e esse projeto que ele tem, né? Ele me permitiu falar sobre isso aqui, não é?

Tem parte sobre calouros aí, olha.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Olha, está falando do Edson aqui.

O SR. DEPOENTE - É, perder alunos com situações parecidas e trágicas. Aí teve um aluno que, da mesma universidade da FEA faleceu atropelado na Rodovia Raposo Tavares...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Voltava de uma cervejada. Foi atropelado, meu Deus do Céu. Sobe um pouquinho, não, para baixo. Desce então, desculpa.

O SR. DEPOENTE - Olha, (ininteligível) acadêmicos Atléticas da escola mais festeira apresentaram como solução dos problemas disponibilizar ambulâncias nas

festas para que seus colegas possam receber cuidados ali mesmo não perturbando a dinâmica do hospital.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – " Quiseram, portanto, tapar o sol com a peneira. O problema não era e não é o movimento do hospital, mas sim a bebedeira exagerada que coloca em risco o bem estar tanto dos próprios estudantes como da comunidade em torno das universidades, pois, como sabemos, muitos destes jovens deixam as festas dirigindo. A média de ingestão de bebidas alcoólicas é de quatro doses ou latas, variando de 0 a 10. Não houve - sobe um pouquinho, por favor - não houve diferença comparando o grupo que iria dirigir com aquele que não iria dirigir. E o pior, quem não iria dirigir ia embora com aquele que bebeu. Ano retrasado, em outra universidade particular, outra tragédia evitável atingiu um aluno. Em uma balada, dois alunos desta outra universidade se envolveram em uma briga, na qual um deles acabou tendo sua jugular perfurada por um copo quebrado, falecendo instantes depois. Filho de um colega de turma do Dr. Bartô", putz grilo.

Meu Deus do céu! "Algumas dicas para que você curta sem exagero".

O SR. DEPOENTE - Só queria falar que essas dicas aí são do final do ano passado, acho que diante de toda repercussão e tal, a última festa da Faculdade de Medicina do ano passado ela mudou realmente o caráter. Então tinha água, estavam oferecendo comida, tinha uma restrição ao uso da cerveja. Eles forneceram...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas água quando tem festa tem que por bebedouro agora, não é? Quando o pessoal, porque é muito...

O SR. DEPOENTE - Eu acho assim, eu vim aqui para apontar este problema, mas eu também devo de certa forma elogiar até, a iniciativa da CPI da Universidade

porque, pelo menos a última festa que eu frequentei levou em consideração essas considerações que o professor faz, né?

Acho que é um molde a ser seguido, né? Não proibir, mas seguir isso, né? É o que eu defendo. Talvez, e o professor também defende o fim das festas open bar e a mudança das festas mais para este caráter aí, né? Evitar a mistura com energéticos que mascara o efeito do álcool, usar alimento, limitar pelo preço ou pelo acesso a quantidade de bebida que se tem acesso na festa, tal.

Porque assim, é difícil você também conseguir proibir, eu acho né? Porque de certa forma os estudantes vão achar outros caminhos e tal.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Volta um pouquinho naquele acidente do copo que cortou a jugular. Precisava trazer este professor para depor gente. Está bom. Quer falar mais alguma coisa para concluir?

O SR. DEPOENTE - Não, acho que já falei bastante, já.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Legal, muito obrigado. Obrigado mesmo. Legal, vamos lá? Chamar o outro depoente, obrigado, viu? Peço desculpas ao pessoal da Casa que está tantas horas aqui. Obrigado vu, obrigado mesmo. Vamos lá?

Se apresenta, se identifica, por favor.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Boa tarde, eu sou Augusto Ribeiro Silva, já depus nessa CPI, já depus na primeira audiência da Comissão de Direitos Humanos. Eu vim aqui para falar basicamente dos espaços da Atlética e mais alguns detalhes em relação às atividades da Atlética.

Então a Atlética...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pode comentar um pouco aquelas acusações que o Bolini faz naquela carta a você, seus companheiros?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Acho que vai ser extenso isso, mas a gente pode avaliar a carta, eu não lembro direito o que estava escrito.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vai fala o que você...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Assim, pra começar eu queria trazer o que o outro depoente falou em relação à integração da Poli que assim, o IntegraPoli é uma gincana...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Desculpa, mas você poderia ais uma vez falar que ano que está pra gente...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Ah, tá. Eu sou Augusto Ribeiro Silva, estou no quarto ano agora da Faculdade de Medicina da USP, eu participei da Atlética e do Show por dois anos, e é isso, Daí que vem a minha experiência com isso.

Em relação ao IntegraPoli ele é uma gincana entre os cursos da Engenharia da Poli e ele acaba afetando aos outros cursos da Universidade, por isso que eu sei algumas coisas a respeito disso. Eu sei que em 2013 houve um problema grave porque uma das provas dessa gincana que é uma lista de atividades a serem realizadas por calouros e

sempre filmando. E aí quando a atividade é feita, filmada e mostrada atribui-se aqueles pontos ao curso do calouro que realizou.

E nesse ano de 2013 tinha uma prova que era, estava na moda na época, tirar, filmar vídeos em que se ejaculava em mulheres, sendo que elas não sabiam o que estava acontecendo, e uma das provas era isso. Fazer um vídeo disso, um...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vídeo de que?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Uma das provas era um calouro filmar ele ejaculando numa mulher que não estivesse esperando, assim de surpresa. Sim, ejacular. E é uma violência sexual e houve uma grande polêmica do Movimento Feminista, foram tipo, pra cima disso e eles tiveram que reformular o processo todo. Inclusive porque eles divulgam o edital desta gincana na internet. Não sei se este ano eles vão fazer isso, mas geralmente eles fazem isso. É o que eu tenho para falar da IntegraPoli.

Em relação à Atlética, a questão é a seguinte. A Atlética é gerida como um grupo, um clube privado. O acesso preferencial é dos alunos da Faculdade de Medicina da USP, inclusive tem território de uso exclusivo como o Caveirão.

O Caveirão inclusive tem uma placa na porta, o Caveirão é uma quadra maior lá, reformada, em que ocorrem os treinos que ocorrem em quadra em geral. E está escrito assim, "O Caveirão é de uso exclusivo dos acadêmicos". Os acadêmicos no caso são os alunos da Faculdade de Medicina da USP. Então, nem os sócios que pagam anuidade no caso, tem acesso ao uso desse espaço, é exclusivo.

Os associados que são parentes de alunos eles têm um desconto, os associados que não têm nenhuma relação com a Atlética pagam uma anuidade e tem que renovar todo começo de ano. Eles fazem uma campanha para renovação e isso é declarado por eles como adesão e renovação dos sócios.

Os alunos são incentivados também a pagar, eu lembro que quando eu pagava era uma quantia de 180 reais anuais e o...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É opcional?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não, não é opcional. Inclusive a gente tem relatos de pessoas que foram impedidas de entrar na Atlética por não pagarem anuidade. Tem uma catraca na porta com controle de digital, biometria.

O depoente que falou antes de mim falou sobre o time de Rúgbi feminino, inclusive esse time de Rúgbi feminino é uma equipe que começou a pouco tempo incipiente e por causa disso eles precisam da ajuda de alunas de outros cursos do quadrilátero e essas pessoas são pressionadas a pagar anuidade que para elas, sendo alunas da USP e não do curso é um valor bem alto assim, acho que é cerca de 400 reais anuais. Se não me engano, o valor a ser pago pelos sócios que não tem vínculos com a Atlética é de mil reais anuais. E, basicamente isso.

O que a gente percebe nas megafestas assim, é que é um espaço pelo qual não se paga porque é um espaço público, principalmente aqui na Capital e que não tem grandes custos e você contrata equipe profissional para montar a festa que é o caso da Carecas e Fantasias e elas são festas muito lucrativas com uso do espaço público assim.

É o que a gente vê, o que a gente ouve é que a Atlética se financia através disso porque a nossa Atlética não tem característica de receber muitas doações de velhos. Algumas Atléticas vivem disso, mas a gente é sempre pontuado disso.

Eu convivi muitos anos com ex-diretores da Atlética e escutava as conversas e sempre conversava com eles sobre isso e era uma grande fonte de renda para a Atlética inclusive, e seria interessante obter essas contas e saber como é administrado esse dinheiro, porque afinal de contas é uma instituição sem interesse de lucro gerindo um espaço público.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A diretoria da Atlética é formada por alunos, né?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E quando o aluno se forma obrigatoriamente ele tem que sair da diretoria ou pode permanecer ainda?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Tradicionalmente a gestão da Atlética é composta por alunos do terceiro ano, por um ano. Isso é uma tradição que é seguida bastante à risca, assim. Então, no quarto, quinto e sexto anos a pessoa é um velho da Atlética e ele não participa mais da gestão, não...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Administrativa.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É, não é... Mas ele ainda tem voz.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você verifica se, por exemplo, tem pessoas até já formadas que de repente tem um grau de influência na diretoria? Ele não pode ser diretor evidente, mas que tem algum grau de influência, participação?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, sim. Eu posso falar disso. Inclusive um dos motivos de estar aqui depondo hoje é que nos meus outros depoimentos eu ocultei, eu não falei algumas coisas porque eu não tinha interesse de

expor a vida pessoal de certas pessoas com quem eu convivi, mas a revolta é tão grande com a posição deles de vir aqui e chamar as vítimas de mentirosas, as vítimas de violência sexual e que tipo, sofrem a violência repetidamente por tentarem buscar justiça para os seus casos, e só sofrem mais violência assim.

E eu vejo que foi uma violência esse grande cinismo aqui que aconteceu de alguns dos depoentes que vieram aqui e eu quero falar sobre as coisas que foram negadas e que são na verdade corriqueiras no espaço da Atlética.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Fique à vontade.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Então, o que acontece é assim...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Fique à vontade...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu participei do time de Handball e o que eu ouvia das outras modalidades, eles faziam mesmo. E eu presenciei isso, é uma coisa que acontecia de duas a três vezes por ano, que era a contratação de prostitutas pra realizar o trabalho de prostituição dentro do espaço da Atlética, contratadas por alunos e isso era uma coisa corriqueira.

Tem o exemplo de outros times que fazem o mesmo, o Futebol de Salão, é...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você nem está dizendo da festa, está dizendo, até fora da festa?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É, de madrugada. O uso do espaço é tão livre, eles contratam a segurança e as pessoas, os funcionários e lá eles tem plena liberdade de fazer o que for naquele espaço.

Outras modalidades, futebol de salão, é bom, não consigo falar com certeza de outros.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Deixa eu ver se eu entendi. Vamos pegar um time, futebol de salão. Se ele tiver direito ao uso da Atlética ele pega ali de porteira fechada e pode fazer o que quiser, até jogar futebol de salão, é isso? Seria isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não, a questão...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ou entendi mal, estou te perguntando só para entender mesmo. Você falou assim de contratação de prostitutas e perguntei quem faz isso. Você falou grupos que usam a Atlética, não sei se eu entendi mal.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - São alunos que praticam esportes e são ativos na modalidade da Atlética de futebol.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então vamos super que ele está em um coletivo de futebol de salão, por exemplo, E aí quando ele pede pra fazer uso da Atlética ele pode fazer uso, só que ele não faz uso só pra futebol de salão, é isso? Aí vem as prostitutas e outros programas também, é isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É uma parte da cultura de cada time, assim. Você vê, pelo menos no Handball que foi o que eu presenciei mais próximo...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Está certo, vamos pegar o Handball.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Os calouros eles são incentivados, são pressionados a comparecer nesses eventos que acontecem dentro da Atlética e eles têm que ir pelo menos uma vez, entendeu? Para ver o que está acontecendo e para ser colocado dentro daquele segredo e pra ele saber que se ele falar sobre isso ele vai ser exposto também.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ele é colocado a princípio para assistir o jogo de Handball, é isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não, a questão da prostituição dentro da Atlética.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você falou que o calouro é convocado e obrigado a ir,

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Aos eventos de prostituição dentro da Atlética.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Desculpe, o que isso tem a ver com o Handball? Eu não...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - São sociais, são festas feitas por integrantes do time dentro daquele espaço.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então, vamos supor que estes integrantes...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - São confraternizações realizadas dentro da Atlética a noite com a presença de prostitutas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O grupo de Handball fez a confraternização, né?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aí esse grupo de Handball são veteranos?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - São.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Obrigam os calouros...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O time inteiro, na realidade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Heim?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O time inteiro, na realidade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Veteranos, né?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aí obriga os calouros a irem nessa confraternização.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Os mais novos que estiverem presentes, eles, que estiverem praticando esportes também, que estiverem inseridos na modalidade, na lógica daquele time, eles são incentivados a participar desses eventos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E podemos até imaginar que se não foi não entra no time

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É difícil de dizer isso, mas eles iriam encontrar grande resistência das pessoas, assim, tipo, se ele se colocasse dessa maneira.

Ele não é obrigado a consumir prostituição, mas ele precisa estar presente, porque as modalidades mais radicais pressionam para que você esteja presente em todas as atividades sociais do time.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E quem faz a contratação das prostitutas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Os próprios alunos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Os próprios alunos.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim. é, inclusive é, você vendo que isso é uma coisa corriqueira a contratação de prostitutas para o espaço da Atlético você vê que realmente é muito cinismo você chegar e negar que existe prostituição, por exemplo, nas festas, assim.

Eu já conversei com pessoas que inclusive tipo, participaram ativamente da contratação assim, para levar para a festa e você chega lá na festa e quem estiver, por exemplo, na barraca do judô, vai ver que tem uma mulher que foi paga, que foi contratada para estar dançando em cima do balcão e fazendo body shot, as pessoas bebem tequila do decote dela, por exemplo, da barriga dela. Isso é uma coisa corriqueira nas festas. Eu já fui na Carecas no Bosque e já vi isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não tem como falar, não, isso aí...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se você já foi na barraca do Judô você vai ver isso. Inclusive é muito cinismo também a gestão da Atlética que são pessoas que estão sempre lá falarem que não sabem o que é cafofo.

Eu como uma pessoa que nunca foi gestão da Atlética, nunca participei de barraca, mas só de ir num dia antes da festa e passar pela Atlética eu vi os alunos montando as barracas que iam ser usadas no dia, no próximo dia. Inclusive eles pegavam empréstimo de sofás do CAOC pra colocar nessas barracas, entendeu? Para provavelmente a prática sexual. Você pensa que se for meramente um depósito de bebidas, qual a função de ter sofás nesses lugares?

E não são só sofás, tem colchões também, segundo relatos. Eu nunca, nunca vi um cafofo por dentro assim, ou entrei durante uma festa, mas você vê eles sendo montados no dia anterior, você percebe que está acontecendo, que as pessoas estão entrando e saindo daquele lugar, casais.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É difícil imaginar que ali é um simples depósito de bebidas, né? A coisa é muito evidenciada, né? Não precisa ser de, nem de alta diretoria, nada.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Inclusive nas festas existe um, essa questão bem grave assim, que é a gestão da Atlética apesar de falar que eles não contratam prostitutas, eu acredito que eles não contratem. A gestão não contrata, mas eles são coniventes até pelo que...

É fácil de entender quando você observa a estrutura altamente hierárquica dessas instituições, que as pessoas mais velhas que tem acesso a essas barracas, elas fazem pressão para que elas continuem existindo. Inclusive elas têm, elas podem praticar violência contra as pessoas da gestão, como já mostrei o vídeo do Pasco a outra vez que eu vim aqui.

Então fica fácil de entender como a gestão não, ela entende o risco para as pessoas vulneráveis na festa de ter esses espaços lá, mas elas não conseguem tomar uma atitude em relação a isso porque, elas não tomam as decisões efetivamente, entendeu? Elas...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você acha que existe um poder paralelo?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pela sua descrição aparenta um poder paralelo aí, né?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A pessoa que está tanto tempo...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É a hierarquia informal que é criada através do trote.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Hierarquia informal, é. E nesse caso pode ser pessoas já formadas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Pode ser. As pessoas já formadas, inclusive elas participam das barracas, vendem bebidas, manipulam bebidas durante as festas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nessa festa a entrada é única? Ou tem várias entradas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A entrada é única.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Entrada única. E para a pessoa entrar ela presta, o que ela tem que...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Ela tem que apresentar o ingresso que é um cartão magnético.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E a prostituta, como ela entra?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A prostituta? Eu não sei, nunca presenciei um caso desse.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas entra...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Mas eu imagino que seja que ela entre como uma pagante. Eu imagino que é o que seria possível.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu estava imaginando dentro desta lógica que a única maneira dela entrar é havendo já o pacto com o segurança, o pacto com quem está lá na porta falando "essa aqui..."

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A questão é que é uma megafesta organizada por acadêmicos, estudantes de Medicina e muito fácil de entender que eles não tenham controle sobre as milhares de pessoas que estão naquele espaço. A segurança acaba colocando gente pra dentro com suborno, entendeu? Tipo, a própria gestão não exige que todos paguem ingressos e deixa algumas pessoas passarem, entendeu? É uma situação bem caótica assim. Eu consigo entender a sua pergunta, você quer saber se...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Se tem alguma convivência.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se há uma convivência da gestão?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu acho que existe a convivência, eu imagino que sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Porque se a diretoria da Atlética falar não, eu desconheço a presença de prostitutas, né? E tem, você trouxe uma tese interessante, de repente pode até não serem eles quem contrata, mas esse grupo de alunos que contratam.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu estou te trazendo aqui muito provavelmente não é a gestão quem contrata...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Agora, um grupo de alunos não daria para fazer de maneira autônoma se não tivesse o apoio da direção porque como é que vai entrar? Quer dizer...

SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim. Inclusive os alunos que realizam essas ações não são gestão diretamente, mas eles têm poder sobre a gestão. Pelas práticas violentas que eu já descrevi pra vocês, entendeu? Então não é a gestão que pratica o ato diretamente, mas eles estão rendidos, entendeu? Eles precisam ser coniventes com isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esse poder paralelo na sua opinião é mais forte que a diretoria?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É, quando o assunto é manter privilégios desse grupo que é mais velho, eu acredito que sim. É um grupo que está muito interessado nisso, em manter os privilégios deles. Eles não querem que acabe o cafofo, eles não querem que as competições fiquem menos divertidas para eles e em relação a isso eles vão agir.

A gestão tem toda a dor de cabeça de administrar o clube e organizar as competições.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Augusto, você acha possível a gente imaginar que alguém da diretoria venha nessa CPI e negue tudo, mas no fundo, no fundo ele está negando porque caso ele não negue esse poder paralelo pode lhe causar algum tipo de prejuízo?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Acho que assim, a gente vê na Medicina e é uma coisa, é uma preocupação entre os alunos que justifica a omissão na maioria dos casos e é a preocupação com a carreira, é a preocupação porque a, porque você vê a perseguição que os alunos da PUC-Sorocaba estão sofrendo, por exemplo, e ficou evidenciado aqui na CPI hoje.

Todos têm medo de passar por isso, inclusive eu imagino que a diretoria da Atlética não vá admitir certas coisas porque isso é responsabilidade deles inclusive estarem admitindo ilícitos deles.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas você não descarta a possibilidade de ter uma...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Estou falando de perseguição.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Perseguição que pode se dar durante...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Perseguição profissional.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT –Durante e após a conclusão do curso, pelo que eu entendi.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, na vida profissional.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Na vida profissional.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Você está no quarto ano agora?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você se forma daqui dois anos? É isso mesmo?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Três anos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você teme, vamos por aqui cinco anos, vai. Cinco anos você já está bem instalado no mercado, tal, né? Se Deus quiser, né? Você teme que você possa, se nada mudar, por causa da sua postura, vir depor, falar, se expor. Você teme algum tipo de retaliação lá na frente, prejuízo, alguma coisa que te prejudique?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu estou certo que muitas portas em algumas carreiras já se fecharam pra mim...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Já se fecharam?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Por ter feito essas...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Já fechou?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, eu não conseguiria me inserir em algumas especialidades médicas, com certeza eu tenho isso pra mim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você vai optar por qual especialização?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu não sei ainda.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não sabe. Você vê possibilidade de que alunos como você que está no quarto ano, terceiro, quinto ano que já estão presentindo que lá na frente a coisa pode ter retaliação, você vê a possibilidade de vocês terem algum tipo de organização, algum tipo de coletivo que possa fazer frente a isso que você vislumbra lá na frente?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Ah, o que eu vejo que é possível de ser feito é uma rede de apoio assim, uma rede entre instituições de pessoas que estão nessa situação e que se apoiam, mas é uma questão meramente da vida pessoal assim. Eu não vejo como a gente possa se proteger de perseguição profissional.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Microfone sem fio.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Está com quantos anos hoje, Augusto?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Vinte e três.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vinte e três. Você se forma com 26.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Vinte e sete mais ou menos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vinte e sete.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Augusto, deixa eu falar uma coisa. Eu, com quantos anos você entrou na escola?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Na Faculdade de Medicina eu entrei com 19 anos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vou te falar uma coisa, viu Augusto. Você, sua namorada, você, sua namorada, como é o nome dela? Ana, não é?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Ana Luiza.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Hã?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Ana Luiza.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ana Luiza, Scalisa, o Allan são os criadores dessa CPI, eu te admiro, viu cara? Te admiro, te respeito.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você é um cara muito corajoso. Muito corajoso, muito correto. Eu li na revista Piauí o jeito que vocês vivem lá na república de vocês. Você é um garoto de ouro, parabéns. Como você é corajoso.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Obrigado, vindo do senhor significa muito.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – é verdade, o pessoal fica criticando, fala o que o Augusto vem aí pela terceira vez? Vocês é que criaram esta CPI, vocês é que criaram este movimento. Tenho certeza de que vocês vão ser reconhecidos por tudo o que vocês fazem.

Espera aí, deixa eu... Quando eu comecei a CPI eu não entendia nada desse mundo aí, né? O Koba veio aqui, falou tal. Seis meses no meu ouvido falando, estava achando que estava todo mundo louco. Mas hoje, foi uma das coisas que mais me engrandeceu na vida como ser humano para entender tanta coisa.

Deixa eu fazer, é pergunta, não é que eu vou por a minha pergunta na sua boca para você fazer dela resposta. Eu tenho uma dúvida, como é que gente que acredita nesse negócio de fazer treinamento, dia e noite, de ser um tremando de um atleta, um espartano, como é que os caras tem um outro lado da medalha, que é fornecer bebida, droga, envenenar, tal.

Então eu queria entender, eu acho que tem, e aí eu faço uma pergunta. Eu acho que tem o seguinte, os caras são muito novos, tem uma linha ética que eles trouxeram de casa, mas os caras se encantam com o mundo do entretenimento. Os caras quase deixam de ser médicos para virar promotor de festas, de, aí os caras são convidados né? O menino falou, quem é que faz as festas? Bom, era um cara lá de Maresias que o cara trazia os equipamentos, DJ, vídeos, as strepers e por aí afora.

E aí esses caras que eram caras estudiosos começaram a frequentar as boates, tal e o cara fica dividido em ser médico ou o cara mergulhar nesse mundo, né? Ou faz os dois. Aí aprendi também que isso vira uma profissão, tem cara que vira agente de boate, contrata menina, né? Enfim, é o mundo, mundo.

Agora, lógico que o cara que entra na Pinheiros te o futuro garantido. Porque ele vai se meter nesse mundo complicado? Mas lógico, o cara ganha camarote de carnaval da cervejaria, vai para o Rio de Janeiro, alguns vão até para o exterior, ganham passagens, enfim, é o mundo. E é um mundo fascinante, o mundo da noite, né?

Então, eu queria primeiro que você conceituasse. Você falou com muita coragem, os caras são todos mentirosos. Montam cafofos, contratam. A primeira pergunta, são só duas festas? As duas grandes? Porque os meus amigos que moram lá

no entorno falam que aquilo virou uma franchising de boate. Tem festa pra cacete, principalmente no fim do ano.

Mas no calendário oficial tem o Carecas no Bosque e a outra, a enfim. é, outra coisa, ninguém faz festas pra receber os amigos com três, quatro mil pessoas, né? Terceiro, rola grana, ninguém presta contas de nada. Pra achar essa grana está a maior dificuldade, a maior dificuldade. É o segredo mais bem fechado.

Aí os caras vão para a Calomed, vão para as Intermed e aí a grana rola mais ainda. Droga é como se a gente fosse do Denarc aqui, né? Além de ser moralista, não sabe que a juventude convive com álcool, com droga, como se nós fôssemos Polícia.

Então estou fazendo toda, porque esse negócio de veterano eu sei que é o negócio de veterano, de médico formado, residente. A cadeia de poder, quem vai entrar na residência, os cursinhos, revalida. É tudo... Revalida é mais caro do que fazer uma faculdade do zero.

E a Atlético é esse polo de poder, esse polo de poder. Polo de poder político, é o cara que não contesta a faculdade, que está sempre a favor da direção e vem aqui e ficam contando todas essas mentiras protegidos por advogados caríssimos que nós não sabemos quem paga, né? Se é a direção da faculdade, se são os médicos ricos, ou se são esses poderosos das festas, ou se são as fábricas de cerveja que estão pagando todos estes advogados.

Bom, fala um pouco Augusto. Como eu sou mais direto para fazer perguntas, fala o que você pode falar ou o que você sabe, vai, fala.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Tá, eu vou seguir uma linha aqui, se eu esquecer de responder alguma coisa o senhor me lembra.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Voz sobreposta) Todo mundo que dica falando que nos não temos o que fazer, não são as pessoas que estão nessa sala, que ficam criticando, porque o Augusto vem tantas vezes, porque o Allan vem tantas vezes, porque o Scalisa vem tantas vezes, porque eles criaram a CPI. Nós

aprendemos tudo, tudo, tudo deste mundo principalmente com este menino aqui, discreto, comentou todo o documento do Bolini do Show Medicina.

Porque tem duas formas de prostituta, viu Marquinho? Uma é no Show Medicina, que os caras são levados para o motel na Raposo, tal. E nas festas tem um negócio, porque tem as prostitutas, tem as strepers, e os caras misturam, misturam, né? Os caras são meio empresários de festas, meio sócio de boate. Aí o cara entra nesse mundo aí, entendeu? Vamos lá, Augusto.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Então, uma questão que deixa a investigação confusa em muitas situações é que a gente tem um padrão que se observa em praticamente quase todas as escolas de Medicina de São Paulo, um padrão de trote, de violência, de festas, de uso de drogas, mas sempre que você vai olhar para a FMUSP é um caso mais particular assim, porque a gente já é uma Faculdade que trem aqui na Capital, está mais exposta à mídia inclusive, à atenção da mídia.

Então é, as coisas acontecem de uma forma velada muitas vezes por a gente já ter a história de um acidente fatal durante o trote. É um problema lidar com o nosso trote, então ele é velado e a violência acontece não na recepção, mas ao longo do curso, principalmente na Atlética, e o que a gente observa é que também na questão esportiva a FMUSP é particular porque é muito competitiva.

A cobrança de treinos é enorme, inclusive os alunos treinam em Pinheiros e muitas vezes têm aula na Cidade Universitária, então a aula é em período integral, então vai das oito a meio dia e das duas as seis, e aí o primeiranista nos três primeiros semestres os alunos tem basicamente aula na Cidade Universitária e eles tem treinos, por exemplo, no almoço que começa meio dia e termina as duas.

A aula dele termina meio dia e a outra aula dele vai começar as duas, então é impossível ele fazer esse trajeto da Cidade Universitária a Pinheiros para praticar uma atividade esportiva que começa pontualmente meio dia e acaba as duas da tarde e conseguir frequentar as aulas. Sair para um treino que começa às cinco da tarde, ele vai ter que sair mais cedo da aula.

As pessoas comprometem a vida acadêmica delas com essas práticas. É muito radical assim, eles contratam técnicos especializados em esporte universitário, eles treinam regularmente, são cobrados a estar presentes em todos os treinos, todos os sociais, participar de todos os sociais e a AAAOC vai para todas as competições para ganhar. Interusp, Calomed e Intermed, vai para ganhar.

Não é o caso de muitas outras Atléticas de Medicina que vão para tipo, participar da grande festa que é aquela competição, com todos os problemas dessa competição, tem violência, tem trote com os mais novos, abuso sexual nas competições também.

É, mas a Atlética da AAAOC se concentra muito nesta parte esportiva. Por isso eles recriminam o uso de muitas drogas que não é o caso das outras universidades do estado de São Paulo. Então, na FMUSP existe o uso de álcool e é isso assim. E as pessoas que treinam que usam muito álcool ainda são recriminadas. Ou que usam outras drogas durante as competições e festas, são recriminados. Isso é uma particularidade da AAAOC em relação aos alunos que treinam.

O que você observa é que o ambiente das festas universitárias é muito propício para estas festas grandes assim porque são festas baratas, não são tão complicadas de fazer, não tem regulação e elas, principalmente a nossa Atlética, conseguem vender ingresso a preços altíssimos assim. Então são muito lucrativas essas festas.

Acho que na Carecas que eu fui o ingresso começa a ser vendido a 50 reais para homens e 30 reais para mulheres e já aumenta, eu já vi venderem a 250 reais para homem no dia anterior da festa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Com cambista?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Com cambista. Sim, pagam. As pessoas pagam este valor pra ir à festa, as pessoas pagam este valor para ir à festa. E a festa não é open bar, no caso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Começa com 50 e aí conforme vai...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Vai aumentando, vão virando os lotes e vai ficando mais acro.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Igual passagem de avião, quanto mais próximo do evento, mais caro fica, não é? Entendi.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - E seguindo essa lógica, o senhor perguntou também da...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aproveitando, você falou assim, que os alunos tem que sacrificar o horário porque a aula acaba meio dia e tem que ir em outro local que acaba às duas e tem que estar às duas aqui. Agora, ele é obrigado a isso? Como é que isso acontece?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se ele quiser participar da equipe ele tem que ser pontual.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tem que sacrificar a aula, não tem jeito. Tem que sacrificar. Ou ele sacrifica a aula para estar lá no horário...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se ele atrasar na Atlética vai ser cobrado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ou está fora do time, é isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, em alguns casos, modalidades masculinas que praticam Pascu, se você atrasar vai tomar Pascu.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Se atrasar vai para o Pascu?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É. Em alguns casos de modalidades que praticam Pascu.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A título de curiosidade, já que é a Faculdade de Medicina da USP, ela se intitula a melhor do mundo, não pode perder nada, tal. Competição é competição, ela pode perder uma competição. Quando ela perde o que acontece?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Inclusive no ano passado a nossa Atlética não participou da Interusp e perdeu a Intermed. E assim...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – (Voz sobreposta.)

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Uma grande...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tem briga, tem revolta, tem bebedeira?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Tem decepção assim, você ver, por exemplo, a minha turma perdeu a Calomed, a competição de Calouros, a minha turma era caloura e perdeu. E aí você vê que tipo, é, comentários e as pessoas falam diretamente pra você, a sua turma é uma incompetente, vocês não têm o espírito da Atlética e aí quando se perde uma Intermed os mais velhos viram para o sexto ano daquela, as pessoas do sexto ano que teoricamente deveria ditar o ritmo da competição, elas são culpadas pela derrota e elas são marcadas.

Então a pessoa, ela se dedica por seis anos a isso, treina sacrificando a vida acadêmica dela, participa da competição alcançando um nível esportivo amador e aí porque não conquistou a vitória ainda não é reconhecida na Atlética, assim. É muito louco, não sei como alguém aceita uma coisa assim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pode continuar, passar para outro assunto.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O outro assunto que eu ia falar era a questão das festas em vários momentos na Atlética. Tem essas duas grandes festas que acontecem no espaço da Atlética além das competições que também são festas grandes, tem uma dinâmica de festas todos os dias durante a competição, os nove dias de competição da Intermed.

E na Atlética você tem as sociais de times, como funciona como um clube, funcionários do Hospital, alunos podem alugar o espaço para realizar confraternizações com bebida e música, então eu acredito que era disso que as pessoas estavam reclamando, os vizinhos assim. Os vizinhos, os hospitais que fazem fronteira com a Atlética, assim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Atlética mesmo só faz essas duas festas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, e tem as sociais dos times que são realizadas entre as modalidades, inclusive algumas deles como eu já narrei ocorre com contratação de prostitutas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O que ele falou no começo, presidente, deu um exemplo do time de Handball.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível - fala fora do microfone.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vai fazer uma confraternização, os novatos praticamente são obrigados a ir e lá tem, acontece tudo. E aí tem contratação de prostitutas, né? Nessas festas. É isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Augusto, quer dizer que nas barracas...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Isso são pequenas confraternizações internas das modalidades dos times...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aí quando fala...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não são as megafestas...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mais ou menos 300 pessoas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não, umas 30 pessoas, 20 pessoas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não é mais, não?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Confraternização de um time, uma equipe. Só tem os homens do time...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas não obrigam os primeiranistas...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Os primeiranistas que treinam neste time.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E somando tudo chega neste 30, 20 pessoas.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Trinta, 20 pessoas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O que é prostituta assim, menina de programa, que é? Prostituta é uma coisa de, uma coisa tão antiga, tão ridícula, mas o que é contratar prostituta, eu não entendo. Mas antes de responder, como é o negócio as barracas? As meninas, essas contratadas digamos, garotas de programa, sei lá o que, como é que? Na roupa delas, no umbigo delas toma bebida?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Conhecidamente o judô contrata uma mulher para dançar no balcão da barraca do Judô durante Carecas e Fantasias no Bosque e aí, você paga a mais pela sua bebida e aí você pode beber do corpo dela, chama Body Shot. Isso acontece todas as festas Carecas e Fantasias no bosque.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como é que se chama esse troço? Me explica.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Body Shot. Inglês.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nossa senhora!

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A pessoa bebe do corpo dela?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Qual era a sua última pergunta? Desculpa, eu esqueci.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu queria saber como é que, o que é e qual é, cada agrupamento Vôlei, Handball, Rúgbi, aí eles fazem as confraternizações e contratam as meninas de programa, é isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O Vôlei no caso eu não sei se eles fazem isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dei como exemplo.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Mas é, as modalidades que eu sei que fazem é Futsal e Handball.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Handball? Rúgbi, não?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Assim, o Rúgbi tem uma tradição de, inclusive eu ia falar sobre isso. Isso descreve bastante a cultura (ininteligível) que existe na Atlética, e racista inclusive.

As pessoas, existe uma brincadeira na Atlética assim, que faz parte da cultura esportiva, a questão da sorte. A questão da superstição, existe muito isso no esporte. E na Atlética isso se manifesta através de uma brincadeira que se faz que é da "Zica". Que é assim, quando você canta a vitória antes da hora você chama o azar e você traz a "Zica".

E outra situação que também causa a "Zica", é tudo uma grande superstição assim, formada por um folclore assim que se cria na instituição e aí existe uma brincadeira que é basicamente assim, pra você tirar a "Zica" antes de uma competição, para você...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mau agouro.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Para você tirar o azar antes de uma competição e ganhar a competição você tem que fazer, uma pessoa do time tem que fazer sexo anal com uma mulher negra. E aí nessa ocasião o time faz uma excursão, eu citei as modalidades que levam as prostitutas para dentro da Atlético, mas nessa ocasião que eu estou falando, uma modalidade da Atlético faz uma excursão para um prostíbulo e aí acontece isso assim, uma confraternização no prostíbulo e uma das pessoas fica encarregada de tirar a "Zica".

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você já foi para Intermed, Calomed, Interusp?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Já.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A pior é a Intermed, né? A mais violenta?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim. As Atléticas de Medicina em geral são mais violentas mesmo, mais competitivas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você conhece essa Liga das Atléticas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu já fui a uma reunião dessa Liga quando eu...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem uma Liga, tem uma direção permanente e os transitórios?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Que eu saiba não, ela composta por alunos das faculdades que são eleitos ali dentro dos grupos que votam, eu não sei como funciona exatamente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas rola grana lá, né?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - As competições esportivas custam bastante dinheiro para serem organizadas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Uma pergunta, dentro deste contexto que, hoje Faculdade de Medicina da USP, você saberia dizer mais ou menos quantos alunos nós temos?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A gente tem 180 alunos por ano em média, 185.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então seriam 180 vezes seis?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Vezes seis.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vezes seis, né? Então você tem teoricamente todo ano 180 novos médicos formados pela USP. Desses 180 você tem, dessas pessoas, tem pessoas que se dedicaram ao curso e tem pessoas que usaram muito do seu tempo para outras práticas, mas conseguiram também a média e se formou e tal.

Nesse grupo que eu espero que seja minoritário, essas pessoas saem, elas, que práticas elas vão ter? Porque quando uma pessoa está diante de um médico, a gente parte de um pressuposto que o profissional que está me atendendo tem conhecimento daquilo que eu estou narrando, ele vai, consegue fazer um diagnóstico, consegue... E não vai fazer comigo uma cobaia, né?

Mas este grupo que eu espero que seja minoritário e queria que você confirmasse ou não isso, que eles saem, ele sai apto a que? O que ele como é que ele vai executar a Medicina?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Assim, da minha observação, eu já ouvi relatos diferentes dias atrás, mas da minha observação na Atlética da FMUSP a gente vê que não é direta essa relação entre quem treina e quem vai mal na faculdade. Isso é uma coisa que não tem relação com o treino, assim. Isso já entra num questionamento assim, do nosso sistema educacional, se é necessário estar tanto tempo nas aulas, mas assim, você percebe que o rendimento não depende da pessoa treinar ou não, são coisas independentes.

Mas o que a gente vê é que realmente existe um prejuízo da pessoa, ela com certeza conseguiria se dedicar mais à faculdade se ela não praticasse isso, inclusive comete irregularidades para conseguir ter a presença nas aulas. Então, com certeza ela é prejudicada por essas práticas que colocam o esporte como prioridade na vida universitária.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você acha que aí pode ter uma origem de, por exemplo, alguns profissionais que atuam e que fazem diagnósticos tão fora da realidade, procedimentos que não condizem com os protocolos, daí que nascem esses tipos de pessoas e de profissionais?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Assim, o que eu vejo com as pessoas que assumem cargos nessas organizações estudantis assim, que cometem essas irregularidades elas, eu me preocupo com a capacidade delas de sentirem empatia e de ter uma prática médica humana, né?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Humana.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Mas, em relação ao desempenho acadêmico eu não acho que a atividade esportiva necessariamente prejudique o rendimento nas provas e eu também não acho que o rendimento nas provas seja tão importante assim para a prática médica no final, assim.

Eu acho que é uma coisa bem complexa assim, mas com certeza as pessoas colocam o esporte como prioridade na vida universitária estão se prejudicando na vida acadêmica delas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Marquinho...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu queria agradecer ao Augusto.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Koba.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - Só pra registrar...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Koba.

O SR. RICARDO KOBAYASKI - A polícia tentou entregar a notificação para a LEAMESP, para que o presidente e o tesoureiro viessem aqui depor e prestar contas, e no endereço que consta inclusive em junta comercial e tudo o mais, lá não existe este endereço. Só que nesse mesmo local que está registrado a LEAMESP, está registrado a Associação Paulista de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo e Compromisso com a Qualidade Hospitalar de São Paulo. São quatro entidades registradas no mesmo endereço ao qual a Polícia Civil foi e não encontrou nada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Minha nossa! Minha nossa senhora. Vivendo e aprendendo. Koba, Augusto, vem cá. Vocês têm como dar uma pesquisada quem está pagando esses advogados caríssimos aí, porque eles falam que são do Show Medicina, tem como tentar ver isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Quem tem as ferramentas é o senhor, né?

(Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Última pergunta. O que eu queria perguntar, espera aí, perdi agora... Depois desta resposta.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Depois dessa...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Essa foi forte. Outro dia nós estamos precisando de outros, é difícil achar vídeo de Pascu na internet?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, eu acho que único vídeo que foi feito eu mostrei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – As outras faculdades de Medicina fazem o Pascu?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Algumas Atlética fazem sim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Lá, quando tem Intermed tem Pascu, não tem?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Tem nos alojamentos da minha faculdade, eu não posso falar pelas outras.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem alunos que são especializados na técnica do Pascu?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não é uma técnica muito complexa assim, mas tem pessoas que tem um gosto especial por realizar essa violência, se observa isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem alguns famosos, assim, que estão na escola ou que já formaram, estão por lá? Que são adeptos dessa técnica?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Tem, mas assim, é difícil de apontar um indivíduo porque, assim como todas as outras violências relacionadas a trotes são violências cometidas em grupo. Então você nunca vai olhar e ver que tipo, um cara ele pega e comete um Pascu. Isso não acontece, ele tem que ter o respaldo das pessoas, em geral da turma dele, do time dele para realizar este ato.

As pessoas respaldam me participam e se sujam também, né? Porque é uma estratégia de silenciamento também, porque você não pode denunciar porque você também participou. Então ninguém vai fazer isso sozinho, ninguém vai se expor a isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – São muitas as vítimas de Pascu? Seria, nós podíamos fazer assim um dia uma audiência sobre Pascu e trazer várias pessoas que foram submetidas e que se propõem a depor.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Acho que seria passar uma tarde ouvindo as pessoas negarem, mas eu vejo modalidades em que o Pascu é uma prática tão disseminada que hoje em dia você olha, todos os veteranos já passaram por isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quais são as modalidades?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Handball, Futsal, Basebol...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Deixa eu ver se entendi. Negariam o que? A vítima de hoje, agressor de amanhã.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O agressor, o próximo agressor.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ah, tá.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vem cá, o Judô, você não falou nada do Judô, mas nós temos uma pessoa, um serial killer que é lá do judô.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O judô que eu saiba ele não pratica o Pasco, mas ele tem outras práticas tão duvidosas quanto.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Por exemplo?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Por exemplo, o que acontece nas barracas durante as festas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. A direção da escola, tem algum professor que é encarregado de fazer esse elo de ligação? Entre a Atlética e a Escola? E a, tem alguma...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O que a gente observa é que a gente tem alguns professores titulares que foram gestão da Atlética, que foram bem participativos na Atlética, inclusive na Semana de Recepção dos Calouros. O professor Eurípedes, titular da Psiquiatria...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dessa última?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Dessa agora.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele foi lá cantar o hino da Atlética.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Ele foi presidente da Atlética e ele deu um discurso para os calouros e pais e durante este discurso ele puxou o grito de guerra da Atlética, sim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você tem como mandar este discurso pra gente?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É, foi filmado, eu não sei se este vídeo vai ser disponibilizado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Foi filmado por quem? Pela faculdade?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Pela Faculdade, eu acho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vocês não filmaram?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Podemos requerer esse vídeo. Como é o nome do professor?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eurípedes.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eurípedes. No Show Medicina, tem professores assim como, que são assim como se fossem preceptores do Show, admiradores, entusiastas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Hoje em dia é menos comum. A congregação que é o órgão máximo de liberação dentro da Faculdade já foi composta por mais pessoas do Show, mas se observa que o Show atingiu uma dimensão, uma presença dentro dos alunos, dentro do corpo estudantil, corpo discente que ele passou a ser difícil de ser questionado, entendeu?

Se um diretor que quisesse tomar uma medida, por mais que o diretor fosse contra o Show, a gente já teve alguns diretores da Faculdade que não gostavam do Show por motivos óbvios, porque era complicadíssimo de ter uma atividade acontecendo daquela maneira dentro do espaço da Universidade, e eles não conseguiram tomar uma providência porque ia causar uma resposta negativa dos alunos que no fim das contas eles têm um grande poder ali dentro e ia causar uma reação midiática negativa, então eles preferiram se omitir.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A medida mais profilática que houve em relação ao trote, à Atlética foi a proibição do álcool, embora eles fizeram servir tudo naquele salgadinhos, teve toda uma pajelança lá, e aí esse professor foi lá e fez esse discurso.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O que a gente observa da proibição do álcool no espaço da Faculdade é que a grande utilidade que isso teve no fim das contas foi acirrar a perseguição que acontecia às pessoas vítimas de violência que vieram denunciar porque a responsabilidade pela proibição de festas e álcool foi atribuída a

essas pessoas que no fim das contas estavam procurando justiça para as violências que ocorreram com elas, e agora elas são responsáveis pelo fim da diversão na Faculdade.

Então, o que a gente observa é que você agravou o estigma que as pessoas carregam, elas estão sendo violentadas novamente pelas pessoas que viram as costas para elas diante das violências que elas sofreram, e no fim das contas não deixou os alunos menos vulneráveis, porque as festas continuam acontecendo fora.

As festas continuam, as confraternizações continuam acontecendo com o mesmo nível de abuso de álcool e agora longe dos olhos de todos. Você vê que a vulnerabilidade dos alunos, das alunas só aumentou.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Além daquelas do Etapa, da recepção...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A questão do Etapa é tranquila.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Essas festas fora estão documentadas?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - São confraternizações, é impossível de controlar. Elas podem acontecer a qualquer momento.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vídeos na internet?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Impossível de impedir jovens de confraternizar e...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Onde são, em baladas, casas de espetáculos?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Clubes...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A Atlética organizou Happy Hours, divulgou na internet fora do espaço da Atlética e da Faculdade, e as pessoas consomem álcool em bares próximos à AAAOC. A proibição não é uma forma de evitar problemas. É uma forma de afastar os problemas que também é de interesse da diretoria.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E o Show você acha que vai entrar algum processo revisional com a participação das mulheres, aquela obrigatoriedade de ficar 60 dias à disposição (voz sobreposta). Assistimos até a última versão, vários momentos eles falam que ficaram, 60 dias à disposição.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - É uma questão muito complicada a do Show Medicina assim, porque...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você não vê avanço nenhum, então proibiu o álcool, tal, jogou os caras pra outros ambientes e não houve avanço nenhum, você acha? Vocês fizeram aquele seminário o dia todo ontem lá...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Em relação ao Show houve um avanço porque uma das partes mais importantes do Show é a ocupação do espaço da Faculdade de forma totalmente livre, de forma inconsequente e muitas vezes vândala.

Então, o Show fora da Faculdade ele perde o sentido assim, ele perde muito a força.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não, estou dizendo do ponto de vista da imagem, Por exemplo, você acha o seguinte, o fato de ter proibido tal não mudou nada, só mudou de lugar, os caras continuam fazendo a mesma coisa.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Talvez o Show esteja fazendo fora da Faculdade, eu não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas você acha que o Show (voz sobreposta) fora da Faculdade?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se continuarem como estão é impossível dele ser realizado dentro da Faculdade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Se o que?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se as coisas continuarem como estão, a proibição e a postura do diretor continuar como estão (voz sobreposta)...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mesmo com o fim da CPI em 15 de março?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu não sei prever qual vai ser a mudança de postura da Faculdade diante do fim da CPI.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aquele documento que o Bolini escreveu é uma posição política. Você acha que é uma posição política dele, daquele grupo dele ou até tem gente de esquerda que ele cita, que contribuiu com aquele documento?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Acho que assim, muitas das pessoas que foram inseridas nessa lógica de violência, nessa lógica de corrupção, com certeza da impunidade, elas estão se vendo em uma grande contradição hoje, porque elas encaravam os crimes que elas realizavam como crime sem vítima, e hoje elas veem, é inegável, que estes crimes tinham vítimas.

Só que elas pelo meio em que elas estão inseridas, elas simplesmente não podem admitir os seus erros e lutar por mudança, elas têm que continuar lutando para salvar a imagem da instituição, porque a imagem delas denigra a imagem da instituição.

O que a gente vê com o Rodrigo Bolini é que ele quer se salvar e salvar o Show ao mesmo tempo e eu acho que isso é impossível de fazer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vocês têm feito este debate político lá sobre o show, sobre a...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Nesse momento de CPI não está acontecendo muito diálogo entre essas partes, as pessoas estão com medo de ser processadas, basicamente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está com o que?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Com medo de ser processadas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Marco Aurélio. Não? Eu precisava depois fazer uma discussão política com vocês sobre aquele texto do Bolini, porque sozinho eu não tenho como elaborar, eu vi aquelas respostas que vocês escreveram. Ontem eu tentei fazer a leitura do texto para tentar propiciar, mas acho que a gente devia fazer uma aula pública sobre o texto do bolini, sabe? Eu acho que aquilo não é coisa de uma pessoa, é a posição política de um grupo.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu acho que o grupo...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Reinaldo...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A minha opinião pessoal é que o grupo Show Medicina tem uma opinião bem mais radical ao que aquela. Eu acho que aquela pode ser a opinião de um setor dentro do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Mais progressista, se é que essa palavra cabe.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom. E você achou que o seminário de ontem foi importante?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Foi importante, foi sem precedentes na história da Faculdade.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É? Fala um pouco sobre isso. Todo mundo está cansado, mas é bom você fazer esse registro.

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu acho que foi a primeira vez que foi dado voz para esses grupos oprimidos dentro de um espaço oficial, de recepção de calouros na Faculdade de Medicina. E foi muito importante.

Muito importante pessoas falarem pelos negros, pelas mulheres vítimas de violência sexual, pelos homossexuais vítimas de homofobia.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E como esses grupos mais radicais, mais recalcitrantes receberam lá dentro da Casa de Arnaldo uma outra visão tal? Como está o clima? Como é que você avalia isso?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - A reação que se observa é uma defesa da instituição assim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então, você é bem pessimista, você não vê progresso nenhum, apesar de ontem...

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu vejo progresso nas pessoas que estão chegando e que não vão absorver esse discurso ufanista com tanta facilidade. Eu vejo que se o trabalho continuar por pelo menos seis anos a gente pode pensar num futuro melhor para as faculdades de Medicina do estado de São Paulo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você viu o reitor como parceiro nisto?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Se não trouxer repercussão midiáticas, sim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom. Eu estou agradecendo, a gente vai ter tempo ainda para amadurecer um pouco mais. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não, acho que é basicamente isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E a fala do Felipe foi boa hoje?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Tocou em alguns pontos importantes, sim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estavam todos os alunos do primeiro ano lá?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - O teatro estava cheio, mas nem todos eram calouros. Acho que não estavam todos os calouros lá, não, mas grande parte.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estava cheio?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim. Foi importante.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Qual você considerou o ponto alto ontem no seminário? Você permaneceu o dia todo lá, acompanhou tudo, do início ao fim?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não, eu acompanhei a parte da tarde. O ponto alto foi mostrar que a violência na FMUSP não se dá só com a agressão, ela se dá quando as pessoas se prontificam a falar que a experiência delas foi boa e que a Faculdade não é ruim, e relativizar a violência que as vítimas sofreram, sendo que ninguém aqui está dizendo que a experiência é negativa para todas as pessoas que estão lá. A gente está dizendo que violências graves acontecem e que elas devem ser apuradas e que pessoas são mais importantes que instituições.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Muito bem. Têm mais algumas coisas que ainda vocês vão trazer para a CPI, colaborar? Tem mais coisas pra trazer ou acha que o que tinha que ser apresentado e o nosso desempenho aqui está correspondendo às expectativas, como é que vocês avaliam? Vocês que estão de fora estão vendo tudo isso aqui?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Eu acho que é um mundo de violência que a gente está abordando e se aprofundando agora. Está sendo uma surpresa para todos, é difícil de encarar isso da melhor forma possível o tempo todo até porque os trabalhos estão sendo intensos, mas acredito que o trabalho está sendo positivíssimo, assim. E eu acho que em relação à FMUSP a gente já está perto de esgotar o debate, mas a gente tem muitas universidades de Medicina por aí que precisam ser debatidas também.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O que está acontecendo aqui na Assembleia, esta CPI, então na FMUSP chegou, está chegando em todos, todos sabem que está acontecendo isso, que está tendo uma CPI, que está sendo investigado, que o foco está lá, tem essa consciência?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Sim, todos tem essa consciência. Nem todos estão acompanhando o processo inteiro, mas estão recebendo meramente um repasse mastigadinho de veteranos que mostram só os erros do processo.

Mas a gente observa que está assistindo à CPI e vendo todo o trabalho, a gente vê que o saldo está sendo positivo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É isso o que eu ia perguntar, no geral o grupo dos estudantes avaliam que este trabalho veio para ajudar ou que está para travancar?

O SR. AUGUSTO RIBEIRO SILVA - Não está havendo um debate aberto em relação à CPI na Faculdade hoje em dia, mas pelo que eu vejo os alunos estão reagindo mal, os veteranos estão reagindo mal aos trabalhos da CPI.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Estão agindo mal.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom. Agradecendo todo mundo que veio depor, pessoal do apoio da audiofonia, Kobayaski, o procurador e jornalistas, pessoal da TV. Obrigado para todos, João da Comissão, todos. Dra. Carolina, todo mundo que ficou até agora, muito, muito, muito obrigado e boa noite. A sessão está encerrada.

* * *